



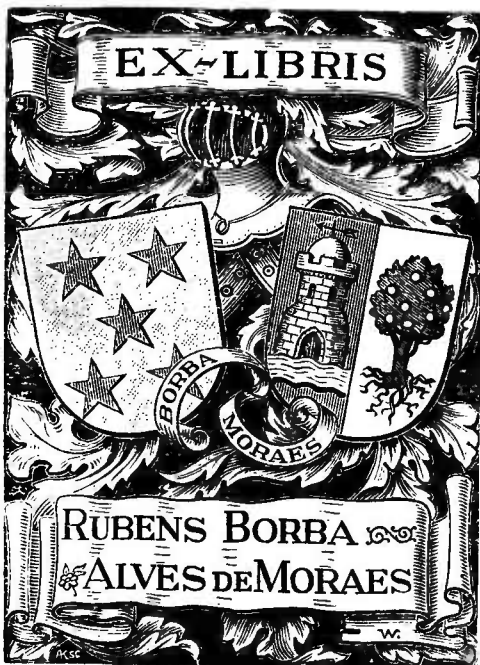
**O MUNDO
DO LIVRO**

11-L. da Trindade-13

Telef. 36 99 51

Lisboa





BRASILIA BIBLIOTHECA
DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES
ANTIGOS E MODERNOS

SILVA ALVARENGA

I

PARIZ. — TYP. DE S. RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

OBRAS POETICAS

DE

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

(ALCINDO PALMIRENO)

COLLEGIDAS, ANNOTADAS

E PRECEDIDAS DO JUIZO CRITICO
DOS ESCRITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS
E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

E ACOMPANHADAS

DE DOCUMENTOS HISTORICOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA S.

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1864

Todos os direitos de propriedade reservados.

INTRODUÇÃO

I

ADVERTENCIA

SOBRE A PRESENTE COLLECÇÃO

As difficuldades que surgem de todos os lados, como que para empecer a marcha, quebrar as forças e cançar o animo aos que levados pelo amor das cousas patrias intentão salvar do esquecimento as obras e os nomes de seus compatriotas, me teriam feito arrepiar carreira se o benevolo acolhimento que teve a primeira parte da *Brasilia, bibliotect dos melhores auctores antigos e modernos* (1) * e a coadjuvação do illustre livreiro-editor o Sr. B. L. Garnier, a quem o Brasil já deve tantos e tam importantes serviços em bem das letras nacionaes,

* Vide as notas no fim desta Introducção.

não me servissem de nobre estímulo para proseguir em empreza cuja gloria não corresponde ás suas afanosas fadigas.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga é por sem duvida um dos nossos melhores poetas do seculo passado; e não fôra possivel deixar por mais tempo as suas obras dispersas, com grande pena dos amigos da litteratura nacional (2).

As obras que possuímos de tam ameno poeta são as que foram publicadas durante a sua vida ou depois de sua morte pelos esforços e cuidados do conego Januario da Cunha Barbosa, que sempre se lhe mostrou dedicado e agradecido discipulo. Tudo o mais desapareceu, sendo muito para se lastimar que no numero das que se perderam entrasse uma centuria de poemas jocosos e satyricos feitos a um frade franciscano, que se mettera a rabula, e a primorosa traducção das poesias de Anacreonte, que o conego Januario da Cunha Barbosa teve por vezes em sua mão. Nem admira que a centuria dos sonetos desaparecesse, quando os papeis e livros de Silva Alvarenga passaram por um sequestro motivado pelo frade franciscano, que se lhe tornára em tam cruel inimigo; e é até de crer que o frade empregasse todos os meios de que dispoz, acoroçado pelo taciturno e tyranno conde de Rezende, para sumil-a aos olhos da posteridade, que por certo muito teria que rir-se á sua custa, graças ao pincel satyrico de Silva Alvarenga (3).

Existem presentemente do nosso poeta as seguintes composições : 1 poema heroicomico, 1 dito didactico, 1 dito em oitavas rimas, 2 idyllios, 1 ecloga, 2 epistolas,

4 odes, 2 canções, 1 heroide, 1 satyra, 1 soneto, 1 poesia em quintilhas, 69 rondós e 57 madrigaes.

Estas composições foram publicadas em avulso, na *Collecção de poesias ineditas dos melhores auctores portuguezes* (4), no *Patriota* (5), jornal litterario, politico e mercantil do Rio de Janeiro e no *Parnaso brasileiro* (6) editado pelo conego Januario da Cunha Barbosa.

O poema heroicomico *o Desertor*, mais geralmente conhecido pelo titulo de *Desertor das lettras*, foi impresso e reimpresso em Coimbra quando o auctor cursava a universidade portugueza. A primeira edição foi feita na real officina daquella universidade no anno de 1774, e consta de um volume in-8º com 71 paginas de impressão. Acham-se no fim dous sonetos encomiasticos dirigidos ao auctor, que n'esta collecção vão em logar mais apropriado. A segunda edição sahiu sem designação de logar, typographia e anno da impressão, e ignora-se a causa que deu logar a essas omissões (7).

O poema didascalico, intitulado *as Artes*, sahiu pela primeira vez na *Collecção de poesias ineditas dos melhores auctores portuguezes* (8); foi ainda reproduzido pelo auctor no *Patriota* (9), impresso depois em separado (10) e tambem no *Mosaico poetico* (11).

O poema em oitavas rimas a um governador da capitania de Minas Geraes foi impresso em 1812 no *Jornal poetico*, que publicava em Lisboa o livreiro Desiderio Marques Leão (12).

Os idylios de Silva Alvarenga tem por titulo *o Templo de Neptuno e a Gruta americana*.

O primeiro foi impresso em separado em Lisboa, no anno de 1777 (13), e sahi depois na *Collecção de poesias ineditas* (14) e no *Parnaso brasileiro* (15).

O segundo só foi publicado posthumamente no *Parnaso brasileiro* (16) e depois reproduzido na *Revista trimestral do Instituto historico brasileiro* (17) e no *Mosaico poetico* (18).

A ecloga intitulada *o Canto dos pastores* só foi publicada no *Patriota* (19).

Conhecem-se duas epistolas feitas pelo nosso poeta.

A primeira foi dirigida ao rei dom José I, no dia da inauguração da estatua equestre, e só publicou-se em avulso (20).

A segunda sobre o poema « *a Declamação tragica* » de José Basilio da Gama, sahi unicamente no *Parnaso brasileiro* (21).

As odes de Silva Alvarenga são dirigidas a Affonso de Albuquerque, á mocidade portugueza, ao rei dom José I, no dia da inauguração da sua estatua, e ao vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza.

A primeira acha-se na *Collecção de poesias ineditas* (22), sendo que o nome de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga anda ahi deturpado em João Ignacio da Silva Alvarenga, pelo que poder-se-hia pensar ser ella antes de Ignacio José de Alvarenga Peixoto. O conego Januario da Cunha Barbosa a reimprimiu no *Parnaso brasileiro* (25) como obra de Domingos Vidal de Barbosa e assim foi reproduzida no *Mosaico poetico* (24). O Snr. Innocencio Francisco da Silva, que a excluiu da relação das obras de

Silva Alvarenga, segue no seu *Diccionario bibliographico portuguez* (25) a mesma opinião. O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva ora a dá como de Domingos Vidal de Barbosa em *o Novo Parnaso Brasileiro* (26) e *Varões illustres* (27), ora como de Silva Alvarenga nos mesmos *Varões illustres* (28).

Na carencia de melhores informações que me guiassem a respeito de ser verdadeiro auctor, assentei que nem um mal fazia em dal-a como do nosso poeta (29), salvando sempre esta declaração, sendo que José Maria da Costa e Silva é de opinião que ella pertence a Silva Alvarenga (30), e que n'essa composição se revela um poeta lyrico de primeira força.

A segunda, feita á mocidade portugueza por occasião da reforma da Universidade de Coimbra em 1772, sahiu tambem unicamente no velho e novo *Parnaso brasileiro* (31).

A terceira, dirigida ao rei dom José I, foi publicada primeiramente em avulso (32), e depois no *Patriota* com muitas emendas feitas pelo auctor (33).

A quarta recitada no recolhimento do Parto d'esta capital em presença do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza só foi impressa no *Parnaso brasileiro* (34).

As canções tem por titulos *Apotheosis poetica* e *a Tempestade*; a primeira é dirigida ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, e a segunda á rainha dona Maria I, no dia de seus annos; sendo que aquella foi primeiramente impressa em avulso (35) e depois reproduzida no *Patriota* (36) e no *Parnaso brasileiro* (37), e esta unicamente no *Patriota* (38).

A heroide de *Thesen á Ariadne* só foi publicada no *Parnaso brasileiro* (59).

A satyra aos *Vicios* passou das paginas do *Patriota* (40), onde a fizeira o auctor inserir para as paginas do *Parnaso brasileiro* (41), e tenho lembrança de a ter visto impressa em avulso (42).

Só nos resta um soneto do auctor (43), feito á inauguração da estatua equestre, e que começa :

Vencer dragão, que as furias desencerra,

o qual foi impresso avulsamente (44), e depois sahiu no *Parnaso brasileiro* (45).

As quintilhas que auctor dirigiu ao seu amigo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, em estylo faceto ou, segundo a phraseologia moderna, em tom humoristico, só foram impressas posthumamente pelo seu distincto discipulo, o conego Januario da Cunha Barbosa (46).

O poema lyrico, a que o auctor deu o titulo de *Glaura, poemas eroticos*, é uma collecção de lyras, que elle denomina *rondós*, e de madrigaes (47). Foi a obra mais volumosa que publicou. Deve-se a sua impressão, segundo o prologo (48), a um amigo que teve de luctar com a pouca disposição que mostrava o auctor em entregal-as ao prelo, ralado pela melancolia que lhe minava a existencia.

Silva Alvarenga deixou muitas obras ineditas; além da centuria de sonetos jocoscios e satyricos que lhe foi roubada, perdeu-se por occasião de sua morte a primorosa traducção que fez de Anacreonte, que era o poeta

mais de sua affeição. O conego Januario da Cunha Barbosa a tinha em muito valor (49), e até Adrien Balbi a menciona como uma obra digna de recommendar o nome de seu traductor á posteridade (50). E quantas outras composições de apreço e que eram estimadas dos amadores das nossas lettras não tiveram o mesmo destino (51)! Infelizmente a longa enfermidade, que o levou ao tumulo, privou-o nos ultimos dias de sua vida de dar á luz as suas poesias, interrompendo a tarefa que apprehendera movido pelas instancias, e conselhos do seu amigo Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, o redactor do *Patriota*, de que Silva Alvarenga era um dos distinctos colloboradores (52).

Seguindo o mesmo plano que adoptei na primeira parte d'esta colleccão, e que se compõe das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, procurei junctar ás obras de Silva Alvarenga o juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros. Destes ultimos é tam mal conhecido, que um ou outro lhe conhece as obras, e os mais apenas lhe sabem o nome (53). E, para que mais completo fosse o meu trabalho, busquei esboçar a sua biographia sob melhores informações, não me contentando com o pouco que até aqui se havia dito acerca do seu nascimento, e sobretudo acerca da historia mysteriosa de seus dous annos de captiveiro nas masmorras da fortaleza da Conceição (54).

Felizmente pude achar documentos dignos de toda a fé, escriptos com a tinta do tempo, e que até agora jaziam sob a poeira dos annos e do esquecimento.

Folheando esses interrogatorios feitos pelos juizes do

martyr dos tempos tenebrosos do estúpido governo colonial, vê-se o como até agora se enganaram os biographos do cantor de Glaura, não só a respeito da data do seu nascimento, como do logar em que vira a luz do dia, é do nome do auctor de seus dias. Fixando as datas, aclarando esses factos, devo agradecer publicamente por mim, e pelos amigos das lettras nacionaes ao muito distincto cavalleiro e meu amigo o Snr. doutor Manoel Férreira Lagos, a bondade com que me offereceu os documentos, (55) que serviram de base á presente biographia de Silva Alvarenga, e que julguei dever reunir á esta collecção sob o titulo de *Peças justificativas* (56).

É tempo de dar-mos em nossas estantes um logar de honra aos nossos litteratos ; offerecendo mais estes volumes em additamento aos que já formam a *Biblioteca nacional* espero unicamente a continuação do benevolo e animador acolhimento dos amigos das cousas da patria, para proseguir em empreza que pede o sacrificio do tempo, o suor do rosto e a applicação da intelligencia.

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1862.

II

JUIZO CRITICO

DOS

ESCRITORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

J'ai parcouru encore les poésies d'un autre poëte brésilien, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, professeur de rhétorique à Rio-Janeiro, qui a publié à Lisbonne, en 1799, un volume de poésies érotiques. Il n'a chanté que ses amours pour Glaura et ses regrets pour la mort de cette belle. Entre soixante petits poèmes, qu'il a nommés *rondós*, parce que le même refrain y est ramené régulièrement après huit petits vers (57), il y en a plusieurs de gracieux, plusieurs où l'amour et le bonheur

semblent s'exprimer avec les accents de la vérité. Le langage des regrets ou de la douleur, après la mort de Glaura, me paraît partir beaucoup moins du fond du cœur. Après tout, le principal attrait de ces poésies, c'est encore leur couleur locale, les images empruntées aux arbres, aux papillons, aux serpents d'Amérique, ou l'invitation à fuir, dans l'onde fraîche d'un ruisseau, les ardeurs de décembre (58). En lisant les premiers poèmes écrits dans ces climats si éloignés de nous, on songe à ce qu'ils nous promettent, plus encore qu'à ce qu'ils nous donnent déjà (59).

SIMONDE DE SISMONDI.

Il a composé un grand nombre de poésies parmi lesquelles les poèmes *o Desertor das lettras* (le Déserteur des lettres) et le *Glaura* se distinguent par un mérite réel. Ses satires contre les vices, la traduction en vers portugais d'Anacréon (60) et d'autres poésies, ont été imprimées. Une belle versification, des pensées vraiment philosophiques et une critique aussi fine que délicate se font remarquer dans toutes ses compositions (61).

ADRIEN BALBI.

Cheio da idéa de que o Brasil apresenta objectos magestosos e grandes, como solo virgem ha pouco sahido das mãos da natureza enriquecido de preciosos thesouros, quiz Manoel Ignacio crear uma poesia tambem nova e brasileira, que se proporcionasse aos grandes sentimentos que deixa nas almas dos philosophos pensadores o aspecto d'este paiz por tantos motivos admiravel. A empreza era grande de certo; e a honra de a tentar levou Manoel Ignacio aos primeiros passos de tam difficultosa carreira. Substituindo em suas composições aos similes sedijos e velhos similes brasileiros mais arrebatadores e de melhor monta, elle queria assim por seu exemplo chamar os estudiosos a uma occupação mais patriotica e de maior novidade, casando a poesia com a musica, porque a experiencia o convencia que ella muito se prestava ao nosso genio; compoz elle os seus *rondós*, cantando assim as nossas arvores, fructos, flores, montanhas, rios e florestas, com tal harmonia que parece que a musica acompanha necessariamente o pensamento do poeta. À esta collecção de *rondós*, que um seu discipulo fizera publicar em Lisboa, juntou elle harmoniosos madrigaes, que podem ser modelós aos que se derem a tam sentimentaes composições.

Desgraçadamente não era ainda chegado o tempo de tam almejada reforma; a dependencia colonial fazia necessaria a das letras. Nem os *rondós*, nem os madrigaes, nem outras composições de Manoel Ignacio, eminentemente brasileiras, tiveram em seus dias a voga que então mereceram outras poesias suas adubadas com as figuras e donaires da poesia portugueza. O Tejo e o Mondego

eram mais applaudidos nos versos do que o Amasonas e o Prata; o louro e o myrtho muito mais do que a mangueira e o cajueiro; flores cahiam da penna dos poetas que nunca se haviam offerecido ás vistas brasileiras, e a mythologia, com todo o seu numeroso cortejo, empunhava despotica o sceptro de seu dominio. A idéa do nosso poeta não foi ainda assim perdida; porque novos genios vão apparecendo na terra de Sancta Cruz, levando avante a difficultosa empreza de proporcionar a nossa poesia á grandeza dos objectos que de todas as partes nos cercam (62).

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA.

As poesias eroticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga formam um pequeno volume em oitavo portuguez, contendo cincoenta e nove rondós (63) e cincoenta e sete madrigaes.

Para se conhecer que Manoel Ignacio da Silva Alvarenga pertence á escola franceza, basta o titulo de *rondós* dado ás suas cançonetas anacreonticas com estribilho repetido, pois que semelhante denominação até elle desconhecida na poesia lusitana, existia na franceza desde os seus primeiros tempos (64).

Mas apesar da denominação e fórma externa das cançonetas de Alvarenga serem francezes, o seu estylo tem mais pontos de semelhança com os dos poetas eroticos

da Italia e com especialidade de Metastasio, que o poeta brasileiro parece ter estudado muito.

A delicadeza, a sensibilidade, a graça e a naturalidade, formam o caracter d'estes pequenos poemas, em que Alvarenga se mostra digno rival de Gonzaga; mas a sua linguagem é mais correcta, o seu estylo mais elegante e a sua versificação mais harmoniosa. Gonzaga, porém, tem sobre elle a vantagem dos variados córtes das suas estrophes, quando todos os rondós de Alvarenga são escriptos em quartetos outosyllabos.

Assim como todos os versos amorózos de Gonzaga são consagrados sómente á Marilia, os de Alvarenga são sómente consagrados á Glaura; anagramma com que encobre o nome da sua amada, que parece por elle se chamava Laura, Laureanna ou talvez Clara. Este cancionero amoroso divide-se em duas partes; na primeira canta o poeta a sua paixão por Glaura, dirige-lhe requebros, queixa-se dos seus rigores, agradece os seus mimos, exalta a sua belleza, jura inviolavel constancia, desespera-se com a sua ausencia, exulta com a sua tornada. Na segunda parte muda de tom porque morte prematura lhe roubou a sua amada na mais tenra flôr dos annos; então as cordas de sua lyra só desprendem sons magoados; os seus cantos são gemidos, os phantasmas da dór o circumdam, as saudades o entristecem, os bosques, os ribeiros, as fontes, as flores, que n'outro tempo lhe causavam sensações de prazer, agora só lhe apresentam imagens de amor, e a recordação de passadas venturas lhe enche a alma de desesperação e tristeza. O romance amoroso de Alcindo e Glaura me parece mais

interessante que o de Marília e Dirceu, que não tem defecho e deixa em nosso coração um receio, um desgosto de curiosidade illudida, por não sabermos que fim tiveram tantos amores e tantos extremos.

O erudito critico Simonde de Sismondi no seu livro *Da Litteratura do meio dia da Europa*, diz que Alvarenga lhe parece mênos terno, menos compungido nos seus versos, com que lamenta a morte de Glaura, que n'aquelles em que celebra os seus amores. Com perdão de tam grande homem, não posso subscrever a sua opinião; parece-me que a paixão do poeta se mostrou igualmente vehemente em ambos os casos, e assim era de esperar da phantasia exaltada de um poeta e de um poeta brasileiro, a quem póde applicar-se o verso de Young na sua tragedia a *Vingança* :

Almas feitas de fogo e do sol filhas ! »

Examine-se o rondó LVI e veja-se como o poeta pinta o estado da sua alma, dilacerada pelas recordações d'aquella que havia feito a sua ventura na terra, e que n'ella não esperava tornar a ver :

O prazer, a singeleza
A belleza, etc. (65).

Pelo córte musical d'estas estrophes, pela accentuação d'estes versos tam bem calculados para as clausulas do canto, pela escolha e disposição das rimas, se conhece o estudo que o poeta havia feito das lindas cançonetas de Metastasio; e para melhor se conhecer esta verdade co-

teje-se este estribilho com a primeira estrophe da cançoneta do poeta romano, intitulada *Estio* :

Or che niega i doni suoi
La stagion dei fiori amica,
Cinto il sen di bionda spica
Volge a noi
La State il piè.

Não é menos terno, menos sentimental e menos *metastasio* o rondó III á uma roseira, que o poeta havia dedicado aos seus amores, quando Glaura ainda vivia :

Ah roseira desgraçada,
Dedicada, etc.

Esta aproximação de uma roseira, que vae murchando, e de uma formosa donzella immatura e recentemente roubada pela morte, me parece cheia de melancolia, graça e sensibilidade.

Duas cousas distinguem o amante de Glaura do amante de Marilia, sem embargo da muita semelhança, que ha na sua poesia, e de que as suas lyras estejam afinadas pelo mesmo tom. A primeira é a originalidade de Alvarenga, cujas imagens, ficções e pensamentos são propriamente seus; ao passo que Gonzaga imita muitas vezes Anacreonte, Catulio, Propercio e mesmo Horacio. A outra é que em Alvarenga ha mais colorido local, e que tanto se não peja em parecer americano, que noméa sem escrupulo o beijaflor, o vampiro, a serpente, a panthera, o cedro, o coqueiro, o cajueiro, o mangue; e descreve paizagens que bem se vê não serem da Europa. Mereci-

mento é este que Sismondi lhe reconheceu e de que desejaramos que elle tivesse dado mais exemplos, assim como os outros poetas brasileiros, que a excepção de José Basilio da Gama e frei José de Sancta Rita Durão, é impossivel pela leitura de suas obras conhecer que são americanos.

Entre os rondós dedicados á Glaura em sua vida, me parece um dos melhores o v, que tem por titulo *A Serpente*, em que se descreve uma scena que muitas vezes tem logar nas chacaras do Brasil e nas suas immedições :

Verde cedro, verde arbusto,
Que meu susto, etc.

Que movimentos tam ternos no iii rondó! Como o poeta assemelha o pouco fruto dos seus amores com o pouco que medra aquella arvore nascida em terreno ingrato e infecundo!..... Que effeito não devia produzir aquelles pensamentos tam delicados, aquellas imagens tam simples, aquellas expressões tam doces, cantadas por uma voz harmoniosa, ao som da cythara, em musica propria para ella! O mesmo podemos dizer da *Luz do sol*, da *Lembrança saudosa*, do *Beijaflor*, da *Napea* e de tantas outras excellentes peças de que abunda esta collecção.

Os madrigaes, que fazem a segunda parte d'estes poemas eroticos, não abundam menos que os rondós de poesia deliciosa e amena, e pela doçura do metro e queda natural das rimas. Fazem lembrar os de Guarino e de outros italianos, que muito se esmeraram n'este ramo de

poesia lyrica e cujas obras se conhece que eram mui familiares ao poeta brasileiro. Entre elles distingue-se o seguinte madrigal :

Jasmins e rosas tinha
Para adornar, etc.

Não póde chamar-se isso um idyllo em miniatura com sua exposição, nexo e desfexo? Não é menos bello o seguinte, que tem o numero XLII :

Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte ;
Vem gozar, etc.

Como respiram a paixão e a ternura no seguinte :

Ao longe a bella Glaura me apparece ;
Não sei que resplendor, etc.

O maior defeito d'estas poesias é quanto a mim a fórma pastoril de que estão revestidas; mas esse defeito lhe é commum com todos os nossos poetas antigos e grande parte dos modernos; até frei Agostinho da Cruz mascarou os seus sentimentos piedosos e asceticos em sonetos pastoris e eclogas! D'esta mania litteraria nasceu outro inconveniente, a saber : o abuso da allegoria quando tractaram assumptos publicos. Os reis n'estas composições afastadas tornam-se em maioráes, as princezas em nymphas, os guerreiros em pastores, os sceptros e as espadas em cajados; assim o vemos praticado em Camões, em Bernardes, em Antonio Diniz; póde ser que esta phantasmagoria seja do gosto de muita gente; n'este

caso os mais desculpaveis são os poetas eroticos, que tractam assumptos em que este disparate dá menos nos olhos.

Na *Collecção de obras ineditas dos melhores poetas portuguezes*, que muitas vezes tenho mencionado, encontram-se outras poesias de Alvarenga, que justificam a pena que mostra o editor dos rondós de não poder publicar as outras obras, que vira manuscriptas d'este poeta. Entre as poesias publicadas na dita collecção distingue-se um poemeto em verso solto intitulado *as Artes*, que foi recitado em sessão publica da Sociedade litteraria do Rio de Janeiro por occasião de celebrar o natalicio de Sua Magestade a rainha dona Maria I.

O poeta toma para thema de seu elogio os progressos feitos pelas artes e pelas sciencias no reinado d'aquella senhora, o que lhe dá logar para mui variadas e mui poeticas descripções, tal é a seguinte da physica experimental :

A par d'esta outra deusa move os passos,
Da firme, etc.

Não é menos bella a pintura da historia natural e da chymica, que a esta immediatamente se seguem :

E tu, quem és, ó nympha? Tu que ajunctas,
Indagas, etc.

Era esta a primeira vez, que a poesia portugueza, se exceptuarmos alguns trechos das *Lusiadas* e do *Affonso Africano*, fallava em verso n'estas materias; merece por isso o poeta grande louvor, por haver encetado este novo

caminho, e que se lhe desculpem algumas inexactidões, e algumas expressões menos genuinas, que seria mui facil de apontar n'estes trechos e mais facil ainda corrigil-as. Passa depois a tractar da medicina, da cirurgia, da geographia, da historia, e com a poesia entra nos louvores da soberana, que eram o objecto do poema :

Mas que illustre matrona entre as mais vejo
De verde louro, etc.

Este poemeto dá grande abono do talento do poeta, tanto na invenção como na execução e viveza do colorido, com que soube dar um ar de novidade a um assumpto, tantas vezes tractado, como é o elogio do natalicio de um rei; e a idéa de collocar os louvores da rainha na boca da musa Calliope, é, além de engenhosa, dramatica.

Na mesma collecção se depara uma ode a Affonso de Albuquerque, que mostra que se o auctor tivesse publicado todas as suas obras, teria um distincto logar entre os lyricos modernos; n'esta ode não falta movimento nas imagens, nem pompa de estylo, nem versificação variada e harmoniosa. É muito inferior á de Francisco Manoel sobre o mesmo assumpto, mas que poeta entre nós póde levantar o vôo tam alto como o grande lyrico? Outra ode, talvez mais bella, a morte do marquez de Pombal, e um idylio, parte em tercetos, e parte em verso solto, que se lê na mesma collecção, eis tudo o que nos resta d'este grande engenho brasileiro (66).

Alvarenga tem mais imaginação, linguagem mais correcta, imagens mais poeticas e versificação mais harmoniosa que Gonzaga e com tudo tem menos reputação,

menos popularidade do que elle; tanto é certo que as reputações litterarias tambem dependem muito de fortuna (67)!

J. M. DA COSTA E SILVA.

Dirigiu Manoel Ignacio da Silva Alvarenga todas as suas poesias eroticas á sua adorada Glaura, que lhe creára e embellezára a phantasia com todos os dotes e prendas; fôra Laura a amante de Francisco Petrarca, e tão bellas poesias inspirára ao vate italiano; Laura havia sido a heroina de Manoel da Vega, nos seus deliciosos descantes, sob o nome de Amphryso; em imitação a estes poetas, Glaura apellidou-se a deusa que escolhera a imaginação de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, para dedicar-lhe o seu sangue, os seus versos e a sua vida.

Criam sempre os poetas eroticos um ente divino, quando o não ha real para os seus amores; devem adormecer e sonhar ao som da palavra magica; devem pensar e viver, diante da imagem adorada; noites e dias, tardes e manhãs, horas e minutos, é tudo poesia que deslisam os seus labios; é tudo cantico, que lhes salta á mente; é tudo inspiração que recebem; e esta poesia, estes canticos, estas inspirações, ora de exaltado amor, ora de delicias serenas; ora de negros ciumes, ora de incendio voraz; ora de melancolicos suspiros, ora de

prazeres alegres; ora de illusões, ora de realidades; ora de dôres, ora de alegrias; esta poesia, estes canticos, estas inspirações, parecem acompanhar o vento, procurando o anjo, cujas graças celebram, cujos attractivos adoram, e cujos amores descantam.

As estrellas, os ventos, a terra, o mar, a lua, o sol, a noite, o dia, os rios e as florestas, tudo interroga Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, pergunta a tudo pela sua Glaura; do alto das montanhas lança o olhar pela veiga, e pela planicie, e lhes dirige os seus suspiros, para que a planicie e a veiga os transmittam á Glaura; ás margens do rio desfia sons cadentes e melancolicos, para que as aguas do rio os levem aos pés de Glaura; ao soído do vento communica os seus queixumes, para que o vento enamorado os deslize aos ouvidos de Glaura; ao sol e á lua, quer resplandeçam com toda a sua magestade, quer merencoriamente se encubram com os seus véos diaphanos, pede protecção, e implora auxilio; como as florestas, julga-se solitario e abandonado; como a noite, considera-se triste e infeliz; como a rola, geme, e com os seus gemidos commove o coração; e acha depois nas estrellas os seus amores, no dia as suas delicias, nas flores os seus perfumes, e em uma palavra qualquer a ventura de toda a sua vida.

Se não tem os poemas eroticos de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga a doçura, a maviõsidade e o sentimentalismo terno, melancolico e saudoso das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, se lhes não chegam a competir na harmonia da phrase, na perfeição artistica do verso, e na cadencia e melodia da rima; ha entretanto mais di-

versidade de tons, mais variedade de movimentos e mais originalidade de expressão : muda Manoel Ignacio da Silva Alvarenga o seu cantico, quando lhe apraz; inspira-se na occasião e no momento, á proporção que lhe falla a ideia enamorada; passa da melancolia ao prazer, das dôres á alegria; e por esta fórma segue vereda differente, que tem tambem os seus prazeres e os seus encantos.

Que bello que é o seu cantico á lua, quando subindo ella ao firmamento, e esclarecendo-o com a sua luz divina, como que amostra o vasto panorama da muda e terna scena, que move a existencia em torno do homem! Como se descrevem poeticamente o palpitar e o estremecer do astro soberbo, que, pallido como o destino, tem vozes que fallam tão directamente ao coração!

Como vens tão vagarosa,
O formosa, etc.

Como enfeitam côres suaves a este cantico! Que delicioso ruído deixa no espirito! Como este vagar da lua, lento e monotono, derramando ondas de luz sombria e melancolica, é habil e artisticamente desenhado! Como combina com os sentimentos que descreve o poeta, e sentimentos que elle encontra na mesma natureza patria, que o rodeia, sorri-lhe, e o encanta tanto! Estes versos doces e languidos, cadentes e melancolicos, são proprios de um poeta meridional; o som quebrado, o moderado carpir, e os gemidos sonoros reflectem-se n'elles como a physionomia sobre o espelho ou através

das placidas aguas do lago, quando battido pelas azas do cysne : segue o pòeta methodo egual em outros canticos, desfia as mesmas harmonias, e espalha a mesma doçorosa poesia ; como sensibilisam os seus sentimentos no cantico seguinte, que dirige á sua lyra !

N'este loiro pendurada
Ficarás, etc.

Quando com a sorte da roseira copada e esbelta compara o poeta a sorte da sua Glaura, uma ingrata, fermosa e barbara, e a outra galante, cruel e ferina, quantos sentimentos delicados não deposita na alma do leitor !

Ah ! roseira desgraçada
Dedicada, etc.

Assemelha-se á queda ou ruído do verso ao correr brando e doçoroso do regato, ou ao gemido vago e sombrio do vento. Como o pensamento e a ideia são as phrases tristes, suaves e languidas. Exprime-se o sentimento com a palavra, e morre com a palavra, sendo uma a imagèem perfeita do outro.

Entretanto muda o poeta o painel, logo que lhe apraz ; passa da dôr á alegria, da angustia ao prazer : ou Glaura lhe sorriu, e n'este sorriso viu elle vida nova ; ou pretende abandonar Glaura, e enquanto se resolve, vôo prazenteiro embebe-se-lhe pelo espirito, e imagina um espectaculo de ventura, que o leva a exprimir immediatamente as suas impressões já metamorphoseadas ; amante feliz e alegre deixa a lida triste pela doce calma,

entrega alma á ventura, e ancia ser transformado em beija-flor, que lhe parece symbolisar a felicidade.

Todo o corpo n'um instante
Se atenúa, etc.

Que variedade de canticos! Quantos ineffaveis prazeres não derrama a leitura d'esta poesia indolente, e ao mesmo tempo arrebatadora! E não é sómente delicioso este genero de poesia, quando se transmite em versos octosyllabos, pelos quaes o apertado da rima, a estreiteza do phraseado e o ligeiro da expressão ajudam o poeta, aceitam-lhe o pensamento, e o traduzem felizmente com a precisa melodia; não ha um rondó, que não seja lindo e perfeito; o da lembrança saudosa, o do beija-flor, e o da serpente, encantam e extasiam. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga usou tambem, para traduzir as suas ideias eroticas, de versos endecasyllabos, entre-meando-os de versos menores, e conseguiu resultado excellente; para exemplo sirvam os canticos seguintes :

Dryade, tu, que habitas amorosa
Da mangueira, etc.

Primou tambem Manoel Ignacio da Silva Alvarenga em outros poemas de maior grandeza; escreveu algumas odes que revelam um engenho apurado, e ideias poeticas de valor e inspiração elevada; tem poesias satyricas, que merecem tambem uma menção especial e honrosa, e que não são titulos menores de gloria para o seu auctor, do que os canticos bellos e maviosos de que temos occupado.

Bastante elevação nas ideias, e alguma dignidade nos pensamentos exprime a ode que Manoel Ignacio da Silva Alvarenga dirigiu á mocidade portugueza. Imagens ousadas, linguagem austera e uma appropriada e energica versificação a caracterizam : o principio corresponde ao fim; a ideia geral é vasta, bem comprehendida, e desenvolvida perfeitamente; ha versos cuja paternidade não recusariam os melhores versificadores : abre elle as primeiras paginas d'essa sua composição com rosto severo, mas benevolo, com inspiração ousada, mas benigna e bondadosa.

A fastosa indolencia
Tarda preguiça, etc.

Com felicidade descreve a decadencia da moral, a corrupção do seculo, a ruina da patria e os triumphos da superstição e da ignorancia : usa de traços vivos e indelevelis, e exclama enthusiasmado :

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia, etc.

Logrou Silva Alvarenga uma nomeada mais extensa, descantando amores alegres e faceis, e saudosos e tristes amores, como os antigos trovadores que, após a sua dama adorada corriam de castellos em castellos, suspirando em romantico alaúde hymnos variados, e já nos rotos andrajos de peregrino, já cobertos com o manto de religioso e eremita, já cingindo espada e elmo, peitos d'aço, e escudo de guerreiro, deixavam de si eterna toada, e memoria indelevel; sabia porém arraucar da

lyra mais graves vôos fortes e elevados; não sabia descrever sómente as fontes e os prados, os rios e as arvores, as flores e os fructos, a terra e o clima da sua querida patria, acompanhando a fruta deliciosa de Diogo Bernardes e de Rodrigues Lobo : trocava tambem as vestes do pastor, para elevar-se ao gráu de discipulo de Pindaro, e tangia com felicidade igual a lyra, o alaúde e a fruta.

Merecia-lhe de certo Luiz de Vasconcellos e Souza canticos de gratidão; Manoel Ignacio da Silva Alvarenga não faltou ao seu dever, e entre diversas composições uma lhe dedicou, que realça tanto pela magestade do pensamento, e dignidade da expressão, como pela energia e suavidade do verso; havia sido o vice-rei protector do recolhimento das meninas desvalidas, denominado Nossa Senhora do Parto; aproveita o poeta este acto de religião e de humanidade de Luiz de Vasconcellos e Souza, para lhe tecer os elogios merecidos. Que poesia nobre, elegante e sincera! É a alma que falla, é o coração do poeta que se revela com toda a suavidade de sua pureza, e toda a extensão da escala musical e poetica, que o aprimora.

De que servem á fraca humanidade
Esses da falsa, etc.

Escreveu o poema *As Artes* em elogio da rainha dona Maria I : é a descripção dos progressos das sciencias e das artes no seu reinado, e prima pela variedade de conhecimentos : a ode a Affonso de Albuquerque, se bem se não eleve á sublimidade da que escreveu Fran-

cisco Manoel do Nascimento sobre o mesmo assumpto, brilha todavia por alguns pensamentos nobres; a do marquez de Pombal tem estrophes que honram qualquer poeta (68).

Além de se mostrar Manoel Ignacio da Silva Alvarenga litterato profundo, e um critico de gosto apurado, pelas diversas memorias què escreveu a respeito da litteratura e da poesia, as quaes merecem as honras da leitura; compôz tambem dous poemas facetos, em que mostra o sal de Horacio á par das graças de Nicoláu Tolentino; foi um dirigidõ contra os vicios, que descreve e censura; tinha por titulo outro *o Desertor das lettras*, e se bem que justamente não devam ser comparados com o admiravel *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tem todavia algum merecimento litterario, e demonstram o espirito fino e a erudição do seu auctor: e quantas agradaveis allegorias produziu o seu ingenho! Como se esforçou de imitar a Ovidio! É o *Templo de Neptuno* uma pedra preciosa roubada aos poetas latinos do seculo de Augusto. A mythologia, com os suas terrestres ficções e graças artisticas, reaparece n'elle brilhante, e ao mesmo tempo singela, como foram as eras gregas; é o *Templo de Neptuno* uma allegoria fina, e que merece ser comparada com as poesias fugitivas de Gœthe, quando segue este poeta as formulas das litteraturas mortas. A *Gruta americana*, outra allegoria tão pittoresca e tão graciosa de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, tendo por base e fundamento um assumpto brasileiro, cobre-se com as vestes das canções romanas, toma-lhes as graças, e rouba-lhes quasi o colorido; é de

certo a *Gruta americana* uma composição habilmente concebida, desenvolvida maviosamente e poeticamente acabada. Como são bellas as descripções do valle e do rio mineiro, ainda que seja o velho pai das nymphas quem esteja a brincar com as palhetas de oiro e os magnificos diamantes, que se arrancam das suas entranhas! Que elegancia de phraseologia! Quanta profusão de riquezas descriptivas! As arvores do Brasil, os seus animaes, e os seus passaros multicôres, apparecem na magestosa natureza com que foi brindado o solo; o poeta, depois de patentear a immensidade das riquezas naturaes do Brasil, finda por esta fórma :

Ide, sinceros votos,
Ide, e levai, etc.

Não duvidou o eloquente e erudito auctor da *Historia das litteraturas meridionaes da Europa* (69) mencionar o nome de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga no numero dos poetas da primeira ordem que illustráram a nação portugueza, este juizo de auctoridade tão recommendavel, e tão competente, demonstra mais do que qualquer elogio nosso a superioridade do engenho poetico de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga; nem é elle esquecido pelos senhores Adriano Balbi (70) e Fernando Denis (71) nos seus interessantes escriptos sobre Portugal e Brasil; e si estranhos admiram a belleza das suas poesias, o que farão nacionaes, que, além de elevados pensamentos, deparam n'ellas uma melodia de dicção, que só podem nacionaes apreciar devidamente?

Alguns defeitos se deparam no cantico mavioso que

dirige ao mez de dezembro; mas não extasia e encanta o seu variado colorido? Como fechar-se olhos e ouvidos, quando a harmonia musical do verso, e a suavidade pura e innocente dos pensamentos vão impressionando e exaltando os olhos e ouvidos?

Já dezembro mais calmoso
Preguiçoso, etc.

Não são unicamente palavras musicaes, sonoras e melodiosas a que emprega o poeta, como grande artista e musico que é; ha tambem ahi abundante, fresca e bella poesia, que denuncia uma phantasia doirada, e uma imaginação creadora; poesia que sahe d'alma, revela sentimentos d'alma, e falla a todas as fibras do coração humano (72).

J. M. PEREIRA DA SILVA.

Inferior a Gonzaga como erotico, e a Caldas como lyrico, occupa todavia Alvarenga distincto lugar entre os nossos poetas do decimo-oitavo seculo. Se com *Marilia* não póde competir a sua *Glaura*; se na harmonia do verso, na ingenuidade das imagens largo espaço o distancia do primeiro, se com o interprete de David é menos arrojada, menos vibrante a sua inspiração, sobra-lhe ainda bastante merito para ser collocado no terceiro lugar.

Honrosa menção cabe outrosim ao sapiente professor por haver inoculado entre nós o gosto da litteratura franceza, constituindo-se um dos mais esforçados campeões d'essa escola, que, como vimos, bastantes e illustres adeptos contava na poesia portugueza.

Excellent musico, conhecia Alvarenga os complicados segredos da harmonia metrica, solfejando em seus *rondós e madrigaes* as mais melodiosas notas. Com que doçura não se dirige elle á lampada das noites que com sua pallida luz illumina o firmamento?

Como vens tão vagarosa,
Oh formosa, etc.

Variando outras vezes de tom e servindo-se dos endecasyllabos alternados com versos menores, não cessava de lisongear ao ouvido ao mesmo tempo que satisfazia á imaginação. Acompanhem-lo nessa sua tão feliz transformação :

Dryade, tu que habitas amorosa,
Da mangueira, etc.

Acabamos de ver o nosso poeta modulando com graça e mestria a flauta de Bernardim Ribeiro, oiçamo-lo agora, agitado pela inspiração pindarica, apostrophar d'est' arte a mocidade portugueza :

E vos, ou vos criasse
A nobre Lysia, etc.

Na *Gruta Americana*, primorosa allegoria no estylo de Goethe, abundam louçanias poeticas, que ainda mais

numerosas seriam se renunciasse abertamente ás ficções mythologicas e pintasse a natureza, que tão esplendida e garbosa aos seus olhos se ostentava. Que o era Alvarenga capaz de o fazer sabem-no os leitores pelos extractos que havemos feito, e a que adicionaremos por ultimo o principio da excellente producção a que nos referimos :

N'um valle estreito o patrio rio desce
D'altissimos, etc.

Em presença de tão delicado e formoso quadro estamos certo que Byron e Victor Hugo exclamariam : « *Sendo quem sois, é pena que não sejaes dos nossos (73).* »

J. C. FERNANDES PINHEIRO.

III

NOTICIA

SOBRE

M. I. DA SILVA ALVARENGA

E SUAS OBRAS

LIDA NA SESSÃO DO INSTITUTO HISTORICO BRASILEIRO
DE 24 DE OUTUBRO DE 1862

O sonho d'El-Dorado tinha-se realisado. Os intrepidós Paulistas haviam descoberto immensas e numerosas minas de ouro, e rios de diamantes, e o grito da ambição repercutiu por todo o Brasil. O seculo decimo oitavo viu as bandeiras dos sertanejos se enredarem nas florestas, subirem ás mais altas serranias, descerem pelas caudalosas torrentes, invadindo o imperio dos barbaros, devassando a solidão das feras e enchendo tudo de sua aurea

avidez. Por toda a parte se assentaram as tendas das novas caravanas e por toda a parte se levantaram prosperas e florescentes povoações, que como por encanto se transformaram em villas e cidades, e assim do meio de incultos sertões surgiu a populosa provincia de Minas Geraes.

No seio d'essa sede de ouro, entre esses Midas modernos, ostentava a natureza os seus caprichos e dava a esses homens, avidos de aventuras estrondosas, e ambiciosos de riquezas, filhos poetas que mais tarde seriam na propria Europa os representantes da sua intelligencia! N'um raio de vinte leguas, n'um espaço de vinte annos, nasceram os quatro melhores poetas brasileiros do seculo passado. Claudio Manoel da Costa em 1729, na villa do Ribeirão do Carmo, depois cidade episcopal sob o nome de Marianna; José de Sancta Rita Durão em 1757, no lugar denominado Infeccionado, em Cattas Pretas; José Basilio da Gama em 1740, na villa de São José d'El-Rei e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga em 1749, em Villa Rica, hoje Ouro Preto, capital da provincia (74).

A fortuna, porém, não lhes foi propicia; nascidos no meio de tantas riquezas tiveram de viver pobremente e lutar com todas as vicissitudes de uma existencia miseravel; e se por algum tempo conseguiram triumphar do infortunio, transformando os espinhos do caminho da vida em flores e frutos, essa ventura foi de pouca, de muito pouca duração! A mão do fado dos poetas pesou de novo sobre suas cabeças laureadas até que a morte annunciou nos campanarios da eternidade a hora da verdadeira felicidade para elles.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga era filho de Ignacio

da Silva Alvarenga (75); todos os mais esclarecimentos a respeito de seu nascimento se envolvem nos mysterios do amor (76). Sabe-se apenas que seu pae seguia a profissão de musico, mais tam pouco satisfeito dos recursos, que d'ahi lhe provinha, que não consentiu que o filho a seguisse, apesar da vocação e gôsto que mostrava o talentoso menino. A falta de meios retardou a educação litteraria do joven Manoel Ignacio; mas seu pae redobrou de esforços e não desanimou com os annos que se passavam; amigos generosos lhe estenderam a mão, abriram-lhe a suas bolsas, desejosos de coadjuvarem tam louvavel empenho, e Ignacio da Silva Alvarenga pôde mandar seu filho para o Rio de Janeiro, levantando as mãos para o ceo, bem dizendo de seus bemfeitores e exclamando : — « Felizmente elle não será musico ! »

Na cidade do Rio de Janeiro concluiu o joven Manoel Ignacio da Silva Alvarenga os estudos preparatorios; e a herança paterna, o genio musical, que se lhe encarnára desde os primeiros annos, lhe abriu as portas da sociedade da capital do Estado colonial, gostava-se de ouvi-lo tocar na sua flauta ou na sua rabeca com facilidade e summa destreza (77); e elle reunia a esse dom natural as mais agradaveis e sympathicas maneiras; na sua conversação amena e fluente patenteava as graças de seu espirito adornando-a com bellos sainetes, delicados remques e motejos. A poesia, que lhe dominava a alma, que exaltava-lhe a imaginação fazendo-o ver por um prisma differentemente do commum dos homens, lhe realçava ainda mais o já subido merito, e todos que o viam pela primeira vez ficavam-no estimando. franquea-

vam-lhe a sua casa e alargavam-lhe o circulo das relações por meio de quotidianas apresentações, não obstante o accidente da côr que tinha contra si e que era um senão, segundo os preconceitos de seu tempo.

Concluidos os seus estudos preparatorios, embarcou-se o joven Manoel Ignacio para Portugal com o fito de formar-se na Universidade de Coimbra, satisfazendo assim o ardente desejo de seu pae; começava os seus novos estudos na idade em que outros costumam termina-los, pois contava seus vinte e dous annos, mas como tũdo n'este mundo tem compensações, chegou á capital das musas portuguezas em 1774, um anno antes d'aquelle em que o marquez de Pombal, munido de plenos poderes, a reformára, e pozéra á sua frente escolhidos e abalissados professores, a elevando á altura dos estabelecimentos d'esta ordem e mais acreditados da culta Europa, e acabando assim com a rotina introduzida pela ignorancia e indolencia, que alli se haviam aninhado.

Enthusiasmou-se Silva Alvarenga com a nova epocha que despontava para as letras, e seu estro accendeu-se para celebrar-lhe os triumphos. Saudou a mocidade portugueza, a quem se abriam de novo as portas do templo das sciencias, sem que se esquecesse da mocidade brasileira. Leu o marquez de Pombal essa bella ode, e para logo desejou conhecer pessoalmente o joven poeta. Animou-se Silva Alvarenga com este acolhimento e, incitado pelas palavras do nobre marquez, que systematicamente se mostrava desejoso de proteger os Brasileiros, nos quaes a sua perspicacia lobrigasse talento e merito, compoz o seu poema heroiconico o *Desertor das letras*.

Nem o poeta tinha posses para a sua impressão, nem desejos para isso, pois era o primeiro a reconhecer e manifestar os defeitos, e carecia de espaço para lima-lo; mas o marquez de Pombal amava a gloria, ambicionava os louvores das musas, e o poema do estudante ultramarino (78) foi impresso a expensas de seu bolsinho ou antes por sua ordem.

Proseguiu Silva Alvarenga os seus estudos na faculdade de Canones em que matriculou-se, e no anno de 1775 para 1776 obteve o gráu de bacharel contando então vinte e sete annos de idade e tendo sido em todos os actos approvado *nemine discrepante* (79).

Formava-se com a reputação de poeta, pois durante as ferias vinha para a cidade de Lisboa, onde relacionou-se com o seu compatriota o doutor Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e sobretudo com José Basilio da Gama (80), o auctor do *Uruguay* e official da secretaria do reino, que por meio de suas apresentações o foi tornando mais e mais conhecido. Por seu lado não se descuidava o joven poeta de tomar parte nos certamens poeticos que se celebravam e por occasião da inauguração da estatua equestre do rei dom José I tornou-se notavel pelas suas poesias. Saudou o bronze em que a cidade de Lisboa eternisou a quitação da divida que contrahira para com o braço que a fez surgir mais bella e sumptuosa do meio de horrendas ruinas e destroços; e as reminiscencias da patria tiveram tambem o seu quinhão no tributo de gratidão pago á hospitalidade da ainda tam prospera e tam florescente rainha do Atlantico.

Demorou-se ainda o doutor Manoel Ignacio na capital

do reino portuguez, onde as bellas qualidades e talentos lhe conquistavam as sympathias das pessoas gradas, dos poetas, dos litteratos e dos sabios, sentindo-se cada vez mais prezo pelos laços da amizade e pelos vinculos patrios ao seu distincto amigo José Basilio da Gama.

Data d'esse anno a epistola que dirigiu a esse illustre poeta, em que se enthusiasma com a protecção que dom José I dispensava as letras, com o gosto que se desenvolvia pela poesia e com o incremento que poderia ganhar o theatro. Basilio da Gama por sua parte apoiava os dignos esforços dos poetas portuguezes com o seu poema a *Declamação tragica*, em parte original, em parte imitado e em parte traduzido de Dorat, e ambos de mãos dadas apontavam em vão para o templo de Melpomene e Thalia. Então os manes de Antonio José sentados sobre os degraus do portico do terrivel tribunal, que o condemnára ás sanguinolentas fogueiras, como que protestavam pelo renascimento do theatro portuguez, a esperada hora da vingança, e, cousa notavel! a scena portugueza só pôde surgir com novo brilhantismo n'aquelle mesmo logar em que se haviam cavado as mais lobregas masmorras, e amontoado todos os instrumentos inventados pelos homens para a tortura e o martyrio de seu semelhante.

Estavam enfim satisfeitas as vistas de Ignacio da Silva Alvarenga; seu filho tinha alcauçado uma profissão mais lucrativa do que a sua; podia entregar-se á advogacia e não precisava viver dos tenues recursos da arte musical, e o doutor Manoel Ignacio apressou-se em vir beijar-lhe

a dextra, e agradecer os esforços que fizera para lhe completar a educação, e lhe mostrar a maneira por que havia correspondido á paternal solicitude.

José Basilio da Gama o viu separar-se de seus braços com os olhos ondeados das lagrymas da saudade. N'um só dia a sorte lhe roubava dous amigos, e o mesmo navio os conduzia para as terras da patria, pelas quaes ainda se lhe sobressaltava o coração e se lhe alvoroçava a alma. Silva Alvarenga apertou ao peito o seu amigo, o distincto cantor de Lindoya, o protegido do grande ministro, e embarcou-se para o Brasil em companhia do padre Antonio Caetano de Almeida ou Antonio Caetano Villas Boas (81), irmão de José Basilio e como elle tambem seu amigo.

Durante a viagem não se esqueceu o poeta do seu compatriota; inspirou-o a immensidade do Oceano, e a saudade verteu-lhe em pungentes trenos as imagens que lhe despertavam as ondas, os ventos, as nuvens, os astros e os céos. O genio do Oceano lhe franquea seus humidos paços e os acontecimentos do porvir lhe são patentes, mas a náu se adianta, a visão desaparece, e assoma um novo dia. Já elle respira os ares da patria, já toca o seio fecundo do solo onde dormirão em paz os seus ossos. Felizmente para elle o seu amigo zomba da inconstante fortuna depois de ter encadeado a voluvel roda aos pés do throno em solida columna. Ao *Templo de Neptuno* seguiu-se alguns annos depois outra allégoria não menos bella, que como a primeira ainda foi destinada a José Basilio da Gama, e na *Gruta americana* recebeu elle a prova mais cabal de que Silva Alvarenga não se esquecia

do seu maior amigo, não obstante o espaço immenso que os separava (82).

Chegou Silva Alvarenga ao Rio de Janeiro no anno de 1777, abraçou os seus velhos amigos e protectores e de novo se lhe abriram as portas da sociedade da florescente capital do Estado colonial. Era ainda o mesmo homem, alegre, instruido, cheio de amabilidade, que atrahia a attenção geral pela conversação erudita, faceta, e critica segundo os seus assumptos, que se tornava agradável e divertido na roda de seus bons amigos pelo gosto que tinha pela musica e a facilidade com que satisfazia aos pedidos dos que desejavam ouvil-o e aprecial-o, e que assim pelos talentos e conhecimentos, pelas qualidades e virtudes, destruia o preconceito que lavrava contra os homens que, como elle, sentiam bater nas suas arterias o sangue africano.

Não é ainda liquido se o doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga estabeleceu-se para logo na cidade do Rio de Janeiro com banca de advogacia, ou se partiu para a provincia de Minas Geraes a ver e abraçar o velho pae, o violonista de Villa Rica, pois talvez a esse tempo ja não existisse.

Affirma o conego Januario da Cunha Barbosa que ao voltar de Lisboa recebeu o poeta a patente de coronel de milicia dos homens pardos da sua comarca do Rio das Mortes (83), mas vê-se que ha manifesto equivoco nascido da semelhança dos appellidos. Alvarenga Peixoto, e não Silva Alvarenga, é que foi coronel de milicias d'essa comarca, quando deixou a vida de magistrado para entregar-se á mineração das terras auríferas que adquiriu,

e nem é crível que o doutor Manoel Ignacio aceitasse essa patente pela incompatibilidade que resultaria com a sua profissão de advogado, pois que não poderia deixar de seguir-a por não ter outros recursos para a subsistência.

É mais provável que nunca mais sahisse da cidade do Rio de Janeiro, pois já no anno seguinte ao da sua chegada, isto é, em 1778, o vemos na sessão da academia scientifica d'esta cidade recitando o bello poema didascalico *as Artes*, e quatro annos depois abrindo o curso de rhetorica e poetica, e continuando todavia com a banca de advogacia.

Tinha por esse tempo o Brasil um dos mais justos e illustrados vice-reis á frente da administração. O marquez de Lavradio governava o estado colonial com um tacto e um tino que em vão se buscam em seus antecessores e successores. Os historiadores do seu vice-reinado dizem que elle soube ser de Deus e de Cesar, e n'essas concisas palavras cifra-se todo o elogio de seu governo. Amigo dos sabios, dos litteratos e dos poetas, e amante desvelado da prosperidade do nascente imperio confiado aos seus cuidados administrativos, o illustre marquez de Lavradio procurou reunir em palacio todas as illustrações da florescente colonia, e ao passo que protegia a fundação da Sociedade scientifica do Rio de Janeiro, promovia por intermedio de seus socios o desenvolvimento dos recursos que offerecia o paiz para a sua prosperidade e riqueza. Foi assim que se animou a plantação do arroz, que até então vinha da Europa; foi assim que se introduziu no Brasil a cultura do indigo e o fabrico do anil

de modo admiravel; foi assim que se acoroçoou a cultura da urumbeba (*cactus opuntia*) e a criação dos bichos da cochonilha; foi assim que promoveu-se a propagação do bicho da seda alimentado com as folhas da tataiba (*morus tinctoria*); e foi assim que se procurou por meio de repetidos ensaios substituir o linho canhamo pela guaxima na fabricação do cordame (84).

Os poetas não ficaram occiosos; as musas da tragedia e da comedia lhe pediram o seu contingente, e o theatro desenvolveu-se sob o sôpro animador que lhe vinha da administração do paiz. Silva Alvarenga era o mestre; os seus collegas se sugeitavam á sua critica, ao seu bom gôsto e conhecimentos professionaes; e os dramas passavam de seu gabinete a ser ensaiados sob a sua direcção em um pequeno theatro e do palco dos amadores iam então ostentar-se publicamente aos olhos dos espectadores da casa da Opera, cuja entrada só era vedada aos estrangeiros (85). Mas de tantos poetas que então contava a capital da florescente colonia apenas sabe-se que Alvarenga Peixoto composera e dedicára ao vice-rei protector das bellas letras o drama *Enéas no Lacio*, e traduzira a *Merope* de Maffei, e ainda assim essas producções não chegaram ao conhecimento da posteridade (86).

Por esse tempo perdeu elle a mulher que devia contribuir para a sua felicidade n'este mundo, e encher-lhe a mansão domestica de risos e venturas dissipando-lhe a aridez nascida da monotonia de suas profissões. As galas da natureza, os sitios risonhos da patria, as flores, as ondas, os astros, tudo isso que se anima aos olhos do poeta e lhe ouve e lhe falla, tudo isso se lhe mudou em

imagens luctuosas; tudo isso pareceu sentir a sua mágoa; e as grutas e os montes que lhe repetiam as harmoniosas endeixas do amor e da esperança de envolta com o nome da sua amante, agora só echoam os seus ais e os seus gemidos dolorosos. Glaura, a bella Glaura, mistura de ideal e de realidade, mulher creada pela terra e anjo phantasiado pelo poeta, ja não vive! Uma febre cruel, uma febre ardente lhe devora as entranhas, lhe consome a existencia! Em vão a misera se ausenta da cidade; ambos se abraçam e choram, e os mares os separam. Levado pela dor e saudade o amante corre ainda a ver a sua amada. Baldado esforço! Uma nevoa eclipsou para sempre o brilho de seus olhos, e o frio da morte lhe gelou o corpo; os primores da natureza e da phantasia poetica não são mais do que um cadaver!

A saudade tenta revocal-a do além tumulo. Cuidados melancolicos assaltam o desgraçado amator, como espectros esfaimados que o querem devorar. Cançado de choral-a o poeta pendura a lyra aos ramos do loureiro, mas ah para seu tormento a briza que passa e que murmura rossa-lhe nas cordas, e a faz soar de amor ainda por muito tempo depois.

Com o governo do marquez de Lavradio (87) extinguiu-se a Sociedade scientifica do Rio de Janeiro, mas o novo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza não se mostrou menos protector das letras que seu antecessor, e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga encontrou n'elle o seu Mecenas; foi por intermedio d'este vice-rei que elle obteve a cadeira de professor regio de rhetorica e poetica d'esta capital e que se creára na sua pessoa, e já no

mez de agosto de 1782 abria com toda a solemnidade o primeiro curso ante um lúcido concurso, e pronunciava o discurso inaugural que mereceu os elogios do bispo dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, seu amigo e outros sabios e eruditos que primavam então na capital do vice-reino ultramarino. A aula de rhetorica e poetica marchou regularmente; o professor exercia o magisterio por vocação e apenas se lastimava do diminuto numero dos alumnos, quando dizia ironicamente :

E é muito seis estudantes
Para um só Quintiliano !)

Coração extremamente agradecido jámais esqueceu-se de pagar ao seu bemfeitor o *annual tributo* (88), já celebrando-lhe os annos em quintilhas que respiram a amabilidade de sua alma, a jovialidade de seu espirito, sempre propenso ao gracejo, já elevando-se nas azas do estro para engrandecer os serviços prestados por elle á colonia portugueza, e sobre tudo á cidade do Rio de Janeiro, cujos melhoramentos materiaes absorviam quasi que toda a attenção do prestante vice-rei (89). São d'este tempo a canção que intitulou *Apotheosis poetica* e a sua bella ode recitada no recolhimento da Senhora do Parto.

Querem alguns auctores que durante o vice-reinado de Luiz de Vasconcellos viesse José Basilio da Gama ao Rio de Janeiro, e que nos braços do seu amigo Silva Alvarenga encontrasse por algum tempo lenitivo aos males que começaram a acabrunhal-o depois da queda

do marquez-de Pombal, logo após a morte do rei dom José I (90). Asseveram até que elle fundára com o auxilio de Silva Alvarenga a Arcadia ultramarina, que depois ramificou-se pelas provincias de São Paulo e Minas (91). Nada sei com certeza a esse respeito, sendo ainda para notar que é esse justamente o periodo da vida de José Basilio da Gama que mais duvidas offereça em consequencia da obscuridade que n'elle reina. É certo que existiu a Arcadia ultramarina e que Silva Alvarenga fez parte da mesma com o nome de *Alcindo Palmireno* (92), mas não se póde affirmar quem fosse o seu fundador, nem em que anno se realisasse a sua instalação (93).

A' protecção de Luiz de Vasconcellos e Souza deve-se a continuação da Sociedade scientifica do Rio de Janeiro, transformada em Sociedade litteraria em 1786 (94), da qual foi Silva Alvarenga um dos mais prestantes e assiduos membros e, segundo penso, o seu secretario tambem, mas a Sociedade litteraria teve a mesma sorte que a Sociedade scientifica: o seu protector deixou o governo do Brasil nas mãos do taciturno conde de Rezende (95), e os socios não ousaram mais se reunir. Além d'isso as perseguições dos poetas envolvidos na conjuração da *inconfidencia*, tinha levado o desanimo e o desgosto a todos os corações brasileiros. Os olhos estavam como que voltados para essas praias do exilio onde tantos amigos expiavam o amor da patria e da liberdade retidos nos ferros do cativo, e os acontecimentos estrondosos da Europa traziam os espiritos sobresaltados. Advinhavam-se, previam-se grandes feitos, e como que

se presentia o seu arruido repercutindo-se aquém do Atlantico, nas terras da patria.

Era Silva Alvarenga homem de poucos amigos; não os queria em grande numero. Faceto, jovial, satyrico e epigrammatico na sua pequena roda, passava aos olhos do vulgo ignorante como individuo de fraca comprehensão e que bem longe estava de corresponder á reputação que d'elle se formava (96). Notavam lhe uma tal ou qual melancolia, e riam-se dos projectos, que elle concebia, de se entregar á lavoura e criação para isolar-se dos homens e viver apenas rodeado de animaes. Em sua misanthropia o poeta chegou a dar alguns passos para isso tencionando estabelecer-se nos sertões de Itaguahy, que havia visitado (97). Ruminava esses projectos fazendo mil castellos no ar, quando o conde de Rezende lhe perguntou pela Sociedade litteraria e manifestou-lhe o desejo de vel-a progredir em seus trabalhos (98).

Silva Alvarenga não hesitou; convidou os amigos, antigos socios e collaboradores, e tratou de dar á Sociedade todo o desenvolvimento possivel. Corria então o mez de junho do anno de 1794, e Silva Alvarenga veio morar para umas casas de dous andares da rua do Cano; a Sociedade occupava o primeiro e elle morava no segundo (99), e assim podia velar na conservação dos objectos que ella possuia e que formavam uma bella e rica collecção de artigos pertencentes á historia natural e uma das melhores bibliothecas (100). Era elle o mais empenhado no bom exito dos trabalhos, mas os collegas não se mostravam menos assiduos e trabalhadores.

As conferencias se succediam sem interrupção; e João

Marques Pinto, professor de grego, Jacyntho José da Silva, medico, e Marianno José Pereira da Fonseca, mais conhecido então pela alcunha de *doutor Biscoito*; eram os mais notaveis pela sua pontualidade, devida tambem em parte aos vinculos da amizade que os ligavam a Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Contavam-se tambem no numero de seus amigos o mestre de latim João Manso e o cirurgião Vincente Gomes (101).

O conde de Rezende que havia examinado os estatutos da Sociedade, bem depressa convenceu-se que a assiduidade de seus membros tinha outros attractivos que não os meros estudos litterarios. Murmurava-se á traição, fallava-se ao ouvido que era um *club de jacobinos* que alli se reunia para tratar secretamente de assumptos religiosos e politicos (102). Essas vozes chegaram ao despota que tinha ante si o patibulo de Tiradentes ainda tincto de sangue, e, sob pretexto de desavenças que se deram nas conferencias litterarias, ordenou que se dissolvesse a Sociedade. A ordem era severa, dura e até barbara, mas os socios dobraram a cabeça e submeteram-se apparentemente ao decreto dictatorial do proconsul. Silva Alvarenga procurou dissipar todas as suspeitas e tratou de alugar a outrem o andar em que se celebravam as conferencias (103). Accreditou-se geralmente na extincção da Sociedade.

A sociedade, porém, propriamente dicta, a grande sociedade, a sociedade universal e que se não dispersa ao acceno de um regulo, ou ás mitrallhadas de um despota, essa persistia e persistirá sempre.

Não obstante a sua pressão, o despotismo colonial não

pôde obstar que entre nós se propagassem as idéas philosophicas dos encyclopedistas. Tinhamos tambem em ponto pequenissimo os nossos Diderots, Voltaires e Condorcets; e a sociedade brasileira, parcella da grande sociedade, estava como toda ella eivada do mesmo mal que levou a França a revolucionar-se tam horrivel e extraordinariamente. Os discipulos de Silva Alvarenga discorriam livremente como os encyclopedistas, fazendo o panegyrico do suicidio e mostrando a um povo escravo que o valor era a primeira das virtudes do homem, o qual não fôra creado para curvar-se ante a prepotencia de um ente, que não tinha recebido do seu creador semelhante missão, nem com ella uma alma mais perfeita do que a sua. Era o elogio tacito de Claudio Manoel da Costa. O professor de rhetorica e poetica interpretava e explicava as lições de Quintiliano com os olhos fitos nos horizontes da independencia da patria; tanto é certo que decepam-se as cabeças, desterram-se os homens, mas vigoram as grandes idéas emancipadoras da humanidade (104).

O despotismo tinha tocado o seu auge; a demagogia descia aos ultimos excessos. A Europa regenerava-se por meio de um cataclisma tremendo; a França, attrahia todas as vistas. Os acontecimentos precipitavam-se espantosamente e a metropole condemnava a colonia, já suppliciada na pessoa de Silva Xavier, já dispersa na pessoa de seus filhos pelos areaes dos desertos africanos, a ser surda e cega espectadora d'essas scenas. Era até crime sonhar-se com o que se passava no theatro em que se representava esse drama sanguinolento, cujas

peripecias deram em resultado a transformação da sociedade. A mera curiosidade era interpretada como complicitade.

Os livros e as gazetas estrangeiras que nos traziam os viajantes e que illudiam a vigilancia da politica colonial, eram apprehendidas e sequestradas como o mais pernicioso de todos os contrabandos. E com estes meios vexatorios aguçavam o desejo das noticias bebidas em fontes puras, quando sómente a franqueza e a tolerância deveriam mostrar que nem um receio tinha o governo da metropole na repercussão das idéas e acontecimentos revolucionarios, nem tam pouco temia o triumpho dos seus propugnadores.

A prohibição accintosa e iniqua traz em si mesmo o germen da propria violação; a vontade reage e as transgressões apparecem ostensivamente. Foi o que aconteceu; e era o que queria o conde de Rezende. Silva Alvarenga e seus amigos crearam desde então uma sociedade secreta, cujos estatutos nos foram transmittidos pela devassa publica.

Ninguem podia ser admittido a fazer parte d'essa associação sem que primeiro procedesse boa informação acerca da sua probidade, segredo e *applicação*, de sorte que se pudesse *esperar utilidade da sua companhia*. Exigia-se boa fé e segredo de modo que se não soubesse do que se tratasse nas suas conferencias.

A igualdade nivelava todas as condições; não se admittia superioridade de natureza alguma; o seu regimen era todo democratico.

O assumpto principal de que se occupava a sociedade

era a *philosophia em toda a sua extensão*, comprehendendo tudo quanto *podesse ser interessante*.

Não se devia trabalhar sómente sobre *materias novas*, mas também sobre *as já sabidas*, por ser útil *conservar e renovar as idéas adquiridas* e communicar-as aos que tivessem falta d'esses *conhecimentos*.

O socio que *escrevesse alguma memoria* era obrigado a apresental-a á sociedade sem que antes nem depois a communicasse á pessoa alguma, excepto quando a sociedade julgasse *que se devia pô-la em pratica para utilidade publica*.

Tinha também a sociedade um cofre secreto onde se guardavam os seus objectos, e a chave estava a cargo do secretario annual (105).

Ve-se claramente, através da transparencia da redacção amphibologica do rhetorico, as idéas do homem politico, e para logo salta aos olhos o fim principal da sociedade. O gremio alargou-se; novos catechumenos vieram augmentar-lhe a milicia, mas o poeta satyrico perdeu o homem politico.

Um frade franciscano havia incorrido no odio do poeta satyrico, e nunca poeta algum d'este mundo provou melhor do que Silva Alvarenga a força da irritabilidade do genio.

De todos os membros da *grey franciscana* (106) era frei Raymundo o mais encarniçado inimigo dos litteratos que se reuniam em casa da Silva Alvarenga; fôra elle quem satyricamente os apodára com o labeo de *Jacobinos*, e era elle quem procurava com a mais fanatica reluctancia e apurado azedume propagar o boato de que

na casa do poeta se celebravam conferencias clandestinas, nas quaes se tratavam da religião com menospreço e se applaudiam os triumphos da democracia.

Silva Alvarenga assestou a sua bateria poetica contra o vulto mais saliente e importante da grey franciscana e despedia-lhe desapidadamente mitralhas de epigrammas, cuja força redobrava na razão dos applausos de seus amigos. Comettia uma imprudencia cujo alcance nem elle, nem os seus collegas previram!

O frade foi zurzido por uma centuria de sonetos. A satyra ora se mostrava mordaz e ferina, ora jovial e compassiva; ora caustica e terrivel, ora folgazona e chocalheira. A ironia elevava o frade até o céu, o ridiculo o abatia até as profundezas do inferno, e n'um tiroteio de motejos provocadores do riso desaparecia a figura que pelas vestes talares deveria impôr mais respeito se o habito fizesse o monge.

Frei Raymundo pouco tinha de religioso; era apenas um fanatico. Faltou-lhe a resignação ante as risotas que despertava a sua presença depois da temivel centuria. Leu essa legião de sonetos endiabrados, que como cem diabinhos lhe tinham entrado na cella por baixo da porta (107), e jurou vingar-se.

Silva Alvarenga e seus amigos se haviam rido á sua custa, e o frade lhes promettia trocar o riso em amargas lagrymas. Procurou o instrumento da sua vingança e encontrou-o á porta da casa do poeta!

José Bernardo da Silveira Frade, tinha, como rabula, pouco e pouco penetrado no domicilio de Silva Alvarenga; passou do escriptorio do advogado aos mais re-

conditos logares de sua habitação, e inteiron-se de sua vida intima, estudou-lhe os habitos, espiou-lhe os movimentos, decorou-lhe as palavras, e quando um dia o advogado deixou de assignar-lhe uns papeis por serem contra os seus collegas — desmascarou-se o individuo, e appareceu o inimigo (108)!

Era o homem de que precisava frei Raymundo.

José Bernardo da Silveira Frade gosava geralmente de máu conceito; era tido como fautor de denunciaes, apontado como patrocinador de intrigas e demandas, escarnecido como um tartufo que se não confessava porque o cura da Sé o mandava arrolar por pessoa incompetente (109) e timida, como uma espia do governo colonial que se disfarçava em amigo. Era emfim um novo Joaquim Silverio dos Reis que, ainda n'esse segundo drama, escolheu para si o miseravel papel de delator!

O conde de Rezende não esperou pelas provas; accitou a delação com o alvoroço do contentamento que lhe abalava as entranhas de tigre, e lhe accordava os instinctos de fera. Para mais um patibulo havia ahi mais uma praça; e a igreja do Carmo entoaria depois os seus hymnos de victoria. Era apenas uma repetição de actos identicos. As casas do professor João Marques Pinto, do medico Jacyntho José da Silva, do doutor Marianno José Pereira da Fonseca, e de outros prestantes e estimaveis brasileiros foram cercadas n'um dia do mez de dezembro de 1794, e elles presos, carregados de ferros e atirados nas masmorras, cujos echos ainda repetiam os gemidos das victimas da devassa da inconfidencia.

Como o alvo da perseguição era Manoel Ignacio da Silva

Alvarenga o mais recommendado. Dobraram-lhe o supplicio. « Ao principio, diz elle, pensei que era por causa da satyra que se me imputava, mas o aparato com que fui preso me fez desvanecer essa idéa. » O povo, attrahido pelo ruido das armas e o tropel dos soldados, accudiu ás ruas e viu-o passar debaixo de pezados ferros em direcção á fortaleza da Conceição. Ahi o sepultaram em fria masmorra, sem que ao menos lhe suavisassem o captivo do carcere livrando-o dos affrontosos grilhões (110).

Não parou ahi a justiça; o fisco veio tambem com o mandado de sequestro apprehender-lhe os moveis, os livros e papeis, os objectos do seu museu, e até a propria roupa do corpo!

Nove vezes pelo espaço de dous mezes e dez dias, desde 4 de julho até 14 de setembro de 1795, foi o infeliz Manoel Ignacio da Silva Alvarenga sujeito aos interrogatorios e acareações de um processo monstruoso. O mesmo juiz, que condemnára á infamia e ao exilio os seus collegas ou compatriotas Thomaz Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Alvares Maciel, Vidal Barbosa, Freire de Andrade e tantos outros, é que vinha agora tambem interrogar-o por sua vez de ordem do conde de Rezende. Poeta como elles e como elles doutorado na mesma Universidade, Antonio Diniz da Cruz e Silva comprazia-se n'essa missão. Armado de artificios, com o rigor impresso nas rugas da testa, e a austeridade n'alma penetrava nas masmorras, sentava-se na cadeira de juiz e ennobrecia-se com a superioridade que lhe dava a lei sobre os seus collegas, convertidos em réos de uma importancia ex-

traordinaria, não por serem [quem eram, mas pela monstruosidade de uma legislação nimiamente barbara.

Em 4 de julho de 1795 foi Silva Alvarenga interrogado pela primeira vez; o desembargador chanceller Antonio Diniz da Cruz e Silva veio acompanhado do escrivão José Manoel Guerreiro de Amorim Duarte e do tabellião José dos Santos Rodrigues de Araujo. Estava em ferros e assim foi conduzido á presença do severo juiz que o mandou pôr em liberdade para não apparentar coação. Este acto reproduziu-se nos dias 21, 27 e 31 do mesmo mez e ainda nos dias 4, 12 e 26 de agosto, 2 e 14 de septembro. O mais que passou-se d'ahi em diante não póde ser trazido á luz da publicidade senão tradicionalmente por isso que os documentos que compulsei são incompletos.

Interrogado sobre o fim da sociedade, o numero de seus socios, o logar das conferencias, deu Silva Alvarenga as mais completas informações, não occultando as reuniões que se faziam em sua casa, mas cohonestando-as com assegurar que a materia da conversação variava, e que sempre se preferia a jovial; não era pois mais em sua opinião do que um passatempo innocente.

Pezavam todavia sobre elle graves imputações, e o juiz insistia pela sua confissão, queria que elle mesmo confirmasse pelos seus ditos que n'essas reuniões se tratavam de objectos religiosos levando-se a liberdade da linguagem ao excesso do escandalo, e que se praticava sobre os negocios da Europa louvando-se o systema republicano e sympathisando-se com a revolução que ensan-

guentava a França. Por sua parte obstinava-se o poeta em confirmar taes imputações, dizendo em sua defeza que em virtude dos estatutos da extincta sociedade estavam habituados a não tratar de semelhantes assumptos.

Com os bens de Silva Alvarenga tinham cahido no poder da justiça os seus papeis; o desembargador Antonio Rodriguez, que os examinára, encontrou entre elles os estatutos da sociedade clandestina. Era o fio de Ariadna que devia conduzir a justiça n'esse labyrintho secreto dos associados. O tabellião José dos Santos Araujo reconheceu em 24 de dezembro de 1794 que a letra era do punho de Silva Alvarenga, e em 31 de julho do anno seguinte foram elles por termo de ajuntada appensos á devassa. Silva Alvarenga não se lembrava de taes estatutos; recordava-se apenas que tinha na sua livraria os da antiga sociedade litteraria (111), e por isso affirmou ao juiz que com effeito eram escriptos por elles; quando, porém, viu o original negou que os tivesse escripto e declinou de si essa responsabilidade para Estacio Gurlarte allegando que só continham algumas correções suas (112).

A accusação era grave e a defeza difficil. O desembargador chanceller com aquella severidade, que o caracterisava, lhe fez ver que não era de seu animo reunir os amigos em casa só por mera recreação, pois para isso não havia razão para tanto segredo de modo que ninguem soubesse do que se tratasse, e que a fórma do regimen democratico adoptado bem patenteava as suas tendencias, e deixava entrever que elle se propunha debaixo do pre-

texto de uma corporação litteraria tratar e envolver materias de pessimas consequencias.

Silva Alvarenga defendia-se demonstrando que o segredo era para que o publico não viesse no conhecimento de qualquer disputa menos airosa que se dêsse entre os socios, como ja havia acontecido; e' que quanto ao regimen democratico nada havia ahi de odioso e que não sendo os socios superiores uns aos outros ou por nascimento ou por empregos, era o regimen democratico o que melhor convinha a suas reunioes, e acabou finalmente por assegurar que os estatutos da sociedade clandestina eram anteriores aos da litteraria, e escriptos em annos em que a palavra *democratica* se não ligava ás idéas de horror que agora despertam.

O juiz não se podia dar por satisfeito com essas respostas tam dubias; e as perguntas rolaram sobre o mesmo campo, procurando-se por meio de uma rede de artificios colher as proprias confissoes em que o réo se tornasse réo confesso para fazer-se mais digno das penas da legislação affonsina.

Os livros, que os prelos da democracia davam á luz, e as gazetas d'esses paizes em que lavrava a revolução ou em que ja se sentiam os seus effeitos, e que se encontraram no sequestro feito ao distincto advogado e poeta, serviram-lhe tambem de ponto de accusação. Ao principio negou Silva Alvarenga que possuisse taes livros e gazetas cheios de principios perniciosos, como dizia o juiz, que lançassem sementes de illimitada liberdade ou atacassem a auctoridade e o poder dos monarchas; confessando todavia que tinha algumas gazetas que publica-

vam despachos e noticias sobre novas edições, e que as obras de sua livraria versavam sobre mathematicas e poesias.

O juiz para prova do contrario apresentou-lhe duas folhas do *Mercurio francez* contendo alguns discursos doutrinaes e apologistas da revolução da França, que o poeta não hesitou em confessar que eram suas, e que os havia alcançado de um inglez que por aqui passára em viagem para Botany-Bay, no anno de 1794, mas que não as lera.

Acareado com José Bernardo da Silveira Frade confirmou este o juramento que dera na devassa de se ter procedido a leitura dessas gazetas tam favoraveis á democracia como contrarias aos reis que ellas figuravam sentados em thronos argamassados com o sangue dos miseraveis vassallos e empunhando o sceptro para flagello da triste humanidade. As imputações da acareação desceram a baixo das trivialidades e os assumptos frivolos de uma palestra jovial vieram como corpo de delicto figurar no processo e aggravar a sorte dos encarcerados (115). Não havia duvida que a sociedade clandestina tramava contra a ordem das cousas estabelecidas, por isso que seus membros fallavam do bezerro de ouro dos hebreus com sarcasmo, envolvendo a historia sacra em suas pilherias, e tratavam tambem de fundar uma republica de animaes nos sertões de Itaguahy, para o que já Silva Alvarenga se dispunha a tirar carta de sesmaria (114)!

Nada havia escapado ás pesquisas da justiça; senhora do espolio litterario do poeta, examinou as obras da sua livraria, lendo-as uma por uma. Para o desembargador

Antonio Rodriguez era Silva Alvarenga um energumeno infernal, pois que na sua bibliotheca encontravam-se alguns tomos da historia do abbade Raynal e sobretudo o livro dos *Direitos do cidadão* do abbade Mably! Para o desembargador chanceller Antonio Diniz era o poeta complice d'esses auctores, por quanto lia e dava a ler essas obras que continham maximas e principios oppositos á monarchia e tendentes a fazer ainar a republica, e tanto era assim que essas doutrinas subversivas appareciam nos discursos dos seus discipulos, que os liam publicamente na aula de rhetorica e poetica.

Infelizmente essa asserção não era sem fundamento; o juiz possuia o discurso feito por José Antonio de Almeida, seu discipulo, e recitado na aula de rhetorica n'um dos dias do mez de outubro de 1794. Para o desembargador chanceller não passava a oração do joven estudante de um tecido de proposições, que encerravam em si o mais refinado veneno e as maximas contrarias ao governo monarchico (115).

Tornava ainda o juiz mais grave a accusação fazendo ver que como professor regio assistia a Silva Alvarenga o dever de infundir no animo de seus discipulos outras maximas que estivessem em mais harmonia com a sociedade colonial.

Silva Alvarenga confessou que a oração era com effeito de seu discipulo, mas que elle lhe não dera importancia alguma. Seus inimigos, porém, pensavam ao contrario; tiham-na por obra superior á intelligencia do joven alumno e viam na linguagem e no estylo o dedo do professor de rhetorica e poetica da cadeira regia. Bem de-

pressa arrependeu-se o mestre da sua affirmativa vendo comparecer por mandado do juiz o joven José Antonio de Almeida entre os duros grilhões que lhe arroxavam os membros!

As lagrymas do mestre correram á vista do discipulo que estava soffrendo como elle as mesmas privações, encerrado ha tantos mezes n'um carcere privado, isolado e entregue aos horrores da solidão, á aridez da existencia!

José Antonio de Almeida foi posto em liberdade, isto é, desembaraçado de seus ferros; e, acareado com o mestre, nada teve que oppôr ás palavras de Silva Alvarenga no que lhe eram relativas. Este procedimento do mancebo enterneceu ainda mais o distincto professor. Em vão quiz o mestre de rhetorica e poetica desviar de seu discipulo a força das imputações; procurou outro nome, que lhe não occorreu, fallou n'um joven que dizia que talvez habitasse em Campos de Goitacazes, mas o severo desembargador chanceller ordenou ao escrivão que procedesse a leitura das perguntas feitas anteriormente e toda a defeza tornou-se impossivel (116).

Fecharam-se então as portas do carcere a Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e ahi o esqueceram por longos dias, por longos mezes, em fim por dous annos e meio (117)!

Igual sorte experimentaram os seus companheiros de infortunio.

Infelizmente para elle o unico protector que o podia valer junto ao throno da rainha, contra as perseguições do despota colonial, tinha baixado ao tumulo no dia 31

de julho de 1795. O auctor do *Uruguáy* ja não pertencia ao catalogo dos vivos. Resignou-se Silva Alvarenga e aguardou tranquillo a hora da sua sentença.

A melancolia lhe minava a existencia ; não tinha a distracção que encontrava Thomaz Antonio Gonzaga na masmorra da ilha das Cobras. Não podia como elle cantar ao tinido dos ferros. Oh ! os dias de amor haviam passado ; sua Glaura era tambem morta ! Não achava no fumo da candêia tinta para escrever as sentidas elegias que lhe acudiam á mente ; balbuciava suas endeixas harmoniosas e recordava os dias felizes de outrora, das scenas campestinas que celebrára, e de novo cahia nos braços da melancolia. Sem amigos, sem parentes, entregue a privações, a dôres, a penas, a desgostos sem fim, já não vivia ; — vegetava ; e a masmorra era para elle uma sepultura onde seu corpo fôra lançado como um cadaver...

E a idéa que mais o atormentava era o prazer que estava dando aos delatores victóriosos pelos seus continuos soffrimentos ; mas felizmente as ordens da corte de Lisboa vieram, tarde embora, pôr termo á essa longa serie de tormentos e privações. « Puni-os se são culpados ; mas a serem innocentes ponde-os em liberdade ! »

Assim expressou-se a clemente rainha dona Maria I. Silva Alvarenga sempre agradecido aos beneficios que recebia levou aos degraus do throno portuguez as mais gratas expressões do coração humano ; e curvou-se sem envilecer se. Restituído ao seu lar doméstico, pôde abraçar os amigos, rever os discipulos, reler os livros que lhe foram restituídos e na aurora de 17 de dezembro de 1797 saudou o anniversario natalicio da rainha lusi-

tana. São seus versos uma allegoria dos soffrimentos na masmorra durante os dous annos e meio de cativo, e por isso deu á sua canção o titulo de *Tempestade*. A mão benigna da augusta rainha apparece no meio dos horrores da tormenta e logo os ventos se acalmam, as ondas se nivelam, as nuvens se desfazem e o fragil resto do batel chega felizmente ao desejado porto. Mas ah! em que miseravel estado não se achava o desgraçado poeta! Haviam sequestrado um homem á sociedade e restituíam-lhe um cadaver! « As musas, diz elle, me tinham educado no seu regaço para cantar a gloria e o amor, mas o tempo e a morte me azedaram a existencia derramando em meus dias o seu negro fel. Faltou-me o suave alento á lyra, que cançada de chorar já não póde senão gemer (118). »

Nunca mais o viram rir-se, ou zombar; despojaram-lhe os ferros das facecias e sainetes com que sohia amenisar os seus ditos nas intimas palestras, e só lhe deixaram essa melancolia pezada, essa tristeza profunda em que se abismara por tanto tempo! A musica, esse lenitivo dos proprios captivos, o deixou para sempre entregue á sua misanthropia. Lia apenas os livros que possuia e revia as obras que tinha escripto, negando-se todavia a imprimil-as. Foi só depois dos mais repetidos esforços que um de seus discipulos conseguiu a mimosa collecção de poesias eroticas que viram a luz no primeiro anno d'este seculo sob o titulo de *Glaura*. Ainda assim as poesias somente sahiram-lhe das mãos sob a promessa de que seriam publicadas anonimamente. Faltou-lhe felizmente o discipulo com o cumprimento da palavra, e *Glaura* é hoje

o mais bello florão da sua corôa poetica, mas a predicção do discipulo se realisou em parte; elle temia que as outras composições que vira de seu mestre fossem victimas do desgosto que o acabrunhava (119), e assim conteceu! Perdeu-se a esmerada traducção de Anacreonte que elle fez como um dos mais habilitados e mais proprios de seus interpretes, bem como a melhor de suas obras satyricas, a famosa centuria de sonetos que devia eternisar o nome de frei Raymundo, e patentear em toda a sua extensão o genio epigrammatico e nimiamente mordaz de Silva Alvarenga.

Conhecia que se aproximava das bordas do tumulo, arrastado pelos desgostos e assim ia vegetando quando viu em 7 de março de 1808, ás salvas ruidosas e festivas da artilheria dos vasos de guerra surtos na bahia e das fortalezas, aos repiques dos sinos, ao arruido das gyrandolas que sobiam ao ar, cobrirem-se as praias, coroarem-se os montes de numeroso povo, e todos os olhos se voltarem para a barra da magnifica bahia, e todos os braços apontarem para a esquadra lusitana que buscava nova séde para a côrte da monarchia portugueza. Quebrava-se o primeiro elo do grilhão colonial ante a proclamação da liberdade do commercio e da navegação, e a imprensa vinha de novo com os seus typos e seus prelos pôr fim á interdicção que nos privara de seus recursos pelo espaço de mais de cincoenta annos. Silva Alvarenga sentiu reanimarem-se-lhe as forças com a epocha da regeneração que raiava para a patria; e mais tarde enfileirava-se aos collaboradores do *Patriota*, que tinha á sua frente o illustre Manoel Ferreira de Araujo

Guimarães (120). Era tarde, era muito tarde, como depois dizia Monte Alverne tateando as trevas de cima do pulpito, rodado de um illustre e numeroso auditorio sequioso de ouvil-o. O espirito em vão actuou sobre o corpo; a materia alquebrada das fadigas não correspondeu ás exigencias da alma, como o liberto pede em vão ao corpo que sahe cançado do captiveiro novas forças para recommençar a vida no seio da liberdade; tudo estava exaustão! Durante o primeiro anno da publicação do *Patriota* ainda Silva Alvarenga deu signaes de si; eram os ultimos lampejos da alampada da sua existencia. Já em todo o anno de 1814 não figurou entre os collaboradores de tam interessante publicação, signal de que a molestia que o levou ao sepulchro fôra longa, muito longa.

Na tarde do dia 1º de novembro d'esse anno, quando os sinos de todas as torres da cidade começavam a dobrar pelos finados, celebrando as vespersas da commemoração dos mortos, deixou elle de existir para a sua patria e para os seus discipulos, que banhados em lagrymas lhe rodeavam o leito. Contava então 65 annos de idade. De seus amigos apenas o sobreviveu, para lhe cerrar os olhos, o doutor Marianno José Pereira da Fonseca, um dos republicanos que merecen a persiguição do conde de Rezende, e que no entanto conseguiu arrolar-se entre os membros da nossa aristocracia e tornar-se um dos mais illustres ornamentos da monarchia brasileira sob o titulo de marquez de Maricá.

Um punhado de terra cobre ha muito os ossos de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, mas a patria, que elle tanto amava, a patria que ainda hoje desdenha das glo-

rias, nem ao menos sabe apontar o logar em que elles descansam!

Silva Alvarenga era de alta estatura, de compleição forte e repleto sem ser obézo; seu semblante tinha alguma cousa de carregado a que dava ainda mais gravidade a sua côr parda; e a voz resentia-se do sotaque brasileiro por nimiamente pausada. Era lhano e complacente no trato familiar; gosou sempre da reputação de honrado e passava pelo o primeiro advogado de seu tempo, e como homem instruido nas mathematicas, na musica, no grego e latim, no francez, italiano, inglez e hespanhol. Morreu solteiro e não deixou descendentes (121).

Como professor de rhetorica e poetica prestou honroso e douradouro serviço a sua patria. «A mocidade brasileira, diz um de seus discipulos, principalmente das provincias mais proximas do Rio de Janeiro, onde Manoel Ignacio dava lições de eloquencia e poetica colheu grandes fructos de seu magisterio, elles ainda hoje apparecem nos escriptos d'aquelles que ouviram suas lições ou que têm sido instruidos pelos discipulos de Manoel Ignacio. O impulso que recebera na Europa pela reforma do ensino publico operada no anno de 1772 pelo marquez de Pombal e que tam bons litteratos dera á nação n'essa epocha, communicou-se por este insigne professor de rhetorica aos Brasileiros, muitos dos quaes corresponderam por seus trabalhos litterarios aos seus patrioticos desvelos. A eloquencia contida até então nas descarnadas fórmulas de dissertações theologicas, lidando desgraçadamente com as antitheses e conceitos, que cançavam o espirito sem tocar o coração, tomou um nobre vôo e se-

guindo a carreira luminosa dos oradores romanos e francezes descobriu no Brasil genios admiraveis, que marcam a era da renovação da boa litteratura e a continuação dos novos estudos, a que a mocidade se entregára com gloria. Talvez que sem as lições de Manoel Ignacio não tivessem apparecido nas cadeiras sagradas do Rio de Janeiro os Frias, os Rodovalhos, os San-Carlos, os Sampaios, os Ferreiras de Azevedo, os Oliveiras, os Alvernes e outros pregadores de nomeada, que deixando os habitos da antiga escola abriram carreira luminosa aos que annunciam com mais dignidade e efficacia as doutrinas da nossa santa religião (122). »

Pertence Silva Alvarenga á escola franceza do seculo de Luiz XIV O seu estylo, sempre appropriado aos diversos assumptos de seus poemas, é fluente e nobre quando cumpre, e quando cumpre elegante e florido ou faceto e humoristico. A linguagem é classica como a dos nossos auctores do reinado de dom José e a dicção poetica sem que degenerere em empolada.

A sua metrificação agrada por harmoniosa; vê-se que o seu ouvido está affeito á successão e simultaneidade dos sons. Quando elle se eleva, a harmonia torna-se menos sensivel, mas ganha em gravidade o que perde de musical; quando pelo contrario desce aos assumptos menos grandiosos, porém não menos bellos, parece que a musica lhe acompanha os versos. Melodia, harmonia e rhythmo, tudo se combina para afagar, para lisongear e encantar os sentidos. Então os seus versos não se lem, não se recitam; — cantam-se, mas quem os canta murmura como a briza que roça nas flores, como a fonte

que se despenha pelos rochedos, como o mar que brinca na praia, como as aves que trinam nos bosques, como os insectos de nil côres que vagam nos ares. Infelizmente o poeta não pára, não cansa, não varia e sente-se o defeito da monotonia.

A rima rica, facil e abundante predomina em quasi todas as composições de Silva Alvarenga, e apenas os versos de dous de seus poemas não são rimados e correm livremente e então a versificação é desigual senão deleixada (123). Foi elle e não o marquez de Paranaguá, como diz o Snr. Innocencio Francisco da Silva (124), quem renovou o uso das rimas por hemistichios não só nos versos menores como nos endecassylabos (125).

O seu colorido é pomposo e brilhante. As tintas da sua palheta brilham no iris do céu da patria, nas facetas dos diamantes, nas petalas das flores, nas azas dos insectos, nas plumas das aves, e nas pelles dos animaes.

Não lhe falta imaginação, genio e inspiração, que lhe dão tal ou qual originalidade; mas infelizmente o poeta procura ainda a medo e de olhos fitos nas ficções da velha Grecia as imagens que ás mãos cheias lhe offerece a patria, e assim vae entremeando com as flores naturaes e agrestes cheias de viço e loucania e rescendentes de perfume, as flores artificiaes e já gastas, com que desfigura o matiz do seu ramalhete e que tam original podia ser. Não sabe como Basilio da Gama antes e depois Sancta Rita Durão libertar-se d'esse jugo, a que se suggeraram os insipidos imitadores ou meros copistas dos auctores classicos.

Silva Alvarenga primou em tres generos : na poesia anacreontica, na lyrica e na satyrica.

Glaura, a sua bella collecção de rondós e madrigaes, seria um primor em seu genero se o poeta se não prendesse tanto, pautando todos os seus cantos pelo primeiro e não variando de metro, de modo que todos os seus rondós, com excepção de meia duzia, são todos escriptos em quartetos octosyllabos (126). Foi elle quem introduziu esse genero de cançonetas em nossa lingua, transplantando-o da franceza, e com tam bom exito que lhe soube conservar o gesto airoso, facil, e natural, que constituc todo o merito, segundo a recommendação de Boileau (127). Saint-Gelais, Benserade e Voiture não tem n'este genero cousas tam bonitas como Silva Alvarenga.

A allegoria é a fórma caracteristica das composições de Silva Alvarenga; todas as suas poesias são quadros allegoricos; e em *Glaura* predominam as scenas da Arcadia, a vida pastoril com todo o cortejo de pastores, nymphas, e napeas; e é esse o seu maior defeito.

À força, porém, de esboçar os quadros campesinos modelando-os pelos sitios do nosso ridente e bello paiz, trahe-se o pintor pastoril e d'entre as murtas, as faias e os cyprestes, lhe surgem o cedro com a sua copada folhagem, o cajueiro com os seus tortuosos troncos e a mangueira com os seus pomos; cruza-se nos ares o pombo com o ligciro beijaflor, e só os lyrios e as boninas, as rosas e os jasmims se não entrelaçam aos rouxos martyrios e manacás. Lá uma ou outra vez escuta-se o arruido de um rib; — é o Jequitinhonha, que passeia por

cima de suas arêas brilhantes. Ergue-se uma alta montanha; — é a Gavia, que se eleva magestosamente ás regiões das nuvens.

Quando o poeta se esquece da Arcadia e inspira-lhe a patria, ah que quadros encantadores que sahem de seu magico pincel! E que pena que todo o seu poema não contenha senão essas pinturas!

Como é bella e seductora essa Glaura que gosta de respirar á sombra das mangueiras cançada de correr atraz das aves (128)!

Um dia o amante a encontra no valle, juncto a fonte, ao pé de um cedro; ella dorme, ella sonha, ella se está rindo e o desgraçado suspira. De repente elle vê juncto d'ella um monstro enorme; enroscado ao tronco de um cedro, envolto em escamosa e mosqueada pelle, e com os olhos accezos a lhe scintillarem.

Ah mil horrores lhe accodem á mente... elle hesita... elle vacilla... mas o amor vence. Toma nos braços a amante e accomette o monstro, que ergue o collo e o ameaça atrevidamente. Elle o derriba, e a serpente expira açoitando a terra, o tronco e o ar com a negra cauda. A bella Glaura o abraça palpitante de amor e de alegria.

Ao cedro testemunha de seu valor e coragem recorda desde então o amante a historia de seu triumpho (129).

Outra vez é o poeta que convida a sua amante para que venha buscar o abrigo da gruta contra os ardores de um dia de verão.

« É meio dia, diz elle, e reina a calma! Ferve a arêa, arde o musgo, esmorece o arvoredo, desmaia a flor, busca o gado as frias sombras, zune na selva a cigarra,

gemem as aves opprimidas do calor, desce a fonte gota a gota lavando a pênha sem rumor, e só a serpente gelada dorme exposta aos raios abrazadores do sol!

« Mas na gruta, ó Glaura, na gruta vive a amenidade, impera o segredo e só suspira a minha dôr (130)! »

Aqui e alli brilham essas pinturas americanas; não é o pincel energico que reproduz esse sublime imponente da natureza virgem e deslumbrante do novo mundo; é a poesia indolente que mudula na flauta pastoril suas endexas de amor esboçando fugitivamente os encantos que ahi o estão inspirando. Assim aqui sahe a fonte dos asperos penhascos, saltando e sorrindo-se e namorando os pendentês arvoredos, em quanto que alli o rio vagaroso e languido, cheio de saudade vae lavando os verdes bosques sem vontade de os deixar (131).

Tem-se querido mostrar a superioridade que ha entre a *Glaura de Alcindo* e a *Mariliu de Dirceu*. Costa e Silva prefere a composição de Silva Alvarenga á de Gonzaga. Acha-lhe a linguagem mais correcta, e estylo mais elegante, a versificação mais harmoniosa, as imagens, as ficções e os pensamentos mais originaes, o colorido mais americano, assim como tambem nota que Gonzaga é mais variado no cóрте das suas estrophes (132).

O Snr. doutor J. M. Pereira da Silva vae ainda mais longe. Silva Alvarenga é superior em tudo ao seu rival. Gonzaga não lhe compete na harmonia da phrase, na perfeição artistica do verso, nem na sua cadencia e melodia. Alvarenga tem mais diversidade de tons, mais variedade de movimentos, mais originalidade de expressões (133).

O Snr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro segue opinião contraria. O auctor dos rondós é inferior ao auctor das lyras; Gonzaga tem sobre o seu competidor mais harmonia no verso e mais ingenuidade nas imagens (134).

Quanto a mim, a *Marilia de Dirceu* é superior á *Glaura* pela compaixão que inspira o infortunio do poeta; as scenas da Arcadia com seus quadros pastorís desapparecem ante essa pintura lobrega e triste do carcere onde o poeta canta as suas saudades ao tenido dos ferros. A peripecia no drama dos amores de Silva Alvarenga é breve; chora-se a amante devorada pela febre, sente-se a magoa do poeta que a revoca da sepultura, que a busca pelo meio dos prados, entre as flores, á luz da lua, mas não em Gonzaga; o amante encarcerado depois de gemer ao peso dos grilhões e nos fazer ouvir os seus queixumes de saudade que despedaçam o coração, ainda nos conduz ás solidões do seu desterro, para chorar com elle.

Ha, sim, mais harmonia nos versos de Silva Alvarenga, porém menos variedade, d'onde lhe resulta essa monotonia que cansa; é tambem mais original e não vaciller entre os poetas gregos e romanos, como Gonzaga, as suas inspirações.

Porque razão essa Glaura, bella e candida não morreu antes de saudade durante a prisão de seu amante? Porque não nos deu tambem, como Gonzaga, a pintura da masmorra, a historia de seus tormentos? E como não seria mais pungente o quadro da morte de Glaura se o poeta vendo quebrado os seus ferros corresse, mas em vão, a seus braços; chamasse por ella cheio de alegria

e de esperança e só lhe respondessem os êchos do aletumulo!

Além dos rondós contem *Glaura* uma bonita collecção de madrigaes, que respiram, segundo o preceito do mestre francez (135), ternura, doçura e amor, e rivalisam com os melhores de Marot, Dorat e Voltaire, bem como Palestrina, Marenzio Scarlati e outros, e não tem em nossa lingua superiores. São alguns de uma perfeição que admira, e sobre tudo aquelle em que o poeta duvida se foi o jambo que roubou o cheiro á rosa ou se foi a rosa que se converteu em fruto.

Como poeta lyrico é Silva Alvarenga auctor de muito bonitas canções e odes *horacianas*, que são na sua essencia uma e a mesma cousa.

É bella a ode á mocidade portugueza e a versificação vigorosa. O poeta lamenta que a mocidade tivesse barbaros dias e seculos de ferro e que se perdesse o trabalho dos antigos portuguezes que em premio de fadigas e estudos haviam alcançado os louros da sciencia. Mas a dextra do marquez de Pombal não cansada de herculeos trabalhos lhe restitue o antigo esplendor. Então o amor das letras convida a mocidade, tanto portugueza como a das plagas onde nasce o ourò, e o sol esconde o seu carro, para que venham ao seio do immenso imperio lusitano tornal-o florente; a esperança da patriã o pede; o rei, a gloria e a fama lá a espera. O assumpto é simples, a marcha rápida, mas brilhante, e o estylo elevado.

A ode a Affonso de Albuquerque está cheia de imagens atrevidas, contem metaphoras arrojadas; os versos

são energicos e o estylo bem sustentado. O heroe, que arranca os louros vencedores d'entre espessas e barbaras phalanges, ergue o largo escudo e aperta no punho a rutilante espada; a negra barba lhe ondêa meia retorcida sobre o espaçoso peito; seus olhos enfurecidos se alongam por entre as phalanges. Asia estremece e mostra a face ensanguentada. — Guerra! guerra! — Repetem os seus soldados, e as cidades asiaticas dobram a cerviz ao vencedor portuguez. As quinas vencedoras tremulam pela primeira vez sobre Ormuz, Goa, Pangim, e Malaca. O Ganges, detem a tumida torrente, e vem descorado e cheio de susto beijar a mão que o vassala. O poeta saúda o heroe em uma bellissima apostrophe. A ode de Franeisco Manoel é superior á de Silva Alvarenga em linguagem pela sua riqueza, e em estylo pela sua elevação; mas os versos não são tam firmes, tam harmoniosos, e o poeta acaba a sua composição quando menos se espera. Cansado de seguir a musa em seus largos vôos, mostra que a fadiga o opprime e lhe encolhe as azas. Prefiro a apostrophe do nosso cantor.

A melhor ode de Silva Alvarenga, aquella em que a inspiração lhe empresta as azas do entusiasmo, em que o seu estylo se engrandece e seus pensamentos são nobres e sublimes, é a dirigida á estatua equestre.

É o genio da inculta America, o genio ardente, quem empunha a lyra de ouro.

Eis a sombra de Affonso Henriques cercada de seu povo: o escudo do invieto rei ainda espalha terror; a lança está ainda tincta do mauro sangue.

Ele iouva essa gente digna d'elle. Vê-a sempre ro-

deada da fama e da gloria que outros povos buscam em vão; os louros da victoria a corôa, mas é necessario passar por novas provanças, sustentar novos combates, encarar novos trabalhos. Então o fundador do reino lusitano bate com o ferro victorioso e enche de luz todo o hemispherio.

Todos os elementos se turbilhonam; a terra treme, o mar se nivela aos montes, os horisontes se cobrem de pó e fumo e Lisboa desmaia entre ruinas. O regicidio ergue o braço e a lealdade portugueza esconde o rôsto. No meio, porém, d'esse cataclisma surge a dextra do novo Alcides que levanta Lisboa do meio dos destroços e detem os monstros. E a nova Roma que adora o novo Augusto entôa hymnos a dom José I e lhe erige o bronze que zombará do tempo.

Nas canções reina o mesmo plano e até as estrophes se assemelham ás estancias das odes.

Recorda as desgraças por que elle passára a que intitolou a *Tempestade*, em quanto que a que denominou *Apotheosis* contem os louvores que prodigalisou a Luiz de Vasconcellos, cujo vice-reinado foi por ventura o melhor tempo de sua vida. O assumpto d'esta ultima canção é por certo grandioso pela elevação que lhe soube dar o auctor; ha, porém, em toda ella mais ficções do que pensamentos e não se deve descer do todo ás suas minuciosidades.

As musas e as virtudes alçam entre hymnos o busto de Vasconcellos, o sábio vice-rei, de quem o poeta enumera os importantes serviços.

O seu nome reçoá pela abobada celeste; e Clio, levan-

tando a voz, enche as taças ás graças de generoso nectar e promette que o homem verdadeiramente justo e piedoso, não terá a sorte commum da humanidade; a morte não o adormecerá em seus braços envolvendo-o eternamente nas sombras do esquecimento.

A inveja e o tempo, que tudo vêm e ouvêm, estremecem; aquella se devora de raiva, e este quebra a sua fouce. Então a eternidade com aquella mão, que fez nascer os orbes luminosos, dá vida ao busto. Desce sobre elle um chuveiro de luz e vê-se no céo a resplandecer mais uma estrella. O poeta paga-lhe tambem o tributo de gratidão lhe offerecendo a lyra enramada de louros. Ella rompe os ares e como satellite do astro nascente adorna o firmamento.

Em vão se procura nos poetas seus contemporaneos essas ficções que transmittem aos seus poemas o interesse, que lhes dão uma acção mais perfeita, e tornam as suas odes e canções tam completas como animadas.

O auctor classificou de idyllios o *Templo de Neptuno* e a *Gruta americana*, mas essas composições bem longe estão de pertencer a esse genero; são antes quadros allegóricos nos quaes de envolta com as pinturas mythologicas, a exemplo de Camões, o poeta offerece imagens que lhe ensina a musa dos tropicos, sobre tudo na *Gruta americana*.

Nas suas epistolas concorreu ainda Silva Alvarenga com o tributo de louvores ao rei que na metropole engrandecia e nobilitava ás artes e ao poeta que cantára Lindoya e se entregava á composições tragicas, que o

fanatismo condemnou a um auto de fé. São escriptas nos suppostos versos chamados alexandrinos que elle e Basilio da Gama procuraram introduzir de novo na poesia portugueza, e em cujo empenho esforça-se ainda hoje o talento do exímio poeta o Snr. A. F. de Castilho, mas com pouco fructo, por isso que jamais passarão de dous versos de sette syllabas enfileirados na mesma linha.

Theseu á Ariadna é um tributo pago ao tempo em que as heroides haviam sido postas de novo em voga por Pope e o seu traductor Colardeau. O assumpto nimiamente classico arrasta o poeta para o largo campo das imitações.

Poucas composições restam de Silva Alvarenga como poeta satyrico. E é pena, pois, por ellas se conhece que estava sempre de bom humor para gracejar e que ninguem seguia melhor do que elle o preccito — *Ridendo castigat mores*. Aquellas quintilhas que dirigiu a Luiz de Vasconcellos no dia dos annos d'este vice-rei, são de uma graça delicadissima; e com desculpar-se da falta de annual tributo, que pagava ao seu protector, ahi vae elle distribuindo censuras aos poetas de seu tempo, transeuntes das sendas batidas da mediocridade.

A satyra *os Vicios*, escripta em Lisboa, está cheia de pinturas caricatas, e abunda de pensamentos philosophicos. O auctor esboça os differentes typos com feliz successo, e habilmente os grupa de modo que a transição dos vicios oppostos se não torna sensivel, e assim ao avarento succede o filho prodigo, que lhe consome rapidamente a riqueza, adquerida com custo. É tambem escripto nos suppostos versos alexandrinos.

A fórma pastoril de que se reveste a *Glaura* denuncia a queda de Silva Alvarenga para esse genero de poesia. *O Canto dos pastores*, como um echo da poesia bucolica portugueza, resôa nas montanhas da risonha Cintra. Ah! e é Alcindo quem ainda canta *Glaura* e ouve as melodias do rouxinol pousado nos loureiros!

Não farei a analyse do seu poema didascalico *as Artes*, em que o poeta afastando-se dos trilhos conhecidos celebra de maneira original os annos da rainha dona Maria I, patenteando ao mundo como as sciencias e as artes resuscitavam cheias de gloria até nos confins do noyo hemispherio. Era a primeira vez que a poesia nacionál tomava por empreza taes assumptos, ainda não tratados pelos poetas da nossa lingua.

Apesar dos estudos que do poema heroicomico fez Silva Alvarenga, manuseando a *Batrachomyomachia* e o *Culex* dos antigos Gregos e Romanos, a *Secchia rapita* de Tassoni, o *Lutrin* de Boileau, o *Vert-Vert* de Gresset, o *Hudibras* de Butler, e o *Rape of the lock* de Pope, ficou o *Desertor das letras* muito a quem dos seus modelos, talvez por nada ter de comica a acção que escolheu para assumpto do poema. Todavia convêm não esquecer que semelhante casta de composições perde com o tempo e a localidade todo o seu interesse intrinsecco e por ventura o seu maior merito. Talvez que esses typos esboçados pelo poeta não fossem meras ficções da phantasia e que á fidelidade da pintura devesse o *Desertor das letras* as duas edições que teve. Boa e mesmo excellente é a metrificacão; claro e expressivo o estylo, sustentando-se em altura conveniente sem que desça e

degenerere em baixo e vil a mais não poder ser, como nas sordidas composições de José Agostinho de Macedo. São bonitos e engraçados muitos de seus lances e agradam pela côr local de que os soube repassar o auctor.

Amigo do paiz que o viu nascer, mestre dedicado da juventude, idolatra occulto da liberdade, foi Silva Alvarenga um dos nossos primeiros poetas pelo colorido nacional que imprimiu em seus cantos, e que fez o enlevo de seus contemporaneos. Cabe lhe pelo menos o merito de ter sido um dos iniciadores da nossa illustração, e um dos prophetas da independencia da patria, que elle saudou nos primeiros raios da grande aurora.

Nitheroy, 23 de outubro de 1862.

/

IV

NOTAS

(1) Consta das obras de Thomaz Antonio Gonzaga e tem por titulo : *Marilia de Dirceu, lyras de Thomaz Antonio Gonzaga precedida de uma noticia biographica, do juizo critico dos auctores estrangeiros e nacionaes, das lyras escriptas em resposta ás suas e acompanhadas de documentos historicos. Edição ornada de uma estampa.* Paris, 2 vols. in-8, 1862.

(2) Ha muito tempo que se desejava que houvesse quem colligisse e fizesse imprimir as obras poeticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Ha vinte e um annos que o conego Januario da Cunha Barbosa manifestou esse desejo, e ultimamente o senhor Innocencio Francisco da Silva, distincto bibliographo portuguez e amigo das nossas cousas, e a quem devemos tan-

tos e tam importantes serviços feitos ás letras patrias, mostrou a divida em que estavamos para com tam benemerito poeta.

Eis aqui as palavras de um e de outro :

« Fôra uma honrosa empreza publicar em uma só collecção as muitas e boas poesias que sahiram da sua penna, e que avulsas correni o mundo litterario estampadas em diversas epochas; mas já que não podemos pagar esse tributo de gratidão á memoria de um mestre a quem devemos instrucção, e nos honrâra com sua particular amizade, contentamo-nos em salvar o seu nome da voragem do esquecimento, para que seja conhecido como um dos nossos melhores litteratos, dos nossos bons poetas, que honram a litteratura brasileira. »
Conego JANUARIO DA CUNHA BALBOSA, *Biographia do doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. III, p. 342.

« As obras poeticas que Alvarenga imprimiu em vida, e algumas que só viram a luz posthumas por diligencia de seus amigos, são ainda numerosas; porêm existem dispersas, umas em folhetos avulsos e outras encorporadas em diversas collecções. Em quanto os seus naturaes se não quitam da divida em que estão para com a sua memoria, reunindo-as e publicando uma collecção completa de todas, darei aqui o catalogo das que tenho em meu poder, seguindo pouco mais ou menos a ordem da impressão. »
INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, *Dictionario bibliographico portuguez*, t IV, p. 6.

O meu amigo o senhor conego J. C. FERNANDES PINHEIRO enganou-se quando dice: « Existem ainda d'este poeta varias composições colleccionadas em um volume in-12, e publicadas em Lisboa de 1809-1811. » *Curs. de lit. nac., epoc. quint.*, p. 337. As poesias publicadas em Lisboa nos annos que indica é a *Collecção de poesias ineditas dos melhores auctores portuguezes*, em tres volumes. V. nota 4.

Tambem n'esse erro cahiu ADRIANO BALBI, que nos *Tableaux bibliographiques des ouvrages publiés en Portugal*

depuis 1800 jusqu'en 1820, menciona *Glaura* sob o titulo de *Obras poeticas*, 2 vols. in-8; *Essai statistique*, t. II, App., p. CCXLV.

(3) *Peças justificativas*.

(4) Lisboa, 1809-1811, 3 volumes in-12.

(5) Rio de Janeiro, 1813-1814, 3 volumes, sendo o I in-8, o II e III in-4. Sahia mensalmente; cada volume abrange uma subscrição semestral. Foi pena que publicação de tanto interesse e verdadeiramente nacional tivesse tam pouca duração. Era redigido por muitos Brasileiros illustres pelo seu saber e talentos sob a direcção de Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, natural da Bahia.

Os nomes de seus collaboradores figuram em grifo na lista dos assignantes que vem no fim do primeiro volume, nº 6, p. 103, e são os seguintes: Antonio de Saldanha da Gama, frei Arcanjo de Ancona, Camillo Martius Lagc, Domingos Borges de Barros (depois visconde da Pedra Branca), Francisco de Borja Garção Stockler, Gaspar Marques, o cirurgião Ildefonso José da Costa e Abren, João José Ferreira de Souza, José Bernardes de Castro, Marianno José Percira da Fonseca (depois marquez de Maricá) e Pedro Francisco Xavier de Brito.

Foi n'este jornal que o marquez de Maricá começou a imprimir as suas *Maximas, Pensamentos e Reflexões*, sob o pseudonymo de *um Brasileiro*. Tinha então 40 annos de idade, e não foi pois dos 60 aos 73 annos que publicou as suas 4,185 maximas e pensamentos, como elle dice em febreiro de 1848, na ultima collecção que deu ao prelo.

(6) Rio de Janeiro, 1829-1830, 2 vols. in-4. Cada volume consta de quatro cadernos. O conego Januarío da Cunha Barbosa possuia material para mais de vinte volumes, que elle guardava

em um bahul. Tencionava fazer uma nova edição, mais correcta, e muito mais desenvolvida, mas impediu-lh'o a morte. As materias, reunidas com tanto trabalho, desapareceram com o seu passamento.

O conego FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO fallando do *Parnaso brasileiro* diz « A collecção de poesias intitulada *Parnaso brasileiro*, ha poucos annos impressa no Rio de Janeiro, sómente nos scus quatro primeiros numeros, que formam o primeiro volume, apresenta composições poeticas de perto de trinta cultores das musas, na maior parte dignas de louvor pela fertilidade de imaginação e graças da versificação, que n'ellas apparecem. » *Primeiro ensaio sobre historia litteraria de Portugal desde a sua mais remota origem até o presente tempo, seguido de differentes opusculos que servem para a sua maior illustração e offerecidos aos amadores da litteratura portugueza em todas as nações.* 1 vol. in-8; Lisboa, 1845. Periodo VIII, p. 255.

(7) « Parece que esta edição, diz o Snr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, referindo-se á primeira impressão do poema, parece que esta edição é menos conhecida da que a outra que eu tenho por segunda, feita sem designação de lugar, typographya, nem anno da impressão. Differe daquella no formato, que é sensivelmente maior, e no typo algum tanto mais graúdo. Consta de 66 paginas, sendo as duas finaes preenchidas com os alludidos sonetos. No demais não sei que haja entre ambas differença apreciavel. » *Diccionario bibliographico portuguez*, t. VI, p. 6. O conego JANUARIO DA CUNHA BARROSA assegura que o poema em questão fôra impresso por ordem do marquez de Pombal contra a vontade do auctor, que não o havia sufficientemente corrigido. *Biographia do doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. III, p. 338. Não tenho presente a edição de 1774, e guici-me pela que o Snr. INNOCENCIO FRANCISCO DA

SILVA, tam entendido na materia, que a reputa segunda e assegura ser semelhante á primeira. O exemplar que possuo me foi obsequiosamente remettido de Lisboa pelo distincto Sr. commendador João Francisco Lisboa, tam interessado pelas nossas cousas e um dos nossos mais estimaveis litteratos. Receba elle ainda aqui uma vez os meus sinceros agradecimentos.

(8) Vol. II, p. 88.

(9) Vol. I, num. 6, p. 15.

(10) Lisboa, 1821; in-8 de 13 paginas. Edição citada pelo Sr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA no seu *Dicc. bibliogr. portug.*, t. VI, p. 7.

(11) *Mosaico poetico, poesias brasileiras antigas e modernas, raras e ineditas, acompanhadas de notas, noticias biographicas criticas e de uma introduccão sobre a litteratura nacional, publicado sob os auspicios de uma associaçãõ por Emilio Adêt e Joaquim Norberto de Souza Silva.* Rio de Janeiro, 1844, 1 vol. in-4 a duas columnas. O prologo é da redacçãõ do meu amigo o Snr. E. Adêt, e a introduccão historica e as noticias biographicas e criticas mêm pertencem. Tudo o mais, plano e escolha de poesias, etc., foi alterado por outras mãos em que a final parou a publicaçãõ. O que mais lastimo é a perda de tanta cousa rara que havia colleccionado a custo de dinheiro e de tempo, sem que ainda hoje saiba que destino tivera!

(12) Não me foi possível encontrar-o em nossas livrarias. O exemplar que pedi ainda me não chegou de Lisboa. Não haverá equívoco acerca de nomes? Não serão antes as oitavas de Alvarenga Peixoto feitas ao governador dom Rodrigo José de Menezes, que governou a capitania de Minas Geraes desde 20 de fevereiro de 1780 até 10 de outubro de 1783? Estas oitavas foram depois, em 1789, recitadas pelo seu auctor aos conjura-

dos e ardentemente applaudidas. Consta do processo da inconfidencia.

Voltarei ainda á questão quando der ao prelo as *Obras poeticas de Alvarenga Peixoto*, que ja tenho em via de publicação.

(13) Na regia officina typographica, in-4 de 7 paginas. Edição citada pelo SNR. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA no seu *Dicc. bibliogr. port.*, t. VI, p. 6.

(14) T. I, p. 177.

(15) T. I, cad. 3, p. 9.

(16) T. I, cad. 1, p. 22.

(17) T. III, p. 343.

(18) P.....

(19) T. II, nº 5, p. 43.

(20) Tem por titulo *Ao sempre augusto e fidelissimo rei de Portugal o senhor dom José I no dia da collocação da sua real estatua equestre, epistola de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, estudante da Universidade de Coimbra*. Fol. de 6 pag. Não tem designação do logar e anno da impressão, mas o SNR. Innocencio Francisco da Silva pensa que é de Lisboa, na regia officina typographica, 1775. O auctor do *Diccionario bibliographico portuguez* engana-se todavia quando assegura que sahiu no 2º cad. do *Parnaso brasileiro*, pois nunca foi reimpressa.

(21) T. I, cad. 2, p. 9.

(22) T. III, p. 21.

(23) T. I, cad. I, p. 51.

(24) P. 43.

(25) T. II, p. 203. Cita como publicada unicamente no *Parnaso brasileiro*.

(26) *Novo Parnaso brasileiro, ou selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil; precedida de uma introdução historica sobre a litteratura brasileira*. 2 tomos in-12, Rio de Janeiro, 1843-1848, t. 1, p. 244.

(27) *Varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*. 2 tomos in-4, Paris, 1848. « Compoz, diz o auctor, algumas odes excellentes; prima entre ellas a que dedicou a Affonso de Albuquerque. » T. II, p. 351.

(28) T. II, p. 353.

(29) A que vai n'esta collecção differe em algumas variantes da impressa nos dous *Parnasos brasileiros*, por ser copiada da *Coll. de poes. ined.*, mas tam insignificantes que não vale a pena notal-as.

(30) *Biographia de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga*, impressa na *Revista universal lisbonense*, n. 45 e 46 de 1847, artigos 1122 e 1132, p. 531 e 546. O trecho que trata da ode a Affonso de Albuquerque vai incluido no *Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros*, parte II d'esta Introducção.

Diz tambem COSTA E SILVA que pertence a Silva Alvarenga a ode feita á morte do marquez de Pcmbal, e tem-na por mais bella do que a dirigida a Affonso de Albuquerque. *Rev. univ. lisb.*, n. 46 de 1847, art. 1132, p. 546.

D'este mesmo parecer é o senhor doutor J. M. PEREIRA DA SILVA nos seus *Varões illustres* quando diz: « A do marquez

de Pombal tem estrophes que houram qualquer poeta. » T. I, p. 353.

Se COSTA E SILVA não dicesse que essa ode vem na *Collecção de poesias ineditas dos melhores auctores portuguezes* accreditaria com effeito que Silva Alvarenga havia composto tal poesia, apesar de não ter eu conhecimento algum d'ella, pois a ode impressa n'aquella collecção foi publicada como obra de auctor incerto e por isso sahiu anonymamente no t. II, p. 109. Não sei em que seja ella superior á dirigida a Affonso de Albuquerque; e nem o estylo e a metrificacção parecem ser de Silva Alvarenga; nem ha n'ella esse espirito de nacionalidade que se observa nas suas poesias; todavia aqui a transcrevo para que cada um julgue por si mesmo e até por que se algum dia apparecer prova, que nem uma duvida deixe, facil será fazer passar d'esta nota para o logar respectivo d'esta collecção a mencionada ode, que é a seguinte :

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO

MARQUEZ DE POMBAL, ETC.

ODE

Não de bronzes ou marmores antigos
Estatuas levantadas,
Soberbos monumentos
Quero erigir por conservar teu nome,
Que o tempo acções heroicas não consome.

Elogios fundados na lisonja
Menos fazer intenta
A musa dissonante;
Vozes, que inspira o justo sentimento,
Irão ferir até o firmanento

Quantos grande marquez, quantos saudosos
Já dos teus beneficios,
Já das tuas virtudes,
Querem talvez por sua propria gloria
Levar-te ao templo da immortal memoria

Menos altivo o meu discurso võa ;
Meu activo descjo
Dirá, se tanto pôde,
Aprendendo dos mais a suavidade,
Quanto lhe inspira a candida verdade.

Qualidades no berço adqueridas,
Ou dos avós herdadas ;
Bem que em ti as conheço
Não são que sobre a fama hoje te elevam,
Espiritos vulgares que as conheçam.

Buscar o fundamento á propria gloria
No sangue dos passados,
Embora o faça aquelle,
A quem da Providencia a mão avara
Os mais talentos todos lhe negara.

Mas tu que tanto o ceo ennobreceu
D'esses talentos raros
Que fiel cultivaste ;
Injuriar-te fôra se louvára
So a nobreza, que o teu sangue herdára.

Teu grande coração, tua alma grande
Assento da verdade
Formam teu elogio ;
Quem podéra com vozes mais que humanas
Descrever-lhe as virtudes soberanas.

Sacrificaste os dias venturosos
Em serviço da patria,
E já entre os estranhos
Eregiste com todo o fundamento
Firmes padrões ao teu merecimento.

Inda as tuas memorias se conservam
Lá nas margens do Tanay
E a gloria da nação,
Que a cançados trabalbos te obrigava,
Com ficar bem servida te pagava.

Assim desempenhando altos empregos,
Á que te destinaram,
Em toda a parte foste;
Até que o teu talento respeitado
O mesmo rei quiz ter juncto a seu lado.

Da tua alma se vão desenvolvendo
Talentos ignorados,
E a mesma Providencia,
Que se empenha em fazer-te venturoso,
Te vai proporcionando ao fim ditoso.

Cercado dos horrores dos estragos
Os mesmos elementos
Se viam confundidos;
Voava a morte de um e outro lado,
Consome a chamma o que ella tem deixado.

Mas tu constante em meio das ruínas
Nas sábias providencias
Com que o damno repara
A uns os dias vas accrescentando
De outros os frios restos sepultando.

Dos innocentes que seus pais perderam,
Das viuvas afflictas,
O triste pranto cessa;
Depois que tu, com sábia providencia,
Ampáras de uns e outros a innocencia.

Já de novo as cabeças levantando
Vão os templos soberbos,
Das ruinas a imagem
Apenas fica ainda na memoria
Para fazer maior a tua gloria.

No ócio mollemente adormecidos,
Os ramos do commercio
Tu despertar fizeste,
Adquerindo em todos os estados
Ao rei vassallos ricos e honrados.

Quando na paz os membros descansavam
Nada menos pensavas
Para os guerreiros factos;
A milicia dispunhas sabiamente,
Dando maior poder a lusa gente.

As sciencias de todo abandonadas
Brotar da sua origem,
Teu exemplo fazia;
Iam de novo ao mundo apparecendo,
Como em todas as ordens se está vendo.

Fiel ás leis que a patria te ligaram
Ao rei, como vassallo,
Bom pae e bom amigo;
Unindo o ceo em ti quanto dar póde
Quando sobre os mortaes seus dons sacóde.

Viste ceder ao seu fatal destino
Teu grande protector
Então tua constancia
De todo o coração te abandonára
Se para maior mal te não guardára.

Sahi do eixo a roda e transtornadas
Foram tuas ideas;
A fortuna inconstante,
Que as vezes zomba do merecimento
Te fez grande tambem no soffrimento.

Dos vis aduladores, numerosos
Cortejos não te seguem;
Só da tua familia
Foste em silencio triste acompanhado
No desterro funesto mias honrado.

Lá de constancia cheio, abandonado
 Á vil inveja a preza,
 Apenas na memoria
Os já passados annos revolvias,
E com ar de desprezo tudo vias.

Grande na gloria, grande nos pezares
 Ao termo prometido
 Chegaste sem fraqueza,
Que as almas elevadas se conhecem
No meio dos acasos que acontecem.

Pagaste á terra o natural tributo :
 O veo humanidade
 De todo desfazendo
Vais unir teu espirito elevado
 Á causa d'onde tinha dimanado.

As idades correndo e renovando
 Outro igual não verã o,
 Em que talentos tantos
Que nos mais fazem gloria, repartidos
Fossem n'um só composto reunidos.

As musas, as sciencias, o commercio
 Benigno protegias ;
 Da justiça a balança
Fizeste conservar com igualdade
Promovendo a geral felicidade.

Tua perda fatal será sentida
 Em todas as idades ;
 Teus mesmos inimigos
Teu nome em tuas obras respeitando
Irão tuas memorias conservando.

Curvai, cyprestes, as erguidas frontes,
 Cubri o monumento
 Humilde e desornado,
Que está guardando os restos preciosos
Do que será famoso entre os famosos.

(31) T. I, cad. 3, p. 28 do velho *Parn. bras.*, e t. I, p. 136 do novo.

(32) Sem logar e anno da impressão, mas segundo o Snr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA é de Lisboa, na regia officina typographica, 1775, folheto de 6 paginas. *Dicc. bibl. port.*, t. VI, p. 6. Tem por titulo : *No dia da inauguração da estatua equestre del-rei nosso senhor dom José I, ode de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, estudante na universidade de Coimbra.*

(33) T. II, num. 3, p. 54. A edição em avulso d'esta ode, distribuida no dia da inauguração da estatua equestre do rei dom José I, differe tanto da publicada no *Patriota*, triuta e oito annos depois, que me parece fazer cousa agradavel aos estudiosos transcrevendo-â aqui tal e qual fôra então impressa em Lisboa.

As palavras que soffreram a correcção do auctor vão sublinhadas. Vêm-se assim de um lance de olhos as substituições feitas por homem tam competente pela sua auctoridade como abalisado mestre :

Pende do eterno louro
Nos vastos ermos da espinhosa estrada
Suave lyra de ouro
Que do phrygio cantor foi temperada.
Move o som, corta o ramo, e cinge a frente
O da America inculta genio ardente.

Eu vejo as agarenas
Luas sobre os teus campos, Lusitania.
Tal um dia Mycenas
Viu os perfidos muros de Dardania
Mas oppõe-se ao valor do Luso intonso
E o peito invicto do primeiro Affonso.

Veste dobrada malha,
Tem no robusto braço o largo escudo;

Morte e terror espalha,
Tinto de mauro sangue o ferro agudo :
Eu ouço a tua voz, raio da guerra,
E os teus echos repito ao céu e á terra.

O' bravos Portuguezes,
Povo digno de mim! A fama, a gloria,
Buscada em vão mil vezes,
Vos segue sempre, e os louros e a victoria;
Ou vós domeis dos barbaros a sanha,
Ou os fortes leões da altiva Hespanha.

Vistes ligando as tranças
No berço ainda de Titan a esposa.
De voadoras lanças
Em vão. Asia se eriça, e *bellicosa*
Dispõe o bronze, *que fuzila e soa*
Trovão funesto d'onde a morte voa.

Mas hoje *invictos* povos,
Dae altas provas do valor antigo,
Tendes combates novos
Encarae os trabalhos e o perigo;
Quem as armas vos deu, quem tudo rege,
Do céu estende a mão e vos protege. ♦

Fallava o bellicoso
Illustre fundador do *luso imperio*,
O ferro victorioso
Vibrou, enchcu de luz todo o emispherio.
Mugiram as abobadas eternas,
Redobraram-se os echos nas cavernas.

Para engolir os montes
Gargantas abre o mar : a terra treme :
Cobrem-se os horisontes
De fumo e pó : Lisboa afflicta geme,
Ai, justo céu! *As vencedoras* quindás
 Parecem desmaiar sobre as ruinas:

Chovem *negros* abutres,
E monstros infernaes de raça amphibia;

Quaes nem, Caucasos, nutres ;
Nem vós, torradas legiões da Libia :
Que infamia, ó Tejo, si em teu seio cinges
Hydras, chimeras, geriões e sphynxes !

O parricidio arvora
Triste facha *de horror no averno* acceza ;
Geme, suspira e chora
Infeliz lealdade portugueza :
Não temas, Lusitania, o céu não tarda
Que novo Alcides a taes monstros guarda.

Aos seculos futuros,
Intrepido marquez, sirvam de exemplo
Vossos trabalhos duros
Longos, incriveis, que da *gloria* o templo
Tem por *illustre e nunca visto* ornato,
Onde não chega a mão do tempo ingrato.

Essa em crimes famosa
Arvore, que engrossando o tronco eterno,
Que faria orgulhosa
Co' a rama o céu e co' a raiz o inferno,
Ao ver a mão, que aceso o raio encerra
Murcha, *treme, vacilla* e cac por terra.

Sahem do roto seio
Guerra, morte, traição, odio, impiedade ;
O sol teve receio
De ver o rosto a *fêa* atrocidade
Que cahir fez ouvir o estrondo fero
Desde o scytico Tauro ao Caspe iberø.

Ide, nuvens escuras,
Formar ao longe os raios e coriscos ;
Deixae subir seguras
Altas torrès, soberbos obeliscos,
D'onde a nova Lisboa ao mundo canta
A mão *augusta* e firme que a levanta.

Vapores empestados
Derramam n'outros climas o veneno ;

Sobre os risonhos prados
Respira alegre o zephyro sereno;
Abre a paz os thesoiros de Amalthéa,
Tornam os tempos de Saturno e Rhéa.

O' *inclyta* Lisboa,
Nova Roma, que adoras novo Augusto,
Feliz o reino entoa
O *pae da patria*, o *pio*, o justo,
E sua imagem vae *por entre* loiros
Encher de gloria aos ultimos vindoiros.

O' bronze, ó rei, ó nome
Esperança e amor do mundo inteiro!
Do tempo a voraz fome
Respeita as *obras* de José primeiro :
Que não deu menos honra ao luso solio
Que as dilicias de Roma ao-Capitolio.

Póde o volver dos annos
Mudar a face á terra, ao mar o leito;
Mas sempre isempta os damnos
José o grande irá de peito em peito.
Tito vive immortal entre os monarchias
E quebra a fouce ao tempo, o fuzo ás parcas.

Que Esparta bellicosa
Veja cahir seus muros, que renasça
Na terra generosa
Do sybarita vil a froxa raça
O nome do bom rei contra as idades
Dura mais que as nações e que as cidades.

(34) T. I, cad. 3, p. 18.

(35) A edição em avulso traz parte do titulo em grego e parte em portuguez : ΑΠΟΘΕΩΣΙΣ *poetica ao illustrissimo e excellentissimo senhor Luiz de Vasconcellos e Souza, vice-rei e capitão general do Brasil. Canção.* Lisboa, 1785, folheto in-4.

(36) T. II, num. 2, p. 32. Sem as notas da edição em avulso. O titulo e a data (10 de outubro de 1785) differe da do *Parnaso brasileiro*.

(37) T. I, cad. 4, p. 52.

(38) T. II, n. 3, p. 52, sob o titulo *a Tempestade. Canção no dia dos annos da fidelissima rainha nossa senhora em 17 de dezembro de 1797*.

(39) T. I, cad. 2, p. 12.

(40) T. I, num. 4, p. 11.

(41) T. II, cad. 6, p. 32. O Sr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA não faz menção d'esta reimpressão.

(42) Creio que impressa em Lisboa, folheto in-8º, ou seria outra satyra de Silva Alvarenga? Até me parece que era escripta em tercetos.

(43) O Sr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA cita além d'esse soneto, mais quatro a diversos assumptos, que vem no *Parnaso brasileiro*, t. I, cad. 4, p. 57 a 59. Não teve em vista as erratas, talvez por muito numerosas, que vem no fim do tomo, e o indice das materias que as rectifica. Pertencem a Alvarenga Peixoto.

(44) Com este titulo : *No dia da inauguração da estatua equestre del-rei nosso senhor dom José I, soneto*. No fim traz a seguinte rubrica : *De Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, estudante na universidade de Coimbra*.

(45) T. I, cad. 4, p. 19.

(46) *Parn. bras.*, t. I, cad. 4, p. 65.

(47) Lisboa, 1801, 1 vol. in-8. Compõe-se de 69 rondós e 57 madrigaes.

(48) *Glaura* foi dividido pelo editor em duas partes; a segunda começa á pagina 127 sem interrupção da numeração dos rondós, tendo apenas por titulo *Glaura, poemas eroticos de um Americano, segunda parte*. Esta segunda parte abrange os madrigaes. Entendi que era melhor fazer a divisão entre os rondós e os madrigaes, ficando aquelles perteneendo á primeira parte e estes á segunda.

O prologo, que supprimi na presente colleção, é o seguinte:

« Persuadido de que o público estimará os poemas eroticos, que lhe offereço, me resolvi a pôr na frente o nome do poeta para satisfazer á curiosidade dos leitores. Esta liberdade, que tomei, poderá offender a um amigo, que me confiou, como em segredo, a sua obra; mas eu tive justos motivos, que me hão de desculpar, esperando que o aeolhimento das pessoas intelligentes lhe será de mais pezo do que os vãos effeitos de uma delicadeza demasiada. Assim podesse eu dar á luz outras muitas composições, que vi, do mesmo auctor, e que provavelmente serão victimas do seu desgosto! »

O titulo dado á esta colleção de poesias anacreonticas: *Glaura, poemas eroticos de um Americano*, bem mostra que o auctor, como confirma o editor, não pretendia divulgar o seu nome.

A respeito da responsabilidade que assumiu o editor, publicando contra vontade do auctor as suas poesias eroticas, diz J. M. DA COSTA E SILVA o seguinte: « Nem um leitor que for amante da poesia e da gloria da litteratura patria, porá duvida em absolver o editor d'este peccado de confideneia amigavel; e oxalá que houvesse muitos amigos co-réos d'este crime, que não teriamos que lamentar a perda das poesias de Garção, de Domingos Pires Monteiro Bandeira, de Manoel Nicoláu Esteves Negrão e Theotônio Gomes de Carvalho. Se houvesse mais amigos de igual zelo, não estariam sepultadas no pó das livrarias públicas e particulares ou ambiciosamente guardadas por curiosos egoistas; tantas obras interessantes do padre Franeiseo

José Freire (Candido Lusitano) como a traducção da *Encida*, das *Metamorphoses*, das tragedias gregas e da *Merope* de Maf-fei, alem de muitas obras em prosa e verso, originaes e tradu-zidas, latinas e portuguezas, que sahiram da penna d'aquelle fecundo e douto escriptor. » *Revist. univ. lisb.*, num. 45, art. 1122, p. 552.

O conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA afiança que o editor fôra um discipulo de Silva Alvarenga. *Biog. do Dr. Man. Ig. da Silv. Alv. Rev. trim. do inst. hist. bras.*, t. III, p. 541. Seria José Antonio de Almeida, não só seu discipulo e amigo como seu compauheiro de infortunio nos carcerees do morro da Conceição? Infelizmente o illustre conego esqueceu-se de nos dizer o seu nome! *V Peças justificativas.*

(49) Assim me dice sempre na pratica litteraria que tinha-mos diariamente na bibliotheca publica da côrte. Era elle então bibliothecario e me havia feito acceitar o emprego de *praticante*, que exerci desde 7 de novembro de 1841 até 30 de janeiro de 1845. Ahi prestei alguns serviços salvando numerosos ma-nuscriptos historicos, que estavam condemnados pelo delcixo e incuria ao destino que nas tabernas se dá aos nossos documen-tos; outros, porém, se apresentaram a figurar con elles, como gralhas adornadas á pavão. O premio foram desgostos que me obrigaram a abandonar um emprego já de per si insignificante e no qual ainda mais insignificante se me quiz tornar com in-justas preterições. Tive razão para me queixar contra o conego Januario da Cunha Barbosa; nunca o fiz, antes por occasião da inauguração de seu busto na sala das sessões do Instituto his-torico brasileiro paguei-lhe o fraco tributo de minha admiração. Como homem tinha um defeito; era a sua excessiva bondade; conhecida a fragilidade humana, facil era leval-o para onde se queria; e a insolencia de certos apaniguados se aproveitava d'essa qualidade para lhe torcer as boas intenções!

Todavia admira que o conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

nem uma menção fizesse acerca d'esta traducção na biographia de Silva Alvarenga, quando tantas vezes me fallou d'ella e até me incitou a procural-a entre os numerosos manuscriptos não classificados e quasi que perdidos em um dos armazens da bibliotheca publica então estabelecida nas dependencias da igreja do Carmo.

O meu amigo Sr. conego J. C. FERNANDES PINHEIRO foi depois de BALBI e de mim o que a respeito d'essa traducção dice alguma cousa. *V Curso de lit. nac., quinta epoc., p. 337.*

(50) *Essai statistique sur le royaume de Portugal et de l'Argarve comparé aux autres États d'Europe et suivi d'un Coup d'œil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les Portuguais des deux hémisphères.* 2 vol. in-4; Paris, 1822. *Appendix*, p. 174.

(51) Assim o havia prophetisado o editor de *Glaura* no prologo da mesma. *V nota 48.*

(52) Silva Alvarenga fez parte da redacção do *Patriota* durante o anno de 1813; morreu em fins de 1814, e em todo esse anno não deu mais cousa alguma para aquelle interessante jornal. *V. nota 5.*

(53) Fazem menção do auctor : J. C. L. SIMONDE DE SISMONDI, no seu curso *De la Littérature du midi de l'Europe*; Paris, 4 vols. in-4, troisième édition, 1829, t. IV, chap. XL, p. 550. Engana-se quando diz que as poesias eroticas foram publicadas em 1799; a unica edição que se fez de *Glaura* foi em 1801. Tambem se engana quando fixa em sessenta o numero dos rondós contidos em *Glaura*, o qual se eleva a setenta, inclusive o do auctor anonymo dirigido ao poeta.

ADRIEN BALBI no *Appendix* do seu *Essai statistique sur le royaume de Portugal*, já citado, p. 32, 156 e 174.

FERDINAND DENIS no seu *Résumé de l'histoire littéraire du*

Brésil, 1 vol. in-16; Paris, 1826. Traz o seu nome no sumario do capitulo v, p. 568, mas nada diz no texto. Ainda assim ignora-se de qual dos Alvarengas se trata, pois apenas menciona este appellido, sendo tres os poetas, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e Lucas José de Alvarenga. Os dous primeiros eram tratados em sua vida, não pelos seus appellidos como agora, mas pelos seus nomes e sobrenomes, doutor Manoel Ignacio e coronel Ignacio José de Alvarenga.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO no seu *Primeiro Ensaio sobre historia litteraria de Portugal*, periodo VIII, p. 255. « Entre os poetas acima indicados, diz elle, merecem especial commemoração os dous Alvarengas (Manoel Ignacio e José Ignacio). »

ANTONIO FRANCISCO DE DUTRA E MELLO no seu artigo *Alguas reflexões a proposito da nova edição da Marilia de Dirceu*, publicado em a *Nova Minerva*, periodico dedicado ás sciencias, artes, litteratura e costumes. Tom. I, p. 7. « Mesmo entre nós, diz elle, ha poucas pessoas que desconheçam o merito de Quita, poeta mavioso e de uma singeleza admiravel; poucas que não estimem a *Glaura* de Alvarenga, bem que um tanto monotono, e ninguem que não ame a Gonzaga. »

JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA no seu *Novo Parnaso brasileiro* á p. 40 da *Introdução historica e biographica*.

FRANCISCO IGNACIO MARCONDES HOMEM DE MELLO nos seus *Estudos historicos brasileiros*, 1 vol. in-12; S. Paulo, 1858, p. 20.

*Tambem se falla do auctor no *Bosquejo da historia da poesia brasileira*, que publiquei em 1842, e no *Mosaico poetico*.

Além dos auctores aqui citados vejam-se em a nota posterior os mencionados como seus biographos.

(54) As noticias que possuimos sobre a biographia do auctor são dos seguintes escriptores :

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA no *Parnaso brasileiro*, t. 1,

cad. 6, p. 28, a qual foi depois ampliada na *Revista trimestral do Inst. hist. brasil.*, vol. III, p. 358.

JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA no *Plutarcho brasileiro*, t. I, p. 1, melhor desenvolvida nos *Varões illustres do Brasil dos tempos coloniaes*, t. 1, p. 353.

JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA na *Revista universal lisboense do anno de 1847*, n^{os} 45 e 46, já citados.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA no *Diccionario bibliographico portuguez, estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*, t. VI, p. 42.

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO no *Curso elementar de litteratura nacional*, quinta epocha, 1750-1826, p. 336.

Encontra-se tambem no *Mosaico poetico* uma pequena noticia biographica.

(55) Ha muito que sabia pelo titulo da existencia do processo em que fôra implicado Silva Alvarenga e outros illustres litteratos de seu tempo, mas não me era possivel encontrá-lo nos logares em que suppunha que deveria estar. Sabendo o meu amigo o Sr. Dr Manoel Ferreira Lagos que me occupava com a vida e escriptos do nosso poeta, teve a bondade de me confiar a parte necessaria para que mais completa sahisse a sua biographia e a presente collecção.

O titulo do processo é o seguinte : *Devassa a que mandou proceder o illustrissimo e excellentissimo vice-rei do estado do Brasil para as pessoas que com escandalosa liberdade se atreviam a envolver em seus discursos materias offensivas da religião e a falar nos negocios publicos da Europa com louvor e approvaçãq do systema actual da França; e para conhecer-se se entre as mesmas pessoas haviam algumas, que além dos ditos escandalosos discursos se adiantassem a formar ou insinuar algum plano de sedição. Anno de 1794. Escrivãa da dita diligencia João Manoel Guer-*

reiro de Amorim Pereira. Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva.

A respeito d'esse titulo, só por si sufficiente para patentear a injustiça e a persiguição que devem reinar em todo esse processo, dice o meu amigo o Sr. Dr. F. I. MARCONDES HOMEM DE MELLO : « As idéas de uma época, seu espirito, sua physionomia reflectem-se com inteireza nos documentos, nos escriptos, nos monumentos, em tudo. No simples rosto dos autos do processo instaurado contra os membros d'esta sociedade litteraria (refere-se a do Rio de Janeiro, no seculo passado) apparece fielmente retratado o tempo colonial. » *Estudos brasileiros*, p. 20, nota 15.

(56) Não deixarei tambem de mencionar o nome do Snr. Francisco Antonio Martins, conservador da bibliotheca do instituto historico brasileiro e bibliothecario da bibliotheca fluminense. É incontestavelmente o nosso primeiro bibliographo. Felizmente os conhecimentos que possui o Snr. Martins ácerca da bibliographia brasileira, adquiridos com tanto trabalho e tam pouca retribuição, serão em breve postos ao alcance de todos os amigos das letras nacionaes.

(57) COSTA E SILVA diz que Silva Alvarenga escreveu os seus rondós em quartetos octosyllabos, e SIMONDE DE SISMONDI diz que em estancias de oito pequenos versos. Na edição feita em Lisboa vem as estancias separadas em quartetos, isto é, dous e dous, seguindo-se-lhes o estribilho. Como os ultimos versos de cada quarteto rimam entre si, e sempre agudos, entendi que devia reunil-os em uma estancia de oito versos. Creio que nem de outra fórma os escreveu o poeta.

(58) Allude ao rondó xxviii da part. I, de *Glaura* e que tem por titulo *Dezembro*. Mas o poeta não falla de regatos, como pensa SIMONDE DE SISMONDI e sim da bahia do Rio de

Janciro, a cujas praias acodem os seus habitantes n'esse e nos seguintes mezes aos banhos de mar.

(59) *De la litt. du midi de l'Eur.*, t. IV, p. 550.

(60) V. nota 49.

(61) *Ess. stat. sur le roy. de Port.*, App., p. 174.

(62) *Biogr. do Dr. Man. Ign. da Silva Alv.*, *Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. III, p. 341.

(63) Aliás sessenta e nove, como ja se dice.

(64) Supprimi os rondós francezes antigos, que o auctor transcreve em seu artigo por não julgal-os necessarios aqui.

(65) N'esta, e n'outras citações, deixei apenas o primeiro verso, supprimindo tudo o mais, por isso que o leitor poderá ver na collecção a poesia a que illude o allustrado critico.

(66) Poucas obras conhecia COSTA' E SILVA do nosso poeta, do qual ainda nos restam muito mais poesias, apesar de se terem deseucaminhado a maior parte d'ellas.

(67) *Biogr. de Man. Ign. da Silva Alv.*, *Rev. univ. lisb.*, n. 45 e 46 de 1847, art. n. 1122 e 1132, p. 551 e 546 e seguintes.

(68) V. nota 30.

(69) SIMONDE DE SISMONDI.

(70) No *Ess. stat. sur le roy. de Port.*, ja citado.

(71) V. nota 53.

(72) *Varões illust. do Bras.*, t. I, p. 339 e seguintes.

(73) *Curso de litt. nac*, p. 337 e seguintes.

(74) Manoel Ignacio da Silva Alvarenga teve até aqui por patria a villa, hoje cidade, de São João d'El-Rei, e admira que fosse o conego Januario da Cunha Barbosa, tam intimamente relacionado com o nosso poeta, já por ter sido seu discipulo, já por ter sido seu particular amigo, quem incorresse n'esse erro, pois que é o proprio Silva Alvarenga quem declara em todos os interrogatorios, que lhe fôram feitos na sua prisão, o logar de seu nascimento, sua filiação e idade.

Tanto no *Parnaso brasileiro*, tomo I, cad. 6, p. 28, como na *Revista trimensal do Instituto historico brasileiro*, tomo III, p. 338, assevera o conego JANUARIO que Silva Alvarenga não só nascêra como que concluíra os seus estudos preparatorios na villa de São João d'El-Rei. Não dá o anno de seu nascimento, mas diz que fallecêra no dia 1 de novembro de 1814 com perto de 80 annos. Logo nasceu pelos annos de 1734 a 1740, no que vai grande differença para 1749.

Levado pelas palavras do conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA incorreu o SNR. DR. J. M. PEREIRA DA SILVA n'esse mesmo engano, a respeito da terra do nascimento de Silva Alvarenga, datando, porém, o nascimento do anno de 1758. Isto é, 9 annos mais do que a data verdadeira e 23 mais do que a marcada pelo conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA. V. *os Varões illustres do Brasil*, t. 1, p. 333.

Igual engano teve o meu collega e amigo o conego doutor J. C. FERNANDES PINHEIRO, pois no seu *Curso de litteratura nacional*, p. 336 o dá como nascido em São João d'El-Rei em 1758.

O SNR. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA andou mais avisado dizendo no seu *Dicc. bibliogr portug.*, t. VI, p. 5, que nascêra, ao que parece, entre os annos de 1735 e 1740 ou no de 1758 como outros affirmam. Quanto ao logar do nascimento menciona igualmente a villa de São João d'El-Rei.

O distincto litterato portuguez J. M. DA COSTA E SILVA dá-lhe por patria a capitania de Minas Geraes, por anno de nasci-

mento o de 1728 e fá-lo filho de paes abastados! *Gazeta universal lisbonense*, n. 46, art. 1122, p. 532.

ADRIANO BALBI escreve que era natural do Rio de Janeiro: « Le premier avocat de son temps à Rio-Janeiro, sa patrie; où il est mort. » *Essai statistique sur le royaume de Portugal*, t. II, Appendix, p. xxxii.

(75) Ignacio da *Silva*, e não Ignacio da *Silva Alvarenga*, diz o conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, e diz o proprio Manoel Ignacio da Silva Alvarenga nos seus interrogatorios. V. *Peças justificativas*. Pensei por muito tempo que o appellido Alvarenga do nosso poeta teria sido tomado arbitrariamente por elle com essa sem cerimonia com que ainda hoje se deixam uns e se tomam outros, fazendo-se apenas um annuncio duvidoso pelas folhas diarias, mas pelas notas que acabo de obter da universidade de Coimbra vejo que o nosso poeta matriculou-se alli como filho de Ignacio da *Silva Alvarenga*. Talvez por essa falta e pelo engano do local de seu nascimento não me fosse possivel obter ainda a certidão de idade do nosso poeta que sollicitei respeitosamente ao distincto e illustrado bispo de Marianna, o excellentissimo e reverendissimo senhor dom Antonio Ferreira Viçoso e que S. Ex^a. Rev^{ma} me prometteu remetter cheio de benevolencia para commigo. Não me é possivel demorar por mais tempo a presente introduccão pela qual ha muitos mezes esperam no prelo, em Paris, as obras do nosso auctor.

(76) O accidente da côr parda que tinha, concorria para que seu pae lhe occultasse a origem de seu nascimento; assim é de crêr que o nome de sua mãe não figure no assentamento de seu baptismo.

(77) « Ce poëte et littérateur très-distingué, cultivait aussi la musique avec succès, et jouait parfaitement de la flûte et du

violon. » ADRIANO BALBI, *Essai statistique*, etc., Appendix, p. CCXIII.

(78) Assim se chamavam aos estudantes brasileiros e o proprio Silva Alvarenga por tal se declarava nas poesias que publicára por occasião da inauguração da estatua equestre.

(79) Devo a seguinte nota, tirada dos livros da universidade de Coimbra, ao meu illustre amigo o Snr. commendador João Francisco Lisboa :

« Manoel Ignacio da Silva Alvarenga; filho de Ignacio da Silva Alvarenga, natural de Villa Rica, de Minas Geraes; apparece somente matriculado no segundo anno de canones em 1772 para 1773 e seguidamente no terceiro, quarto e quinto, formando-se n'esta faculdade em 1775 para 1776, sendo em todos os actos approvado *nemine discrepante*. »

Esta e outras notas que acabo de receber fôrã obtidas a custo de muito trabalho e pela maior parte incompletas e deficientes pelas faltas e omissões que se encontram nos livros anteriores á reforma da universidade e mesmo em alguns posteriores, de modo que é mui difficil a apuração dos factos. Ainda assim são de grande utilidade á biographia brasileira.

(80) J. M. DA COSTA E SILVA assegura que Silva Alvarenga foi contemporaneo na universidade de Coimbra e amigo intimo do pouco afortunado Thomaz Antonio Gonzaga e seu rival em poesia erotica, mas ha manifesto engano. Gonzaga formou-se no anno de 1763, et Silva Alvarenga treze annos depois, em 1776. Talvez Silva Alvarenga apenas visse o auctor da *Marilia de Dirceu* no Rio de Janeiro quando chegou de Villa Rica para entrar para os carceres da ilha das Cobras e depois quando partiu para o seu desterro. É só com as dates que se póde escrever a historia.

(81) Este nome ainda não está apurado. O conego JANUARIO

DA CUNHA BARBOSA tinha por verdadeiro o primeiro e como d'elle citava uma ode feita á inauguração da estatua equestre do rei dom José I, impressa avulsamente e depois reproduzida no *Mosaico poetico*, p. 15. O Snr. doutor J. M. PEREIRA DA SILVA tem o segundo por mais veridico. V. *os Var. illustr. do Bras.*, t. II, Sup. biogr., p. 329. Nada se encontra a respeito no *Dicc. bibl. port.* do Snr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, sempre tam minucioso. O que é certo é que José Basilio adoptou o appellido materno, pois sua mãe chamava-se Quiteria Ignacia da *Gama*, e não era muito que seu irmão adoptasse antes o appellido de seu pae, que era conhecido por Manoel da Costa *Villas Boas*, do que o de *Almeida* de que não usavam seus paes. É celebre a adopção dos nomes entre nós! A esse respeito veja-se, além do que já fica dito em a nota 75, o artigo *Mistura de nomes*, por SEBASTIONOPOLINO, publicado na *Revista popular* d'esta côrte, t. XI, p. 204 e 260.

(82) *O Templo de Neptuno e a Gruta americana* figuram entre os seus idyllios. O primeiro foi composto durante a viagem, na travessia de Lisboa para o Rio de Janeiro; e o segundo pouco depois, já quando não existia o rei dom José I.

(83) « Manoel Ignacio da Silva Alvarenga a patente de coronel de milicias dos homens pardos da sua comarca do Rio das Mortes. » *Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. III, p. 342. E convêm ainda notar que não era do estylo a nomeação de homens de côr para officiaes de taes corpos. O marquez DE LAVRADIO é bem explicito a esse respeito quando diz no seu *Relatorio dirigido ao seu successor o vice-rei Luiz de Vasconcellos*: « Além d'esses tres terços formei mais outro de homens pardos dando-lhe por commandante um sargento mór, homem branco e official tirado das tropas e por ajudantes dois officiaes inferiores, tambem brancos, tirados das tropas, para d'este

modo poder melhor estabelecer-lhes a disciplina e conservá-los em sujeição. » *Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. IV, p. 419.

(84) V. VISCONDE DE S. LEOPOLDO, *Memoria sobre as idéas de illustração que em differentes epochas se manifestaram em nosso continente*, *Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. I, p. 84. *Relatorio do MARQUEZ DE LAVRADIO* inserto na *Rev. trim.*, t. IV, p. 468 a 476.

(85) Parny, o elegante poeta francez, que esteve de passagem na cidade do Rio de Janeiro em setembro de 1775, é quem nol-o affirma quando diz : « J'aurais été charmé de connaître l'Opéra de Rio de Janeiro, mais le vice-roy n'a jamais voulu nous permettre d'y aller. » É incomprehensivel semelhante prohibição!

(86) « A falta de impressão, diz o conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, as fez cahir em esquecimento e até o nome de seus auctores foram devorados pela negligencia. » *Rev. trim.*, t. III, p. 341.

(87) O marquez de Lavradio tomou posse da administração do Brasil em 4 de novembro de 1769 e deixou-a em 5 de abril de 1779 a Luiz de Vasconcellos e Souza.

(88) V. *Quintilhas dirigidas ao vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza no dia de seus annos*, est. 2^a.

(89) V. *A Apotheosis poetica, canção a Luiz de Vasconcellos e Souza*. É a primeira d'esta collecção. E a ode *o Recolhimento do Parto recitada na presença do mesmo vice-rei*. É a quarta d'esta collecção.

(90) O rei dom José I morreu no dia 25 de fevereiro de 1777.

(91) A Arcadia ultramarina foi creada antes de publicadas as obras de CLAUDIO MANOEL DA COSTA, 1768.

Este poeta já se declara no frontispicio de suas obras *arcade ultramarino*, chamado *Glauceste Saturnio*. E a paginas 270 e 282 se diz *Glauceste Saturnio, pastor arcade, romano, ultramarino*.

No soneto xv, p. 8, se diz *Alfeu*.

Eu o misero *Alfeu*, que em meu destino
Lamento as sem razões da desventura
A seguir-vos tambem hoje me inclino.

N'essas obras ha composições de *Eureste Finicio* e *Ninfejo Calisti*, nas quaes se declaram *pastores arcades, romanos, ultramarinos*.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA nas suas poesias publicadas em 1801, sob o titulo de *Glaura, poemas eroticos*, apenas diz na *Arcadia Alcindo Palmireno*. Esta designação já se acha no poema heroicomico o *Desertor das letras* cuja impressão é de 1774. Nas poesias á inauguração da estatua equestre do rei dom José I em 1775 encontra-se o seu nome seguido da seguinte declaração : *Estudante ultramarino*.

Nas poesias d'este poeta, publicadas no *Parnaso brasileiro* pelo conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA ha composições dirigidas por elle a José Basilio da Gama sob a seguinte designação : *A Termindo Sipilio, arcade romano, por Alcindo Palmireno, arcade ultramarino*.

JOSÉ BASILIO DA GAMA apenas se intitula *arcade romano* no seu poema o *Uruguay*, impresso em 1769.

No soneto á inauguração da estatua equestre, impresso avulsamente, e que começa :

Fundou com a forte espada a monarchia,

assigna-se simplesmente, sem pôr o seu nome, *Termindo Sipilio, pastor arcade*.

No poema *o Uruguay* falla de *Mireu* e nos *bosques da Arcadia* e pede ao seu poenia que leve-lhe *flores de estranho céo* para lhe ornar a *recente urna*.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA, que esteve em Minas Geraes pelos annos de 1784 a 1789 e se intitulava *Dirceu*, falla em suas lyras de *Alceu* e *Glauceste*.

Glauceste era o seu amigo Claudio Manoel da Costa, e *Alceu* era sem duvida Alvarenga Peixoto.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA é auctor de uma ode á *Arcadia ultramarina*. É a sua saudação.

Ahi trata dos seguintes poetas *Termino*, *Driario*, *Nimpheu*, *Eureste* e *Glauceste*.

Vê-se pois que Basilio da Gama tambem fazia parte da *Arcadia ultramarina*, pois que *Termino* era o seu, nome pastoril.

Nimpheu era talvez o mesmo *Ninfeso Calisti* como *Eureste* é *Eureste Finicio*, dos quaes o proprio CLAUDIO MANOEL DA COSTA apresenta poesias. *Glauceste* era o proprio poeta, mas *Driario*, quem seria?

A *Saudação á Arcadia* deve ser anterior ao anno de 1784, porque n'esse anno já Gonzaga se achava em Villa Rica e já devia ser conhecido pelo nome pastoril de *Dirceu*, e CLAUDIO MANOEL DA COSTA não deixaria de nomeal-o si já o conhecesse. Essa ode só foi publicada no anno de 1809 a 1811.

O doutor EMÍLIO JOAQUIM DA SILVA MAIA data a fundação da *Arcadia* de 1760 e a dá como estabelecida na comarca do Rio das Mortes. « Não devemos passar em silencio, diz elle, uma sociedade instituida em Minas, alguns annos antes da creação da sociedade fluminense de que acabamos de fallar. Esta associação litteraria, composta de poucos individuos, tinha o nome de *Arcadia do Rio das Mortes*, por achar-se estabelecida n'um logar perto d'este rio e julga-se que ella existiu pelo anno pouco mais ou menos de 1760. Foram seus primeiros instituidores : 1º O grande poeta José Basilio da Gama, auctor do poema *Uruguay* e do elogio sobre o Tejo, que foi premiado pela côrte de Roma ;

— 2º Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, nome tambem celebre na litteratura brasileira e de quem nos restam algumas excellentes poesias; — 3º O celebre Bernardo, Paulista, que tinha sido educado em São João d'El-Bei, muito conhecido pelas suas poesias, porém que quasi todas ficaram manuscriptas e se acham em diversas mãos e em algumas bibliothecas. Esta Arcadia durou mui pouco tempo como acontecia a todas as sociedades litterarias do Brasil e d'ella mesmo não teriamos noticia alguma se sua existencia não nos fosse transmitida por alguns Mineiros contemporaneos d'aquelles illustres homens.»

O auctor accrescenta em nota: « Nós viemos ao conhecimento d'esta sociedade por noticia que nos deu o senhor senador João Evangelista de Faria Lobato. » *Discurso sobre as sociedades scientificas e de beneficiencia que têm sido estabelecidas na America*, Rio de Janeiro, 1836; 1 vol. in-4, p. 24.

O general J. Í. de Abreu e Lima deu a mesmíssima noticia e quasi pelas mesmas palavras. « N'este anno, diz elle, suppõe-se que tivera origem uma sociedade litteraria na provincia de Minas Geraes com a denominação de Arcadia do Rio das Mortes. De seus princieiros instituidores apenas resta a memoria de poucos, entre elles José Basilio da Gama, auctor do poema *Uruguay*, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e o celebre Paulista Bernardo, cujas poesias foram tam apreciadas no seu tempo. Esta sociedade durou pouco tempo como todas do Brasil debaixo do jugo de ferro dos Portuguezes. » *Synopsis ou Deducção chronologica*, p. 252.

Se Basilio da Gama e Silva Alvarenga foram seus primeiros instituidores a data de 1760 é irrisoria. N'esse anno estava o primeiro dos dous poetas no Rio de Janeiro entregue a seu máu destino sem saber que carreira tomasse, pois os jesuitas tinham sido presos e remettidos para Lisboa, e ainda não havia chegado o protector do poeta, o conde da Cunha; e o segundo contava apenas onze annos de idade.

O conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA escreve tambem vagamente : « Manoel Ignacio, assevera elle, concebeu a idéa de crear no Rio de Janeiro uma poesia e um theatro brasileiro. Animado pela estimacão do protector das letras o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, elle prestou-se de bom grado aos conselhos de seu particular amigo José Basilio da Gama no estabelecimento de uma Arcadia, que se ramificou em Minas Geraes e da qual ainda nos restam excellentes poesias. Esta associação foi logo accrescentada com outros ramos de philologia, que a tornaram util e de honra á nossa patria. Claudio Manoel da Costa pelos seus poemas, que se pôdem lèr no *Parnaso brasileiro* dá provas d'essa associação de arcades, que por algum tempo abrilhantára a comarca do Rio das Mortes em Minas. » *Rev. trim. do inst. hist. bras.*, t. III, p. 340.

O Sr. doutor J. M. PEREIRA DA SILVA exprime-se assim :

« Concordáram José Basilio da Gama e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga aproveitar o auxilio do vice-rei, e a protecção do bispo dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, organisando uma nova sociedade, modelada pela Arcadia de Roma, e que reunisse no seu seio a todos os sujeitos instruidos do Brasil. » *Os Var. illust. do Br.*, t. I, p. 35.

Depois de algumas considerações sobre as sociedades litterarias e scientificas, o illustre litterato accrescenta :

« Da nova academia estabelecida no Rio de Janeiro e denominada Arcadia ultramarina foram principaes membros, além de José Basilio da Gama, e de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barboza, João Pereira da Silva, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, Manoel de Arruda Camara, José Ferreira Cardozo, José Marianno da Conceição Velloso e Domingos Caldas Barboza. » *Os Var. illustr. do Br.*, t. I, p. 37.

Do que fica exposto vê-se claramente que todos esses auctores andaram mal informados, pois apenas sabe-se que a Arcadia ultramarina é anterior ao anno de 1768, data da publicação

das obras de CLAUDIO MANOEL DA COSTA. Tudo o mais quanto se tem dito são meras supposições.

(92) J. M. DA COSTA E SILVA diz que Silva Alvarenga depois de ter tomado o grau de bacharel em leis foi recebido no numero de socios da Academia de Roma com o nome de *Alcendo Palmiresso!* *Rev. univ. lisb.*, n. 45, art. 1122, p. 532. É tudo inexacto inclusive o nome pastoril do poeta, sem duvida por causa da pessima letra do litterato portuguez, que dava que fazer aos typographos.

(93) Espero poder esclarecer essas duvidas logo que me cheguem á mão os documentos que mandei vir de Roma por intermedio de meu amigo e collega o Sr. doutor Carlos Honorio de Figueredo. É de crêr, que a Arcadia ultramarina communicasse á Arcadia de Roma a sua installação e que se possa saber com toda a certeza os nomes d'esses poetas que pertenciam a ambas as Arcadias sob os nomes pastorís de *Eureste Finicio* e *Ninfejo Calisti*. V nota 91.

(94) *Auto de perguntas de 4 de agosto de 1795*. V. *Peças justificativas*.

(95) O conde de Rezende tomou posse em 4 de junho de 1790 e governou até 14 de outubro de 1801. Succedeu-lhe dom Fernando José de Portugal.

(96) *Auto de perguntas de 21 de julho de 1795*. V. *Peças justificativas*.

« Se peccava a respeito de religião, dizia elle, era na observancia de algumas praticas que não são da sua essencia e que muitos reputam desnecessarias e superfluas. » *Idem*.

(97) *Auto de perguntas de 12 de agosto de 1795*. V. *Peças justificativas*. A malidicencia interpretando-o a seu modo

dizia que era uma republica que elle queria fundar em Itaguahy!

(98) *Auto de perguntas de 4 de julho. V. Peças justificativas.*

.. (99) *Dito de 12 de agosto. Idem.*

(100) ADRIANO BALBI confundindo as informações que obteve ácerca de Silva Alvarenga, e da sociedade de que elle era o conservador, diz: « Ce grand poëte était aussi un amateur très-distingué de la musique et avait des connaissances rares en histoire naturelle. Il s'était formé dans sa maison un petit musée et possédait la bibliothèque la plus nombreuse de Rio de Janeiro. Elle a été achetée de ses héritiers et réunie à celle du roi. » *Essai statistique, App. p. CLXXIV.*

(101) *Autos de perguntas de 4 e 27 de julho. V. Peças justificativas.* Além d'esses amigos tinha entrada franca em sua casa o rabula José Bernardo da Silveira Frade, cujas relações começaram por negocios do fôro. Foi tambem visitado algumas vezes por Manoel Ferreira, mestre de primeiras letras, e Francisco Coelho Solano.

(102) O conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, *Biographia de Silva Alvarenga, Rev. trim. do inst. hist. bras., t. III, p. 340.*

(103) *Auto de perguntas de 4 de julho. V. Peças justificativas.*

(104) SARMIENTO, *Civilisation et barbarie, mœurs, coutumes, caractères des peuples argentins. Facundo Quiroga.* Cito-o de cór, que não tenho a obra presente.

(105) *Termo de ajuntada de sete apontamentos para es-*

tatutos de uma sociedade litteraria datado de 31 de julho. V. *Peças justificativas*.

(106) Assim chamavam os clubistas aos frades franciscanos em contraposição acintosa ao titulo de *Club de jacobinos* dado a suas reuniões. V *Biographia de Silva Alvarenga* pelo conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, *Rev. trim.*, t. III, p. 340.

(107) SILVA ALVARENGA inverte mui espirituosamente este facto dizendo que não foi o auctor da satyra, mas que só a vira por lh'a terem introduzido por baixo da porta; que constava de diversos sonetos escriptos por varios não só pela diversidade das letras como tambem pela variedade do estylo. Os sonetos, acrescentava elle, eram dirigidos a um ou dous religiosos de Santo Antonio, dos quaes um lhe parecia chamar-se frei Raymundo. *Auto de perguntas de 4 de julho. V. P. just.*

(108) *Auto de perg. de 27 de julho. V. P. just.*

(109) *Idem.*

(110) Lê-se em todos os autos de perguntas : « Fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva... para effeito de fazer perguntas ao prezo Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, *que foi conduzido á presença do dito desembargador, e depois de mandar pôr em sua liberdade* o passou a perguntar, » etc. Ora o desembargador não mandaria pô-lo em liberdade depois de conduzido á sua presença se elle não estivesse em ferros. Carcere e ferros! Ora com effeito!

(111) Os estatutos da sociedade litteraria do Rio de Janeiro foram confeccionados pelos sens diversos membros sob a direcção do cirurgião mór Ildesonso José e escriptos depois por Silva Alvarenga em um caderno de desenove folhas e meia de papel, sendo o verso em branco, e envolto em capa de ruão azul. Fo-

ram assignados por todos ós socios. O vicc-rei Luiz de Vasconcellos os approvou verbalmente.

Ha quem confunda a sociedade scientifica do Rio de Janeiro com a litteraria. A primeira funcionou no tempo do Marquez de Lavadio, desde 18 de fevereiro de 1772 até abril de 1779. A segunda começou a funcionar sete annos depois e parou em 1790. Em 1788 sahiam dos typos da universidade de Coimbra os *Elementos de chimica* offerecidos á mesma sociedade para uso de seu curso por VICENTE COELHO SEABRA. Depois de uma interrupção de quatro annos funcionou apenas por seis mezes, e extinguiu-se para sempre. V. *Peças justificativas*.

(112) *Auto de perg. de 4 de agosto. V P. just.*

(113) *Auto de perg. de 12 de agosto. Idem.* Em 26 de agosto requereu Silva Alvarenga ser de novo acareado com José Bernardo, para que se fizessem ainda algumas declarações que suppunha necessarias para sua defeza. O desembargador chanceller mandou escrever o requerimento, reservando para tempo opportuno o seu deferimento. Jámais deu-se a oportunidade. V. *P. just.*

(114) *Auto de 12 de agosto. V P. just.*

(115) *Dito de 26 do mesmo. Idem.*

(116) *Dito de 14 de septembro. Idem.*

(117) Dous annos e sete mezes, diz o general ABREU E LIMA. *Synopsis*, p. 565.

(118) *A tempestade, canção, est. 9.*

(119) V *nota 48.* COSTA E SILVA desconheceu a origem do desgosto de que foi victima o poeta, que elle tanto elogiou, e de que falla o editor da *Glaura*. Confessava que não sabia ave-

riguar se era o desgosto proveniente de causas moraes ou phisicas, ou desfavor da fortuna, ou se era meramente por ter perdido o affecto ás musas, ou o mesmo pejo de se dar por auctor de versos, que muitas vezes accomette os homens que exercem certos cargos. *Rev. univ. lisb.*, n. 45, art. 1122, p. 152.

(120) *V nota* 5.

(121) ADRIANO BALBI assevera que tanto o seu museu como a sua livraria foram adjudicados á casa real por compra a seus herdeiros. *Essai statistique*, t. II, *Appendix*, p. CLXXIV. *V nota* 100.

Já estava escripta esta nota quando no archivo da secretaria do imperio descobri os documentos que elucidam esta questão da compra da livraria de Silva Alvarenga.

« Poucos dias depois da morte do Dr. Alvarenga, diz o bibliothecario da real bibliotheca do Rio de Janeiro, o padre Joaquim Damazo, sabendo que a sua livraria se havia de vender mandei dizer que se vendessem os livros o participassem á real bibliotheca, ao que responderam a herdeira, procurador, afilhado e o procurador que é hoje, que se não haviam vender sem se dar parte primeiro á real bibliotheca, mas que estavam na determinação de os não vender senão todos junctos, e que apenas se fizesse a relação e avaliação logo a mandariam para a real bibliotheca. Mandeí segunda vez a 28 de novembro e foi me respondido o mesmo e porque me constou que iam se desencaminhando os livros, mandei terceiro recado no dia 2 de dezembro e me foi respondido que na quarta feira seguinte viria a lista. A 9 do mesmo mez á noite me andou procurando por toda a parte um meirinho (o que muito me assustou porque tenho muito medo d'elles) e me dice que vinha da parte do Sr. Dr. juiz de fóra saber a resolução dos livros; eu que nunca tinha fallado com o dito Sr. não sabia o que respondesse, e lembran-

do-me uma pessoa que commigo estava que seriam os livros de que se trata, respondi que ainda não tinha a relação d'elles, para a apresentar á V. Ex^a que é quem havia resolver.

A 12 do mesmo mez me procurou o illustrissimo Marco Antonio Montaury em casa e na real bibliotheca e me pediu adiante de todos que visto querer-se comprar a livraria do doutor Alvarenga para a real bibliotheca, que elle tinha uns que o defunto lhe tinha emprestado, que queria ficar com elles e tambem outra obra que elle sabia que tambem havia entre os ditos livros, a que eu respondi que eu nada lhe podia dizer a esse respeito, porque ainda não tinha visto a relação, que quando a recebesse e V. Ex^a resolvesse a compra que então fallariamos, mas que a tal obra de mais, que queria, que com essa naturalmente não poderia ficar com ella, porque a livraria a não tinha, e que eu fazia empenho n'ella para satisfazer a serenissima senhora infanta dona Maria Isabel, que repetidas vezes a tinha pedido e eu lhe não tinha podido satisfazer por não haver outra de venda.

« A 13 do mesmo mez veio ter commigo o chamado procurador e me dice diante de todos os que estavam na real bibliotheca (são palavras formáes) quando lhe perguntei pela relação dos livros : O juiz de fóra foi lá á casa como um doido furioso, tirou os livros que quiz e assim outras pessoas, affirmando que na real bibliotheca já se não queriam os livros. A que respondi que dicesse quem tinha dito tal e que se tal se tivesse dito se não exigiria a lista, e então me prometeu trazel-a logo que estivesse fechada, o que fez na noite do dia 15 e no dia 20 tive a honra de apresentar a V. Ex^a e resolvido que foi por V. Ex^a. que se comprassem os livros, o fiz participante á herdeira em 22 do mesmo mez, a qual participação se me respondeu, a que repliquei e se me respondeu ainda, o que deu motivo ao aviso que V. Ex^a, houve por bem expedir a 10 de janeiro. » *Officio de 16 de março ide 1815.*

A carta dirigida á Joaquina Maria de Lima, mulher preta e

herdeira de Silva Alvarenga pelo padre bibliothecario Joaquim Damaso é a seguinte :

« Senhora Joaquina Maria de Lima. O illustrissimo e excellentissimo senhor marquez de Aguiar me manda participe a V. M^{ce} que S. A. R. o principe regente nosso senhor é servido querer comprar para a sua real bibliotheca os livros assim impressos como manuscriptos que eram do fallecido doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga ; e V. M^{ce} assignará ao portador o dia em que estarão promptos para se transferirem para esta real bibliotheca, ajustarem-se e pagarem-se depois de se verificarem. Deus guarde a V. M^{ce} Real bibliotheca, 22 de dezembro de 1814. — Padre JOAQUIM DAMAZO. »

A resposta de Joaquina Maria de Lima consta da seguinte carta :

« Recebi a carta de V. Rev^{ma}. com data de 22 de dezembro d'este anno, participando-me que o Ex^{mo} Sr. marquez de Aguiar queria para a bibliotheca de Sua Alteza Real os livros assim impressos como manuscriptos que foram do doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga ; ao que respondo que depois de avaliados foram vendidos ao desembargador juiz de fóra d'esta côrte, ao padre Januario da Cunha Barbosa, ao capitão de fragata João Martinianno e ao Ill^{mo}. Marco Antonio Montaury, e o resto todo ao livreiro Manoel Joaquim da Silva Porto ; e isto ha muitos dias ; por tanto como já se não acham em meu poder, não posso dar cumprimento ás determinações de V. Rev^{ma} de quem sou muito attenciosa veneradora e criada. — JOAQUINA MARIA DE LIMA. »

A replica do bibliothecario real diz assim :

« Não posso apresentar a sua carta ao Ex^{mo} Sr. marquez de Aguiar para subir á presença de Seu Alteza Real sem que V^{mc}. por escripto me diga se quando se lhe participou da real bibliotheca que se não vendessem os livros do doutor Alvarenga sem que se participasse á real bibliotheca, já estavam avaliados e vendidos ; e sendo certo que ainda o não estavam diga tambem

porque ordem se venderam e se se venderam separados, quando se tinha participado á esta real bibliotheca que se não vendiam senão junctos todos. Em segundo lugar, como ás pessoas que têm os livros não ignoravam as circunstancias em que elles estavam a respeito d'esta casa, V. M^{ce}. lhes faça saber a resolução de Sua Alteza Real e se pozerem alguma duvida á entrega, peça-a V. M^{ce}. por escripto. Espero sem demora a resposta. »

A resposta que deu ainda a herdeira de Silva Alvarenga é como se vae lêr :

« Reeebi a sua carta, em que me participa eu lhe mande dizer se quando V. Rev^{ma}. mandou dizer queria vêr a lista dos livros do senhor doutor Manoel Ignacio e se não vendessem sem se dar parte á V. Rev^{ma} e se estavam ou não avaliados e vendidos; respondo que não estavam ainda avaliados nem vendidos, porém foi um simples recado de boca e não unia ordem e que a todos os compradores foi sciente, mui principalmente ao senhor doutor juiz de fóra, que foi o primeiro que tirou livros e a seu exemplo o senhor padre mestre Januarío e o senhor capitão de fragata João Martinianno, dos quaes estes dous ultimos tiveram um grande trabalho com a livraria e listas, e depois d'isto e eorrer a voz de que V. Rev^{ma}. já não queria pela falta de livros, passou a vender o resto ao livreiro Manoel Joaquim. Quanto aos livros do Sr. Marco Antonio Montaury, elle já os tinha em seu poder muito antes que o *meu senhor* doutor morresse e logo no outro dia depois do seu falleimento mandou o seu criado denunciar os livros que tinha em seu poder e dizer-me que se eram para vender, que os queria eomprar e assim ficamos justos, logo que fossem avaliados; estas foram as razões, e como uma ignorante preta, de assim obrar. Partieipando aos eompradores o que V. Rev^{ma} me eomunica em segundo lugar na sua carta, respondem que eu não sou pessoa legitima para lhes intimar ordens de Sua Alteza Real e que os entregarão á real bibliotheca quando para isso forem eonvidados

por auctoridade competente. » Esta carta tem a data de 24 de dezembro de 1814.

A Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça expediu-se o seguinte aviso firmado pelo Marquez de Aguiar em 10 de janeiro de 1815 :

« Tendo S. A. R. o principe regente meu senhor ordenado que se comprassem para a sua real bibliotheca os livros que deixou o fallecido Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e constando que muitos d'elles se acham em poder de varias pessoas d'esta côrte. É o mesmo senhor servido que procedendo V. M^{ce} as averiguações precisas para vir no conhecimento d'aquellas em cujas mãos se acham os referidos livros, lhes faça aviso para que os entreguem á herdeira do sobredito Manoel Ignacio ou na real bibliotheca a qualquer dos bibliothecarios d'ella. O que participo a V. M^{ce} para que assim o execute. »

É de crêr que as ordens regias fossem cumpridas, e que, como diz Balbi, os livros de Silva Alvarenga se adjudicassem á bibliotheca real, hoje bibliotheca nacional; mas onde param os seus manuscriptos? Infelizmente não estão na bibliotheca, cujo catalogo examinei por vezes.

(122) Conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, *Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. III, p. 3.

(123) *V. As Artes*, poema didascalico e *o Desertor das etras*, poema heroico-comico. Acham-se n'esta collecção.

(124) *Dic. bibl. port.*, t. III, p. 82.

(125) *V. Glaura*, poemas eroticos, onde quasi todos os rondós rimam por hemistichios, e *o Templo de Neptuno*, no canto de Clio. É máis uma variedade nas harmonias poeticas da rima e do rhythmmo, de que todavia se não deve abusar.

(126) O metro só varia depois do rondó XLII até o rondó XLVII; toma de novo o antigo numero de syllabas e estrophes.

(127) Na *Art poétique*, ch. II.

(128) *Glaura*, rondó II.

(129) *Idem*, r. V.

(130) *Idem*, r. XIX.

(131) *Idem*, r. XXXI.

(132) V. *Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros* n'esta introduccão.

(133) *Idem*.

(134) *Idem*.

(135) BOILEAU, na sua *Art poétique*.

FIM DA INTRODUCÇÃO

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

I

AUTO DE PERGUNTAS

FEITAS

A MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos noventa e cinco annos, aos quatro dias do mez de julho do dito anno, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da Fortaleza da Conceição onde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, comigo escrivão nomeado para esta diligencia e o tabellião José dos Santos Rodrigues Araujo para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga que foi conduzido á presença do dito desembargador chanceller, e, depois de o mandar pôr em sua

liberdade, o passou a perguntar na fórma e maneira seguinte :

Foi lhe perguntado como se chamava, de quem era filho, d'onde era natural, que idade e officio tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se estava em seu perfeito juizo, e sem causa ou motivo algum que o pudesse constranger a deixar de dizer a verdade em tudo o que fosse perguntado.

Respondeo que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva, natural de Villa Rica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era advogado e professor de rhetorica nesta cidade de cujas occupações vivia, que era solteiro, que se achava em seu perfeito juizo sem constrangimento, ou causa que o pudesse mover a deixar de dizer verdade em tudo quanto fosse perguntado.

Foi mais perguntado se sabia ou suspeitava qual fosse a causa de sua prisão.

Respondeo que não sabia, nem suspeitava o motivo de sua prisão, e só presumia ser por causa grave.

E logo pelo desembargador chanceller foi instado que não era verosimil que elle respondente sendo um homem de juizo, e de letras deixasse de saber, ou ao menos presumir o motivo de sua prisão, pois a mesma razão que dava para conhecer que o motivo da prisão era grave, lhe daria bastante dias para discorrer, e atinar com a verdade delle.

Respondeo que as mesmas circumstancias da sua prisão, são as que o fazem vacillar sobre o motivo d'ella, pois que suspeitando ao principio que seria por causa de

uma satyra que se lhe imputava ter feito, o apparatus com que fôra preso e conduzido á prisão lhe fizera desvanecer esta idéa.

E logo foi mais perguntado por elle desembargador chanceller se com effeito se havia feito a dita satyra, se elle respondente fôra o auctor d'ella, ou se ouvira e a publicara, e contra quem ella se dirigia.

Respondeo que elle não fôra o seu autor, mas que só a vira por lh'a introduzirem por baixo da porta, que ella constava de diversos sonetos que mostravão ser feitos por diversos, não só pela diversidade das letras, mas pela diversidade dos estylos, e que o sujeito contra quem os mesmos sonetos se dirigião era um religioso ou dous de Santo Antonio, dos quaes só lhe parece chamar-se um frei Raimundo.

Foi perguntado se elle respondente em sua casa tinha alguma sociedade, ou nella se ajuntavão algumas pessoas diariamente ou em alguns dias da semana.

Respondeo que no tempo em que governava este Estado o illustrissimo e excellentissimo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza debaixo de sua protecção principiara e houvera uma sociedade de gentes de letras, a qual era composta principalmente de professores de medicina, na qual se tratava e discorria sobre diversos objectos scientificos, mas que com a ausencia do mesmo vice-rei, esmorecera e acabára totalmente a mesma sociedade, porém que depois o actual vice-rei o illustrissimo e excellentissimo conde de Rezende depois de tomar posse do governo entrara a dar demonstrações de que a mesma se restabelecesse e expressamente fallára com elle respon-

dente para o dito fim, pelo que elle respondente tornára a convocar os socios fazendo-se em sua casa algumas conferencias até que havendo uma desordem entre dous dos seus socios o mesmo illustrissimo e excellentissimo vice-rei ordenára que não continuasse, e que com effeito não continuára mais.

Foi mais perguntado qual era o fim a que a mesma sociedade se tinha preposto, se era só a instrucção e adiantamento dos socios, ou se tambem se interessava n'ella a felicidade publica.

Respondeo que o objecto principal era não esquecerem os seus socios as materias que em outros paizes havião aprendido, antes pelo contrario adiantar os seus conhecimentos, mas que em consequencia disto vinha tambem o interesse publico, pois que sendo a maior parte dos seus socios medicos, pelas ditas conferencias adiantavão as suas luzes e se dispunhão para com mais acerto curarem os enfermos, além de outros conhecimentos sobre os diversos reinos da natureza que nas mesmas conferencias adquirião os seus socios, e de que poderia vir a resultar utilidade ao publico.

Foi perguntado se a dita corporação tinha alguns estatutos por onde se regesse, e se os mesmos forão approvados pelos illustrissimos e excellentissimos vice-reis do Estado, pois que sem elles e sem a sua approvação vinha a ser a referida Sociedade um corpo ou collegio reprovado por direito.

Respondeo que quando a mesma Sociedade se erigio debaixo dos influxos do illustrissimo e excellentissimo

vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza logo lhe forão apresentados uns estatutos os quaes se hão de conservar na livraria delle respondente encadernados com capa azul, e tambem forão por elle approvados.

Foi mais perguntado se os mesmos estatutos forão apresentados e approvados pelo actual vice-rei o illustrissimo e excellentissimo conde de Rezende.

Respondeo que lhe forão apresentados e que o mesmo illustrissimo e excellentissimo vice-rei mandára que a mesma Sociedade se estabelecesse debaixo do dito plano, e por elle se fosse regendo.

Foi mais perguntado se sabia quem fôra o autor dos ditos estatutos, e se fôra um ou mais dos socios que nelles trabalharão e os compuzerão.

Respondeo que fôra trabalho de diversos socios, em que principalmente trabalhara o cirurgião mór Ildefonso, hoje fallecido.

Foi perguntado se elle respondente tinha formado ou escripto algum plano particular dos mesmos estatutos, ou de parte da materia de que elles se havião compor.

Respondeo que não, pois só nas conferencias, e verbalmente dissera alguma cousa a respeito dos mesmos estatutos, sendo certo que, depois de feitos, e formados pelos socios elle respondente só os escrevera no livro que já disse.

Foi perguntado se depois que o illustrissimo e excellentissimo actual vice-rei deste Estado ordenára a extinção da mesma Sociedade continuára a haver em sua casa algum ajuntamento de pessoas.

Respondeo que depois de extincta a Sociedade pela ordem do illustrissimo e excellentissimo vice-rei nunca mais se ajuntarão em sua casa os socios a titulo da mesma Sociedade, mas que alguns amigos seus as vezes se ajuntavam em sua casa para passar o tempo em conversação agradável.

Foi mais perguntado quem erão esses amigos que ficarão continuando a ir á sua casa, e as materias sobre que discorrião.

Respondeo que erão João Marques Pinto, professor de grego, o medico Jacintho José da Silva e Mariano José Pereira, os quaes nem sempre concorrião juntos, que a materia da conversação não era certa, e só se dava preferencia á jovial.

Foi lhe perguntado se nas ditas conversações algumas vezes se discorria e tratava ou sobre objectos de religião, ou sobre o actual estado politico da Europa.

Respondeo que sobre estas materias nunca tratavão; o que fazião sem violencia por se acharem a isso habilitados por um dos artigos dos estatutos da Sociedade extincta, que expressamente lhes defendia o discorrer em semelhantes objectos.

E por ora lhe não fez elle desembargador chanceller mais perguntas e houve estas por feitas e acabadas, que sendo por mim escrivão lidas ao mesmo respondente disse estarem conformes as suas respostas ao que respondido tinha e que as approvava e ratificava de que damos nossas fés, e para constar mandou elle desembargador chanceller fazer este auto que assignou comigo escrivão, e a que tambem assistio, e o dito preso e eu João Manoel

Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia, o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

*Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas
a Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.*

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e noventa e cinco, aos vinte dias do mez de julho do dito anno, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, comigo escrivão nomeado para esta diligencia e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que foi condusido á presença do dito desembargador chanceller, e depois de o mandar pôr em sua liberdade o passou a perguntar na fôrma e maneira seguinte :

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se estava em

seu perfeito juizo, e sem causa, ou motivo algum que o pudesse constranger a deixar de dizer a verdade em tudo o que fosse perguntado.

Respondeo que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva, natural de Villa Rica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era advogado, e professor de rhetorica nesta cidade, de cujas occupações vivia, que era solteiro, que se achava em seu perfeito juizo, sem constrangimento, ou causa que o pudesse mover a deixar de dizer a verdade em tudo quanto fosse perguntado, e que não tinha ordens algumas.

Foi perguntado se depois que elle respondente está preso se lhe havião feito algumas perguntas, e se estava certo no que ellas continhão.

Respondeo que já neste mesmo lugar se lhe tinhão feito umas, e que estava muito bem lembrado do que ellas continhão, e respostas que a ellas tinha dado, e sendo mandado por elle desembargador chanceller que lhe fossem lidas, disse que erão as mesmas que lhe tinhão sido feitas, que as approvava e ratificava, e que só tinha que declarar o seguinte : Que a Sociedade litteraria de que nas perguntas antecedentes se tratára nunca fôra feita em casa d'elle respondente, porquanto no tempo do Illustrissimo e Excellentissimo Vice-Rei, Luiz de Vasconcellos e Souza, a mesma se ajuntava em umas casas privativamente alugadas para esse fim, e nellas se conservara até a auscencia do dito Illustrissimo e Excellentissimo Vice-Rei, e extinção da mesma Sociedade, e que quando no governo do actual Illustrissimo e Excellen-

tissimo Vice-Rei a mesma se renovara, elle respondente tomára o seu cargo, alugar uma casa para ella, e por commodidade sua tomára uma casa de dous andares na rua do Cano occupando elle respondente o andar de cima, e deixando para as sessões da mesma Sociedade o andar debaixo, que elle mesmo tinha cuidado de preparar para as conferencias, vindo por este modo a não ser propria d'elle respondente a casa em que se fazião as conferencias, tanto assim que extinguindo-se a mesma Sociedade por ordem do actual Vice-Rei do Estado, elle respondente logo alugára o andar das casas pertencentes á Sociedade, e que té ali tinha sido pago pelos Socios.

Foi perguntado se a approvação dos Estatutos, tanto do Vice-Rei, o Illustrissimo e Excellentissimo Luiz de Vasconcellos, como do actual, tinha sido verbal ou por escripto.

Respondeo que tinha sido dada verbalmente.

Foi mais perguntado se nas conversações que na casa d'elle respondente se continuarão depois de extincta a Sociedade, concorrião mais algumas pessoas além das que já nomeou nas perguntas antecedentes.

Respondeo que não, por que se nesse tempo outras pessoas o procuravão por causa de algum negocio que tivesse que tratar com elle, se retirava com ellas, e á parte os ouvia..

Foi instado que parecia não estar elle respondente bem lembrado do que a este respeito passara, e que como as ditas conversações tinhão sido feitas havia muito tempo podia estar esquecido de mais algumas pessoas que a

ellas concorressem, e que assim fizesse a devida reflexão para ver se se lembrava de mais algumas pessoas que a ellas assistissem.

Respondeo que fazendo toda a reflexão não se lembra de que ás ditas conversações assistissem mais pessoas do que as que elle respondente já declarou, mas que não duvida que nesse tempo pudesse entrar mais alguma pessôa, e que se demorasse por estar a sua porta aberta, e não se fazerem as ditas conversações com cautella.

Foi mais perguntado se elle respondente além das conversas indifferentes que tinha em sua casa, tinha tido algumas conversações, ou com os seus amigos que já nomeou, ou com outras pessoas em alguns lugares publicos, ou particulares, assim de noute, como de dia, sobre materias de politica, ou de religião.

Respondeo que elle nunca tivera pratica com pessoa alguma sobre os dous objectos de politica e de religião, tanto em sua casa, como fóra della.

Foi instado que elle fallasse a verdade no que havia dito, porquanto constava que em sua casa, e nas ditas conversações concorrião além das pessoas nomeadas com familiaridade outras pessoas, e que na mesma se discorria largamente não só sobre o actual estado da Europa, mas até sobre a mesma religião, e que a estas mesmas conversas assistira elle respondente em outros alguns lugares publicos.

Respondeo que tinha dito a verdade, e que se ha pessoas que digão o contrario, é inimigo seu, que o quer perder, por quanto, elle respondente tão longe estava

de tratar em lugares publicos sobre semelhantes materias, que algumas pessoas pelo demasiado silencio que guarda nesses lugares, o tem por homem de fraca comprehensão, e que a respeito de religião e politica, se elle respondente pecca em alguma cousa acerca da primeira, é em observar algumas praticas que não são da essencia da religião, e que muitos reputão por desnecessarias, e superfluas, e que acerca da segunda, os seus papeis mostrão qual seja o seu animo, pois que nelles se acharão, muitos elogios não só aos Vices-Reis deste Estado, mas aos nossos clementissimos soberanos, nos quaes respira o amor dos principes, da patria e da nação.

Foi perguntado se elle respondente entre os seus livros conservava alguns que contivessem principios, e lançassem as sementes de sua liberdade illimitada, ou atacassem autoridade e poder dos monarchas.

Respondeo que não, pois que até nem gazetas conservava, e se algumas vezes lia parte dellas era só na parte em que publicava alguns despachos e edições de alguns livros.

E por ora não lhe fez elle desembargador chanceller mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, que sendo por mim escrivão lidas ao mesmo respondente disse estarem conformes as suas respostas, e o que respondido tinha, e que as approvava e ratificava, de que damos nossas fés, e para constar mandou elle desembargador chanceller fazer este auto que assignou comigo escrivão, e o que tambem assistio, e o dito preso, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira.

escrivão nomeado para esta diligencia o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.
JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.
MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVRENGA.

*Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas
a Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.*

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e noventa e cinco, aos vinte sete dias do mez de julho do dito anno nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligencia, e o tabelião José dos Santos Rodrigues e Araujo para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga que foi conduzido á presença do dito desembargador, e depois de mandar pôr em sua liberdade o passou a perguntar na fórmula e maneira seguinte :

Foi lhe perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se es-

tava em seu perfeito juizo, e sem causa ou motivo que pudesse constrangel-o a deixar de fallar a verdade, em tudo quanto fosse perguntado.

Respondeu que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva, natural de Villa Rica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era advogado e professor de rhetorica nesta cidade, de cujas occupações vivia, que era solteiro, que não tinha ordens algumas, e se achava em seu perfeito juizo, sem ter causa ou motivo que o pudesse constranger a deixar de fallar verdade no que lhe fosse perguntado.

Foi mais perguntado se já lhe haviam feito algumas perguntas depois que elle respondente se achava preso, e se estava certo no que ellas continhão.

Respondeo que depois de estar preso já neste mesmo lugar se lhe tinhão feito primeiras e segundas perguntas e que estava muito bem certo no seu conteúdo, e nas respostas que a ellas tinha dado, as quaes logo mandou elle desembargador chanceller que lhe fossem lidas, e depois de as ouvir ler, disse elle respondente que erão as mesmas que se lhe haviam feito, e que as approvava e ratificava, e que a ellas nada tinha que accrescentar ou diminuir.

Foi perguntado se elle respondente conhecia Manoel Ferreira, mestre de meninos, Vicente Gomes, professor de medicina, João Manso, professor de grammatica latina, José Bernardo da Silveira Frade que vive de fazer alguns papeis de direito, Francisco Coelho Sollano e um João Pedro.

Respondeo que os conhecia.

Foi mais perguntado se com todos os referidos homens, ou com alguns delles tinha trato ou amisade.

Respondeo, que com João Manso tinha muito trato e amisade, e que tambem a tinha com o medico Vicente Gomes; que Manoel Ferreira algumas vezes fôra á sua casa, mas sempre em companhia de outra pessoa, de que presentemente se não lembra, que isto mesmo acontecia a respeito do Sollano, e que de João Pedro tinha um superficial conhecimento, que finalmente José Bernardo da Silveira Frade, havia procurado a elle respondente para lhe assignar alguns papeis, e que d'ali principiára elle respondente a ter com elle algum conhecimento.

Foi mais perguntado que conceito formava elle respondente de todos os sobreditos homens, e se os tinha por pessoas de verdade e de consciencia.

Respondeo que a respeito do character de João Pedro nada podia diser por não ter tido trato com elle, e que a todos os mais tinha por homens bons e verdadeiros, excepto a José Bernardo da Silveira Frade por não ser homem de bom conceito, e ser fautor de denúncias, patrocinador e fautor de intrigas e más demandas, e que com elle respondente acontecera que não querendo assignar-lhe alguns papeis por nelles maltratar alguns dos advogados desta cidade se declarára por seu inimigo, e o ameaçára, seis ou sete dias antes da prisão d'elle respondente, e que ainda no mesmo dia de sua prisão lhe escrevera uma carta bastante escura e enigmatica mas que bem demonstrava que o seu fim era ameaçal-o.

Foi mais perguntado se elle respondente conhecia o

máo character deste homem por que rasão havia tido trato com elle, e assignado os papeis que elle fazia.

Respondeo que a isto nada mais tinha que dizer do que o ser procedido da sua demasiada condescendencia e desejo de fazer bem.

Foi mais perguntado se alguns dos referidos homens havião concorrido com elle respondente nas conversações familiares que tinha em sua casa ou em outro algum lugar publico ou particular desta cidade.

Respondeo que exceptuando João Pedro todos os mais tinhão entrada em sua casa, e que como depois disto havia passado muito tempo, não tem elle respondente lembrança se algum delles assistio a algumas conversações familiares de que se tratou nas primeiras perguntas, e a que assistio João Marques, o medico Jacintho, e Mariano José Pereira.

E logo pelo dito desembargador e chanceller foi dito que elle respondente havia fallado com menos sizura do que devia, e faltado á verdade em muitos pontos das perguntas que se lhe havião feito; primeiramente em dizer que não havia traçado ou escripto algum plano ou projecto de Estatutos para o todo ou parte delles por onde se havia de reger a Sociedade litteraria de que tinha sido eleito membro, porquanto constava que elle respondente escrevera um projecto dos mesmos estatutos em todo ou em parte, no qual se via e mostrava que elle respondente se propunha com a fundação da mesma Sociedade a outros objectos e fins muito além da instrucção dos socios e utilidade do publico :

Segundo, em dizer que nos ajuntamentos familiares

de amigos, que continuarão depois de extincta a Sociedade, só concorrião os declarados por elle respondente nas primeiras perguntas, pois que igualmente constava que além dos que havia nomeado concorrião nelles outros differentes sujeitos :

Terceiro, em dizer que nas ditas conversações se não tratára nem de materia de religião, nem de politica, pois que havia toda a certeza que nas mesmas se fallava com mofa e irrisão da religião, e que se passava a tratar com desprezo o poder e autoridade dos principes, louvando os principios que estabelesem uma liberdade illimitada de facto adoptados pela revolução franceza, a que se davão grandes elogios :

Quarto, em negar a posse e uso de livros nos quaes se continhão os ditos abominaveis principios, pois que tambem havia toda a certeza que elle respondente não só tinha e usava de alguns dos referidos livros compostos unicamente para derramar a semente que abortou a sobredita revolução acontecida na França, mas que até os adoptára, escrevera, e publicára em alguns dos seus papeis :

Quinto em diser que elle, respondente, de gazetas não lia mais que a parte aonde se continha a noticia de despachos, e edição de alguns livros, pois que tambem era certo que elle respondente lia e conservava alguns *Mercurios* publicados na mesma França, e por consequencia cheios dos mesmos detestaveis principios, e factos horrorosos e detestaveis, o que exposto devia elle respondente declarar a verdade do que a este respeito se havia passado.

Respondeo quanto ao primeiro ponto que é certo que entre os papeis d'elle respondente se havião achar alguns projectos de Estatutos, mas que estes tinhão sido feitos, e escriptos pelos medicos Muzzi e Attaïde, e tambem por outro socio de quem agora se não lembra, mas que nenhum tinha sido escripto por elle respondente, e por isso não tinha faltado nesta parte á verdade, e que elle respondente nos mesmos projectos não descobria mais que vistas economicas, nem tinha descoberto que nelles houvesse outro fim mais que instrucção do publico, e utilidade dos socios.

Quanto ao segundo, que tambem tinha dito a verdade quando proferira que senão lembrava de que nas ditas conversações concorresse mais alguma pessoa do que as que por elle nomeadas, mas que não duvidava que nellas tivesse concorrido mais algum sujeito.

Quanto ao terceiro tambem dizia que tinha fallado verdade pois que nas ditas conversações nunca se tratara de materias de religião, nem de politica, e que suspeita, que o dissesse o contrario seja impostura traçada por José Bernardo da Silveira Frade, pelos motivos de inimizade que elle respondente já ponderou.

Quanto ao quarto que elle respondente nunca tivera nem possuira livro algum que tratasse determinadamente dos principios da revolução contra os governos monarchicos, e que igualmente se não lembra, nem lhe pôde vir ao pensamento que em alguns dos papeis compostos por elle respondente se achem os mesmos principios.

Quanto ao quinto, respondeo que entre os seus pa-

peis se poderá achar um *Mercurio* segundo sua lembrança, no qual se contêm varias poesias, e tambem, segundo a ideia delle respondente, o mesmo *Mercurio* não contêm senão o extracto de obras litterarias, o que não affirma com certeza pois que não lera o que o mesmo *Mercurio* ou papel se continha em prosa.

Foi instado que tudo quanto acima lhe havia elle desembargador e chanceller dito a respeito dos cinco pontos em arguir a elle respondente de ter faltado á verdade, lhe havia ser mostrado com toda a evidencia, e que por conseguinte não devia elle respondente persistir em sua inutil negativa, que só servia de mostrar um animo obstinado, e contumáz.

Respondeo que tinha dito verdade, e que tem por muito difficultoso poder-se mostrar o contrario.

E por ora lhe não fez elle desembargador e chanceller mais perguntas, e houve esta por feita e acabada, as quaes mandou que fossem lidas a elle respondente, e depois que por mim escrivão lhe forão lidas disse que estavam em tudo conformes suas respostas, com que se lhe havia perguntado, e as approvava e ratificava do que damos nossas fés, e sendo-lhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos para que debaixo delle declarasse se o que havia dito respectivo a terceiro era verdade, declarou debaixo do mesmo juramento que recebido tinha que tudo quanto havia dito respectivo a terceiras pessoas era verdade, e de tudo mandou elle desembargador e chanceller fazer este auto que assignou comigo escrivão com o que tambem assistio, e o dito preso, e eu João

Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia, o escrevi e assignei :

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

*Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas a
Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.*

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos noventa e cinco, aos trinta e um dias do mez de julho do dito anno, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligencia, e o tabellião José dos Santos Rodrigues Araujo para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que foi conduzido á presença do dito desembargador, e depois de o mandar pôr em sua liberdade, o passou a perguntar na forma e maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, e se estava

em seu perfeito juizo, sem causa ou motivo que o pudesse obrigar a deixar de fallar verdade no que fosse perguntado.

Respondeo que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva, natural de Villarica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era advogado e professor de rhetorica nesta cidade, de cujas occupações vivia, que era solteiro, e não tinha ordens algumas, e que se achava com perfeito juizo, sem causa que o pudesse obrigar a deixar de dizer verdade no que fosse perguntado.

Foi perguntado se depois que elle respondente se acha preso lhe tinhão sido feitas algumas perguntas, se estava certo no seu conteúdo, e nas respostas que a ellas havia dado.

Respondeo que já depois que elle respondente se acha preso se lhe tinhão feito primeiras, segundas e terceiras perguntas, que estava muito bem lembrado do seu conteúdo, e respostas que a ellas havia dado, e logo pelo desembargador chanceller foi mandado que umas e outras lhe fossem lidas, e depois de serem por elle respondente ouvidas, disse que erao as mesmas que se lhe havião feito e respostas que a ellas tinha dado, que as approvava e ratificava, e que a ellas nada mais tinha que acrescentar, nem diminuir, de que damos nossas fés.

Foi mais perguntado se elle respondente persistia nas negativas que nas perguntas antecedentes havia feito, ou se tendo feito toda a madura e seria reflexão sobre esta materia vinha em signal de arrependimento, e para

descargo de sua consciencia' resolutó a confessar a verdade.

Respondeo que elle havia dito a verdade sobre o que se lhe havia perguntado, e que só presentemente não duvidava que pudesse ter feito alguns apontamentos pela sua letra para os mesmos Estatutos, e só com o fim de ajudar a sua memoria, e não para os dar publicamente, e que estes apontamentos não podião conter outras materias, que não fossem convenientes á economia da sociedade.

E logo pelo desembargador chanceller mandou que eu escrivão lhe apresentasse o papel que contém esses apontamentos para os estatutos da Sociedade, o qual elle respondente não podia duvidar ter sido escripto pela sua letra, pois se achava reconhecido por um tabellião publico, para que elle respondente igualmente o reconhecesse, cujo papel mandou o mesmo desembargador chanceller a mim escrivão que o ajuntasse a estas perguntas. E depois de apresentado por mim escrivão ao respondente o dito papel e de ser por elle visto, disse que o dito papel era verdadeiro, e tinha sido escripto por sua própria letra para o fim que já elle respondente havia declarado.

Foi instado que essa confissão e reconhecimento que actualmente tinha feito era uma prova evidente da pouca lizura e verdade com que até agora havia respondido ao que se lhe havia perguntado, e que da mesma sorte que pelo o dito papel, e seu reconhecimento se achava convencido da negativa, que sobre este ponto tinha feito se convencia que elle respondente ao tempo em que escre-

veo os mesmos apontamentos já resolvia em seu animo traçar e fomentar fins illicitos a respeito do publico, pois que ainda que a Sociedade que se pretendia formar tivesse só por objecto materias de pura recreação, nenhuma razão havia para se recommendar o segredo dellas, de modo que ninguem soubesse o que se tratava na dita Sociedade, como elle respondente fazia no primeiro dos referidos apontamentos, o que procedia com maior razão sendo o fim da dita Sociedade além da instrucção dos socios o proveito do publico, pois que com o dito impenetravel segredo por elle recommendado nenhum proveito tirava o publico de semelhante corporação, ao mesmo passo que este, e não outro podia ser o motivo por que tinha sido approvada, que além disto elle respondente no segundo dos ditos apontamentos bem dava a conhecer qual era o seu animo e o quanto estimava o governo democratico, pois que nelle o inculcava para o governo da referida Sociedade, o que tudo junto com outros iguaes pensamentos derramados em alguns de seus papeis, como se lhe havia mostrar, deixavão bem entrever que elle respondente se propunha debaixo do pretexto de uua corporação litteraria tratar e envolver materias de pessimas consequencias, querendo de ante-mão escudar-se com o segredo que pertendia impôr aos socios sobre o que nas mesmas conferencias se tratasse pelo que devia elle respondente dizer a pura verdade, sobre tudo quanto se lhe havia perguntado.

Respondeo que elle havia dito a verdade, nem esperara pela convicção para a dizer a respeito dos apontamentos que elle respondente havia feito para o governo da So-

cidade como constava d'essas perguntas, e que se antes o não havia feito era por não lembrar-se pelo muito tempo que havia decorrido depois de os ter feito. Que pelo que respeita á recommendação do segredo que se vê no primeiro dos ditos apontamentos, este não tinha por fim mais que o não derramar-se no publico as disputas que os socios tivessem entre si nas conferencias, e que por isso mesmo tambem recommendava junto com o segredo a boa fé, o qual era tão necessario neste ponto que a experiencia lhe fez vêr que por elle se não guardar, deixarão dous dos melhores socios a Sociedade, e que pelo que respeita á imputação que se lhe faz de amar o governo democratico, além de não haver no dito apontamento mais de odioso que o dito termo democratico, que no tempo que escrevera os mesmos apontamentos não causava o horror, que hoje deve causar, considerou elle respondente que não havendo entre os socios uma pessoa superior ás outras, ou por nascimento ou por empregos que pudesse conter os socios nos seus decentes deveres, por serem todos iguaes, não havia melhor modo para o seu regimen que o por elle lembrado no dito segundo apontamento.

Foi instado que elle com a sua resposta não satisfazia a instancia que se lhe havia feito, porquanto antes de se lhe mostrar o papel dos apontamentos não confessara elle respondente positivamente havel-os escripto, mas só fallara de possivel, meio que escolhe para escudo todo aquelle que recusa o seu convencimento, e que até isto o não fizera senão nestas quartas perguntas, e depois de se lhe haver dito no fim das terceiras que por um modo

evidente se havião convencer as suas negativas que igualmente não satisfazia a instancia que se lhe havia feito sobre o segredo que recommendava no primeiro dos ditos apontamentos, porque se a sua mente quando o formou fôra restringir-se só ás disputas, que podião originar-se na Sociedade, não fallara geralmente, e sem restrição alguma, da fórmula que falla no dito apontamento; além disto que as disputas que sobrevierão, de que se originou a ausencia dos dous socios, fôra posterior ao dito apontamento, e que de nenhuma fórmula lhe poderia servir de objecto para elle. Que a quartada que dá a respeito de amar o governo democratico tambem parece não é sufficiente, pois que se um só dos socios tendo o governo da mesma Sociedade não era bastante, no seu conceito, para conter os socios nos devidos termos, muito menos bastaria para isso o governo por elle respondente proposto, pois que nelle todos os socios erão iguaes, nem podião, nem devião reconhecer superioridade alguma.

Que da mesma sorte o dizer que o governo democratico não podia causar no tempo em que usou d'aquelle termo o mesmo horror que actualmente causa, não satisfaz, porquanto o papel dos ditos apontamentos não tem data, nem era, e podia ser modernamente feito quando se tratou do restabelecimento da mesma Sociedade, o que até parece mostrar-se pelo facto que elle respondente expõe da ausencia dos socios, e que com esta experiencia quizesse elle prevenir o abuso do segredo do que nas mesmas conferencias se passára.

Respondeo que é verdade que elle respondente não respondera positivamente haver escripto os apontamen-

tos para os Estatutos, mas só de possível pela razão que já deo dé haver decorrido muito tempo depois de os haver formado, e não ter positiva lembrança de os haver feito, e que só respondêra de possível por ter costume de apontar as materias, e o que sobre ellas ha de dizer, quando se houverem de tratar. Que igualmente se explicára no dito papel sem restricção alguma, pois o formára só para adjutorio da memoria reservando-se para o tempo de expôr verbalmente as modificações de que devia orar a respeito d'elle; que tambem era certo que a ausencia dos dous socios, de que acima fallara, não lhe podia servir de objecto para formar o dito apontamento, mas que igualmente era certo que qualquer sujeito que tem conhecimento do coração e costumes dos homens podia prever que destes ajuntamentos se podião originar muitas disputas, que sendo publicas vem a causar entre os mesmos homens odios e inimizades. Que é certo que a instancia que se lhe faz a respeito da escolha do governo democratico tem muita força, e que só pôde responder a ella que quando formou o dito apontamento lhe pareceo melhor o que nelle escreveo, mas que depois cedêra á força da mesma instancia ponderada pelos outros socios, que concorrerão a formar os estatutos. Que da mesma fórma era verdade que o papel que se lhes mostrou a elle respondente, e reconheceo nestas perguntas, de que damos nossas fês, não tem data, mas que este mesmo por si, e pela letra está mostrando a sua antiguidade, e ser anterior aos Estatutos que se hão de achar na livraria d'elle respondente, e que além disto os mesmos estatutos mostrão que os ditos apontamentos não

forão modernamente feitos, porque tendo o verso de cada folha em branco para nelle se escreverem addições, no caso de se julgarem precisas nelles, se não achão escriptas algumas, o que prova evidentemente que os apontamentos forão anteriores aos ditos Estatutos.

E por ora lhe não fez elle desembargador chanceller mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quaes sendo lidas ao respondente disse que estavam conformes suas respostas, com o que se lhe havia perguntado, e que as prova e ratifica de que damos nossas fés, e para constar mandou elle desembargador chanceller fazer este auto que assignou comigo escrivão, e o que tambem assistio, e o dito preso, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia que o escrevi, e declaron mais elle respondente que tinha que acrescentar pois que uma prova evidente de que os Estatutos de que a renovada Sociedade actualmente se servia erão os mesmos de que se servia a Sociedade extincta é acharem-se assignados por Ildefonso, Muze e Athaide, pessoas mortas antes da renovação da mesma Sociedade, e eu dito João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia, o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA,
MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA,
JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES DE ARAUJO.

II

TERMO

DE

AJUNTADÁ DE SETE APONTAMENTOS

PARA ESTATUTOS DE UMA SOCIEDADE LITTERARIA

Aos 31 dias do mez de julho de 1795 annos, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação e o tabellião José dos Santos Rodrigues Araujo, para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, ahi pelo dito desembargador chanceller no acto das mesmas per-

guntas me foi apresentado um papel em que se conti-
nhão sete apontamentos para estatutos de uma Sociedade
litteraria, escriptos em meia folha, rubricada pelo sobre
dito tabellião, e por elle reconhecida a letra, e attestado
ser proprio do mesmo Manoel Ignacio da Silva Alvarenga
para que eu escrivão nomeado para esta diligencia, o ajun-
tasse a estas perguntas, e onde o mesmo papel e aponta-
mentos tinham servido de objectos, o qual em logo ajun-
tei, e li o mesmo que adiante se segue, de que mandon
o dito desembargador fazer este termo que comigo assi-
gnou, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira o
escrevi e assignei :

SILVA.

JOAO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

1º

A boa fé e o segredo, de modo que ninguem saiba do
que se tratou na Sociedade.

2º

Não deve haver superioridade alguma nesta Sociedade,
e será dirigida igualmente por modo democratico.

3º

O objecto principal, sera a philosophia em toda a sua
extensão, no que se comprehende tudo quanto póde ser
interessante.

4º

Não se trabalhará sómente sobre materias novas, mas tambem sobre as já sabidas, porque será util conservar e renovar as ideias adquiridas, e communicar-as aos que tiverem falta desses conhecimentos.

5º

Aquelle que escrever alguma memoria a apresentará á Sociedade, sem que antes nem depois a communique á pessoa alguma, excepto quando a mesma Sociedade julgue que se deve pôr em pratica, por utilidade publica.

6º

Para ser admittido qualquer novo socio, deve preceder boa informação da sua probidade, segredo e applicação, desorte que se possa esperar utilidade da sua companhia, e será recebido por pluralidade de votos.

7º

Deve haver um secretario annual, este guardará a chave do cofre, onde ficarão as memorias, e tudo o mais que pertencer a Sociedade.

Reconheço a letra supra ser do doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, pela combinação com outras do mesmo, e achar conforme e semelhante.

Rio, vinte quatro de dezembro de mil setecentos e noventa e quatro. Em testemunho de verdade.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

Attesto que este papel foi achado entre os mais papeis que examinou o desembargador Antonio Rodrigues pertencentes ao doutor Manoel Ignacio da Silva Alvarenga no sequestro que a elle se fez, o que affirmo debaixo do juramento do meu officio.

Rio, 24 de dezembro de 1794.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

III

AUTO

DE

CONTINUAÇÃO E RATIFICAÇÃO DE PERGUNTAS

FEITAS

A MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1795, aos 4 dias do mez de agosto do dito anno, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição, onde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligencia e o tabellião José dos Santos Rodrigues Araujo, para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que foi conduzido á presença do dito

desembargador chanceller, e depois de mandar pôr em sua liberdade o passou a perguntar na forma e maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se estava em seu perfeito juizo, e sem causa ou motivo de oppressão que obrigasse a deixar de fallar verdade no que fosse perguntado.

Respondeo que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva, natural de Villa Rica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era advogado, e professor de rhetorica nesta cidade, de cujas occupações vivia, que era solteiro, e se achava em perfeito juizo, sem causa que podesse obrigar-o a deixar de fallar verdade no que fosse perguntado.

Foi perguntado se depois que elle respondente está preso se lhe fizerão já algumas perguntas, se estava certo do seu conteudo e respostas, que a ellas havia dado, se as ratificava, e approvava, e se tinha que acrescentar ou diminuir.

Respondeo que depois de estar preso já neste mesmo lugar se lhe havião feito primeiras, segundas, terceiras e quartas perguntas que estava certo no seu conteúdo, e sendo-lhe lidas neste acto de que damos nossas fés, disse que erão as mesmas que se lhe havião feitas, e que as approvava e ratificava, e que só tinha que acrescentar que pelas as perguntas que elle desembargador lhe havia feito, principalmente quando nellas'lhue havia dito que elle respondente quando fizera os apontamentos de que

nas antecedentes perguntas se tem fallado já resolvía em seu pensamento objectos de pessimas consequencias, parecia ter a elle respondente por author da instituição da mesma Sociedade, o que assim não acontecera porque se a algum se podia dar o titulo de motor da mesma Sociedade era ao defunto Ildefonso José, o que supposto, mal podia elle respondente resolver em seu pensamento quando fez os ditos apontamentos fins perniciosos ao publico, o que só poderia verificar-se sendo elle o motor, e instituidor da união dos socios.

Foi instado que sem embargo de não ter sido elle respondente motor e instituidor da referida Sociedade ben pôdia elle como particular traçar no seu pensamento fins sinistros, e que offerecendo-lhe á sorte occasião oportuna se aproveitasse della para derramar entre os outros homens, ou pretender derramar os mesmos fins, e que por conseguinte de nada lhe pôdia aproveitar a declaração que elle respondente havia feito.

Respondeo que a instancia que se lhe havia feito era de mera possibilidade, e que além disso os outros socios não erão pessoas capazes, de serem convencidas e levadas por elle respondente para máos fins, o que se pôdia provar de ser elle respondente combatido pelos mesmos apontamentos, mas de outras materias.

Foi perguntado se os estatutos que a Sociedade tinha, e de que usava erão os escriptos por elle respondente, e de que já tinha fallado em algumas destas perguntas, ou se além destes havia outros, ou algum outro a exemplar d'elles.

Respondeo que os estatutos por que a Sociedade se re-

gera forão sempre uns e os mesmos que elle respondente escrevera, e se achão encadernados com capa azul de panno ou ruão, mas que alguns socios tirarão delles algumas copias.

Foi instado que as quartadas que derão a respeito de não responder affirmativamente nos antecèdentes interrogatorios á pergunta que se lhe havia feito como era; se tinha escripto alguns projectos para os Estatutos; e o não fazel-o positivamente, senão depois de convencido pela apresentação dos apontamentos, visto que antes della só o tinha feito duvidosamente, e de possivel, se convence pela mesma causal, que assignou para ella de ter passado longo tempo, e de não estar bem lembrado, porquanto se esta rasão fosse causa para o não affirmar positivamente, tambem era bastante para positivamente não negar como o fez nas primeiras e terceiras perguntas, muito mais devendo elle respondente estar certo no costume que tinha de apontar as materias e o que sobre ellas hade diser quando depois se hajão de tratar como elle respondente confessou, pois que este mesmo costume bastaria o não ter uma viva lembrança do que havia passado para o deixar duvidoso, e não responder com uma negativa absoluta, como o fez nas primeiras e terceiras perguntas, antes responderia da mesma forma que fez nas quartas, quando vio proximo o instante de ser convencido de que tudo se colhe a pouca verdade com que tem procedido em suas respostas, mais que quando ser arguido por alguns pensamentos e principios exarados nos referidos apontamentos, como de facto o foi nas quartas perguntas, e lembrado delles escolheo um meio

para evadir o dito argumento de uma positiva negação, supondo talvez, que neste ponto não poderia ser convencido até, que vendo pelas perguntas antecedentes que ia a ser convencido, se resolveo a confessar a possibilidade de os haver escriptos, e que só confessou positivamente depois da apresentação dos referidos apontamentos; que além disso a palavra boa fé recommendada nos ditos estatutos em nada lhe era proficua, pois que ella era relativa á boa fé que os socios havião ter entre si, e ao segredo tão recommendado, que a reserva mental a respeito da generalidade do primeiro apontamento tambem era uma fraca escusa, pois que elle como professor de direito deve saber que ellas de nada valem, e que finalmente a consideração de se acharem assignados nos estatutos os dous socios fallecidos anteriormente á renovação da Sociedade, sendo verdadeira como de facto não é segundo se via dos mesmos Estatutos que eu escrivão lhe apresentei neste acto por mandado do dito desembargador chanceller, que igualmente me ordenou os apontasse a estas perguntas, e na hypothese da referida Sociedade se reger por elles, o que de nenhuma sorte consta, esta consideração só provaria que a Sociedade não adoptou semelhante pessamentó, mas não que elle respondente o não proposera ainda que fosse regeitado no tempo da renovação, que elle respondente não é arguido de usar do termo democratico, ou fosse ou não fosse horroroso no tempo em que della se servio, mas sim de amar este governo, e por isso propor para o regimen da Sociedade, e que por todos estes principios devia deixar a pertinacia com que até agora tinha occultado a verda-

de, e expôr esta puramente para descargo de sua consciencia.

Respondeo que elle não respondera negativamente nas primeiras e terceiras perguntas á que se lhe fez como era — se tinha escripto algum projecto de Estatutos — por entender que se lhe perguntara se tinha feito um plano inteiro de Estatutos, e que além disso a perturbação em que se acha um preso interrogado em acto de perguntas junto com o longo tempo que tem decorrido, e a pouca importancia do papel, tudo lhe fez transtornar suas ideias para não responder logo positivamente o ter escripto os ditos apontamentos como fez quando lhe forão mostrados, que o papel dos ditos apontamentos por si mesmo está mostrando ser anterior a fundação da Academia, e mal podia ser feito por elle respondente quando se tratou da sua renovação pois que então de nenhuma fórma se cogitou de reformar outros de novo; que os Estatutos que neste acto lhe erão apresentados por mim escrivão de ordem d'elle desembargador chanceller, de que damos nossas fés, em nada convencem a verdade do que respondeo, pois os de que elle fallou se achão encader-nados com capa de ruão azul, escriptos pela letra d'elle respondente, e assignados no fim pelos socios o que se não acha nos presentes pois nem são assignados pelos socios, nem se achão escriptos por elle respondente; a excepção de alguns lugares que nelles aparecem emendados, mas sim por letra de Estacio Gularte, e que finalmente, á instancia que se lhe fazia novamente sobre amar o governo democratico já tinha satisfeito nas perguntas antecedentes, o que nada mais tinha que accrescentar.

E por ora lhe não fez elle desembargador chanceller mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quaes sendo-lhe lidas por mim escrivão disse que estavam conformes e o que respondido tinha, e que por isso as approvava, e ratificava, de que damos nossas fés, e para constar mandou elle dito desembargador chanceller fazer este auto que assignou comigo escrivão, com o que tambem assistio, e o dito preso, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira escrivão nomeado para esta diligencia o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

IV

TERMO

DE

AJUNTADA DOS ESTATUTOS

Aos quatro dias do mez de agosto de mil sete centos noventa e cinco annos nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva chanceller da relação da dita cidade, comigo João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira desembargador da mesma relação e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga ali pelo dito desembargador chanceller me foi apresentado um caderno coberto com

capa de papel pintado em azul com o titulo seguinte: Estatutos da Sociedade litteraria do Rio de Janeiro, estabelecida no anno do governo do illustrissimo e excellentissimo senhor Luiz de Vasconcellos e Sousa, vice-rei do Estado, mil sete centos e oitenta e seis, cujo caderno, e Estatutos se achão escriptos em dezenove meias folhas, com o verso de cada uma em branco, para que eu escrivão nomeado para esta diligencia os apensassem a estas perguntas aonde elles servião de objecto, os quaes eu logo apensei na forma que me foi ordenado, e são os proprios que ao diante se seguem por apenso de que para constar mandou fazer este termo que assignou comigo escrivão, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia, o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

N. B. Segue-se o termo de ajuntada dos Estatutos da Sociedade litteraria do Rio de Janeiro estabelecida no anno do governo do illustrissimo senhor Luiz de Vasconcellos e Souza, vice-rei do Estado, 1786, que se supprime em virtude de não apparecerem os Estatutos.

Estes Estatutos estavam escriptos em um caderno coberto com capa de papel pintado, e constava de 19 folhas e meia, sendo o verso em branco.

V

AUTO DE PERGUNTAS

FEITAS AO PRESO'

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e cinco aos doze dias do mez de agosto do dito anno nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação, e escrivão nomeado para esta diligencia, e achando-se tambem o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo para effeito de fazer perguntas ao

preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o qual mandou vir á sua presença, e depois de posto em liberdade o passou a perguntar na forma e maneira seguinte.

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, se estava em perfeito juizo, e sem constrangimento ou causa que o pudesse embaraçar o que deixasse de dizer verdade no que fosse perguntado.

Respondeo que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva, natural de Villa Rica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era solteiro, advogado e professor de rhetorica nesta cidade, de cujas occupações vivia, que não tinha ordens algumas, e se achava em perfeito juizo, sem motivo que o pudesse deixar de dizer verdade no que fosse perguntado.

Foi perguntado se já depois de estar preso se lhe haviam feito algumas perguntas.

Respondeo que já se lhe haviam feito depois de estar preso primeiras, segundas, terceiras, quartas e quintas perguntas.

Foi perguntado se estava certo no seu conteudo, e se as approvava e ratificava, ou tinha que acrescentar ou diminuir.

Respondeo que estava certo no seu conteudo e respostas que havia dado, e sendo-lhe lidos por mim escrivão neste acto disse que erão as mesmas que se lhe haviam feito, e que as approvava e ratificava, de que damos fé, e que nada mais tinha que acrescentar ou diminuir.

Foi mais perguntado se elle respondente estava lembrado ou tinha certeza de que João Pedro, e José Bernardo da Silveira Frade tivessem assistido a algumas das conversações familiares que elle respondente havia confessado haver em sua casa, pois que desde as primeiras perguntas que se lhe tinham feito até as presentes tinha tido bastante tempo para reflectir sobre o que actualmente era perguntado.

Respondeo que quanto a João Pedro estava certo que nunca assistira ás ditas conversações, e que quanto a José Bernardo algumas veses tinha assistido por ter entrada familiar na casa d'elle respondente.

ACAREAMENTO.

E logo mandou elle desembargador chanceller neste mesmo acto vir á sua presença a testemunha do numero primeiro da devassa José Bernardo da Silveira Frade para effeito de ser acareada com o respondente na parte em que um e outro encontravão, e depois de perguntar ao acareado se conhecia o acariante e se era o mesmo José Bernardo da Silveira Frade de quem havia fallado, e de ter o mesmo respondido que sim, era o mesmo, lhe mandou elle desembargador chanceller lêr por mim escrivão o depoimento do mesmo careante na parte em que lhe disia respeito, e depois de defirir ao mesmo careante o juramento dos santos Evangelhos para que debaixo do mesmo declarasse se era aquelle o seu depoimento, e depois de recebido por elle assim o prometteo

fazer, e disse que o depoimento que se lhe lia era o proprio que tinha prestado na devassa, e que de novo o sustentava e ratificava, e só declarou que em quanto havia jurado que João Marques tinha proferido que os reis fasião o que querião, e que logo que fasião uma injustiça merecião ser enforcados, tem elle careante entrado na duvida se o dito João Marques disse reis, ou vice-reis, supposto que pelo seu costume de fallar com liberdade, e contra os governos monarchicos, não duvida que antes fallasse dos reis, e lido o dito juramento disse elle desembargador chanceller ao acareado Manoel Ignacio que pelo dito juramento se provava o contrario do que havia dito em suas respostas, em cujas circumstancias ou devia retractar-se ou conservar e mostrar que o juramento do careante era falso, ou produzirem um e outro suas rasões, por onde sustentassem o que havião dito, e logo pelo careado foi dito que o juramento do careante em parte era verdadeiro, e em parte falso, que era verdadeiro em dizer que depois da Academia extincta se continuarão conversações particulares em casa d'elle careado, mas que estas conversações nunca forão a titulo de Academia, mas sim umas conversações familiares como elle acareado tem dito, e nisto ficarão firmes e concordés tanto o acareante como o acareado, foi mais dito pelo acareado que tambem era verdadeiro o mesmo depoimento, em quanto jurára que os que frequentavão mais a casa do acareado e ditas conversações erão o medico Jacintho, o professor de grego João Marques, e Marianno José Pereira, e que n'ellas tambem se achavão algumas veses, ainda que raras, o professor de medi-

cina Vicente Gomes, o mestre de meninos Manoel Ferreira, e o Sollano no que tambem ficou concorde o careante. Foi mais dito pelo careado que tambem era verdade o ter-se lido em uma das ditas conversações um papel impresso na lingòa francesa, mas que este era o correio de Londres, papel que não é prohibido, e que fõra fortuna o dizer o careante que era em folha de papel em francez pelo que se mostra que era o mesmo correio de Londres, e não ter noticia de outro papel escripto em inglez, que tem por titulo correio da Europa, e é clandestino e prohibido; de cujo papel se lerão alguns discursos, tanto da parte da Inglaterra, como da parte dos Franceses, e que elle careado falla do papel intitulado correio de Londres do qual se lerão os ditos discursos, e nesta parte discordarão o careante do careado disendo o careado que se lerão discursos, mas que não estava certo da materia sobre que os mesmos rolavão, e affirmando o careante que os discursos feitos em favor dos Franceses tratavão de louvar a revolução, e tratavão os outros povos como faltos de rasão, e como vegetaes, disendo-se mais em um delles que os reis argamassavão o throno com o sangue dos seus vassallos, apontando para isto muitos exemplos de imperadores, e reis que tinham sido o flagello dos seus povos, acrescentando mais que nos papeis que se lerão e erão feitos em Inglaterra se não combatia a revolução e só tratavão sobre a questão de se dever preferir a páz, ou a continuação da guerra, no que ficarão um e outro firmes, cada qual no que havia dito.

Foi mais dito pelo careado que tambem era verdadeiro

o juramento do careante na parte em que dizia que Sua Alteza mandara reprehender o arcebispo de Braga, pois que á chegada de uns navios de Lisboa nas mesmas conversações se dera esta novidade sem que nellas se fizesse alguma nota, e nesta parte discordou o careante do careado, emquanto á nota sustentando o careante que João Marques, professor de grego, fiserá a reflexão que o governo estava entregue a frades, na fórmula que tinha dito em seu juramento com a declaração que agora fáz por melhor lembrado de que a primeira vez que ouvira contar a referida reflexão ao dito João Marques não fôra na casa do careado, mas sim na rua Direita em occasião que elle careante passeava com o mesmo João Marques, e que ao depois se tornára a promover a mesma conversa e reflexão na casa do careado, e desta fórmula ficarão firmes um e outro no que têm dito. Foi mais dito pelo careado que tambem era verdade houvesse dito em uma das mesmas conversações a respeito da agoa do rio Jordão que a gazeta trazia por novidade que o papa tinha mandado ao principe nosso senhor para o baptismo do principe ou princeza uma redoma de agoa do mesmo rio, mas que sobre esta novidade se não fizera nas conversações a minima nota e nesta parte discordou o careante do careado disendo que a dita novidade se contara com as outras que declarou com o seu juramento para a prova do fanatismo do principe nosso senhor ainda que não está certo se os circunstantes e assistentes á dita conversação fiserão alguma reflexão sobre o referido facto á excepção do professor João Marques que disse que o reino estava entregue á frades, e o principe nosso se-

nhor cheio de fanatismo, e por esta fórma ficára cada um firmes no que haviam dito a respeito deste ponto. Foi mais dito pelo careado que tambem era certo o ter-se fallado na dita conversação sobre a novidade de haver Sua Alteza mandado degradados para a India uns rapazes por causa de uns frades como diz o careante, mas que é falso o que este acrescenta de se haver fallado mal do principe nosso senhor por esta causa, e nesta declaração não conveio o careante disendo que João Marques tirára destes factos, por consequencia ser o principe nosso senhor um fanatico acrescentando que os frades é que devião ser degradados. Por esta forma ficarão ambos firmes cada um no que havia respondido. Foi mais dito pelo careado que excepto o em que tem concordado tudo o mais que o careante diz em seu juramento é uma pura falsidade, e por que fazia a bem de sua defesa, perguntou ao careante se os artigos dos direitos ou leis estabelecidos na França que diz se lerão em uma das conversações estavam escriptos em algum livro ou folha volante, e quem era o Francez que se havia ausentado, e por cuja ausencia ficara Sua Alteza entregue á direcção de um frade, ao que respondeo o careante que entre os massos de papeis ou correios de Londres, segundo o que diz o careado, e que trazia o bacharel Marianno é que viuhão incertos os referidos artigos dos direitos e leis da França, que occupavam pequena extensão, e que quanto ao Francez lhe tinha dito João Marques, que era um que tinha sido mestre do principe nosso senhor, cujo nome lhe repetira, mas ao presente lhe não lembra, e logo pelo careado lhe foi

dito que tendo o careante tão grande memoria para se lembrar de factos alheios, e de que havia passado muito tempo, para os referir com tanta miudesa era signal de falsidade o dizer que o mestre do principe nosso senhor tinha sido um Francez, e assim como nesta parte elle careante compõe de sua imaginação trocando um Italiano por um Francez, pois que o mestre do principe era Miguel Fransini, assim se deve julgar que em tudo o mais que refere em seu juramento ha compostura, imaginação, e menos verdade; ao que replicou o careante que quanto a dizer elle careado que os factos erão de muito tempo, certamente o não erão porque elle careante nunca costumou ler as conversações feitas de noute em casa delle careado senão depois que o mesmo se mudara para a rua do Cano, e que a assistencia nesta casa não era de longo tempo, mas antes de poucos mezes, e quanto ao mestre do principe nosso senhor bem pode ser que elle careante se equivocasse, ou esquecesse da nação do mesmo mestre, e que talvez por lhe fallar João Marques em nome de Franzini, elle careante o tomasse por Francez, no que não insiste, e só sim que lhe fallara no mestre do principe na fórmula que disse em seu juramento concordando o careado em que o careante só assistira ás conversações depois que se tinha mudado para as casas da rua do Cano em que tinham decorrido seis mezes pouco mais ou menos até o tempo da sua prisão, ficou firme em que tudo o mais que havia dito nesta acareação era verdade, assim como tambem o careante o ficou em que era verdade quanto havia dito em seu juramento, e declarado nesta acareação, e em tudo o

mais que nella havia dito, e tornou a instar o careado perguntando-lhe se persistia em negar os factos da conversação respectiva aos casos de Moizés e do bezerro de ouro referidos no juramento, e se erão falsos ou verdadeiros, ao que lhe respondeo o careado que erão como já tinha declarado falsos, e no que persistia, e continuou mais a perguntar-lhe se era verdadeiro o facto promovido em conversação em sua casa, aonde disse elle careado que queria ir fazer uma republica de animaes no Rio de Taguahi, e outrosim se era verdade que os outros socios se offerecerão ou não para irem viver no dito rio, ao que respondeo o careado que era falso o dizer o careante que elle careado queria ir fazer uma republica de bichos no Rio Taguahi, e que só era verdade ter dito que tinha descjos de tirar uma sesmaria para os desertos do Rio Taguahi, porque era melhor viver entre os bichos do que entre os homens máos, e que isto o disia elle uma e muitas veses nas oras de melancolia, e que nenhum dos outros socios se lhe offerecera para lhe fazer companhia.

E lhe perguntou mais o careante se era verdade tambem o terem se promovido em consequencia da republica dos bichos argumentos, se se deverião ou não matar os mesmos, ou consentir-se comerem elles as suas plantas, a que lhe respondeo o careado que nunca em consequencia de republica, mas só em consequencia de viver em deserto é que se tratarão dos ditos argumentos: perguntou mais o careante ao careado se tambem negava que em consequencia dos louvores que davão ás republicas, e vexames, e injustiças que os monarchas fazião aos

seus vassallos trouxera o bacharel Marianno o exemplo acontecido em Inglaterra de que andando um official em requerimentos com o rei, e não o despachando este por longo tempo o dito official o fôra esperar a um passeio, e atirando com os requerimentos á cara do mesmo rei, tirara depois por uma pistola e se matara, a que o acareado respondeo que era verdade o houvesse contado o sobredito factó, mas que fôra em consequencia de rolar a conversação sobre suicidio, e o sobre ser elle mais frequente em Inglaterra, do que em outra alguma nação, e que a este respeito é que se contava o sobredito factó, e não pelos motivos que declara elle careante, ao qual elle careado declara por seu inimigo em rasão de não querer assignar os papeis que o careante fasia, em segundo lugar pelo ter o mesmo careante ameaçado, em terceiro lugar, porque em consequencia da mesma inimidade é que forjou esta accusação da mesma fórma que teve premeditada outra contra o mestre de Campo Bahia por passar na sua fazenda com o barrete na cabeça, tendo o oratorio aberto, e que depois receando-se da denuncia lhe escrevera uma carta de duas ou tres folhas de papel, e que o mesmo careante era falto de temor de Deos por se não confessar dous e tres annos de que havia documentos publicos em autos, a cujas criminações respondeo o careante que o careado não havia dar provas do que disia menos da dezobriga, porquanto póde mostrar que elle careante senão dera a rol ao cura da Sé, mas fôra por este não fazer a sua obrigação canonica, indo elle mesmo ou algum seu coadjutor pelas casas a tomar os fregueses a rolantes, chegando a mandar rapazes e de

má conducta e sem ordens algumas a tomar a rol os ditos fregueses como era publico, e que o careante estimulado disso, como disse muitas vezes senão quisera dar a rol aos ditos rapazes, mas o acareado não mostrará por modo algum que elle careante e sua familia se não confessassem, pois se assim fosse estaria segregado da Igreja, pelo que depois de varios argumentos, que entre si tiverão o careante e careado vindo a ficar por fim ambos firmes em que tinhão dito a verdade em seus argumentos e respostas. Houve elle desembargador este auto de perguntas e acareação por acabado, e sendo mandado separar o careante para serem lidas as perguntas ao careado, disse erão as mesmas que se lhe havião feito e respostas que a ellas havia dado, e que as approvava e ratificava, de que damos nossas fés, e tornando a entrar o mesmo careante foi lido a um e outro o auto de acareação, e depois de o terem ouvido lêr, e de terem recebido um e outro o juramento para declararem debaixo d'elle, se era verdade quanto tinhão dito a respeito de terceiro, disserão que tudo quanto constava do mesmo auto era o mesmo que havião dito, e respondido, e que por isso o approvavão e rectificavão, de que damos nossas fés, e que tambem debaixo do juramento que recebido tinhão declaravão ser verdade tudo o que havião dito nesta acareação a respeito de terceiro de que elle desembargador chanceller mandou fazer este auto que assignou comigo escrivão nomeado para esta diligencia, com o tabellião que tambem assistio e com o acareante José Bernardo da Silveira e acariado Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pe-

reira, escrivão nomeado para esta diligencia o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

JOSÉ BERNARDO DA SILVEIRA FRADE.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

VI

TERMO

DA

AJUNTADA DA ORAÇÃO

FEITA POR JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA

E RECITADA NA AULA DE RHETORICA

Aos vinte e seis dias do mez de agosto de mil setecentos noventa e cinco annos nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação, e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo para effeito de fazer pèrguntas ao preso

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, ahi pelo dito desembargador chanceller me foi apresentado um quaderno com capa de papel, e com o titulo seguinte : Oração feita por José Antonio de Almeida, e recitada na aula de rhetorica no mez de outubro do anno de mil sete centos e noventa e quatro, cujo quaderno se acha escripto em sete e meias folhas de papel que com a mesma que lhe serve de capa se achão todas rubricadas com a rubrica — Santos — do tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo para que elle escrivão nomeado para esta diligencia o apensasse a estas perguntas, aonde elle tinha servido de objecto, o qual quaderno eu logo o apensei assim como tambem um livro do abade Mably intitulado — Direitos do Cidadão — que se acha rubricado com a rubrica — Santos — do dito tabellião, que no mesmo acto foi apresentado pelo dito desembargador chanceller, e mandado apensar, o que tudo apênzei na fórmula que me foi ordenado, e tanto o dito livro como o quaderno são os que adiante se seguem por apenso a estas perguntas, de que para constar mandou fazer este termo que assignou comigo escrivão, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

VII

ORAÇÃO

FEITA

POR JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA

E RECITADA NA AULA DE RHETORICA, NO MEZ DE OUTUBRO
DO ANNO DE 1794

Não foi, benevolos e respeitaveis senhores, não foi o estranho designio e indiscreto pensamento de querer contrariar assentimentos oppostos, quem me conduzio a este lugar. As admiraveis virtudes, que continuamente renascem do valor, as estreitas leis da civilidade, e o ardente desejo de me instruir no gosto da eloquencia, são os motivos que me obrigão a apparecer na vossa respeitavel presença, a apresentar ás vossas vistas um limitado quadro, em que possaes ver representados alguns dos

maravilhosos effeitos do valor, parece que vós, persuadidos da certeza da materia, e dos nobres incentivos que este poderoso athleta introduz no espirito do homem; procureis conseguil-o, e recebê-lo no vosso coração.

A delicadeza da materia, a pobreza dos meus talentos, e a falta dos necessarios estudos, parece que fazem me seja incompetente um tal assumpto, mas isto mesmo me faz assaz merecedor das vossas estimaveis attentões, que necessito e prometto não fatigar a vossa paciencia.

Querendo aquelle Ente infinito, e perfeitissimamente sabio, o Auctor da natureza que o seu eterno poder fosse de alguma sorte conhecido por uma creatura, que dotada de uma alma racional, soubesse admirar a sua grandeza, e gratificar os seus beneficios, e que a sua immensa bondade se prodigalisasse em augmentar a sua gloria; creou o homem, infundindo-lhe todas aquellas admiraveis virtudes, que o fazem superior a todas as demais creaturas.

Este Supremo Senhor, desejando introduzir nesta perfeita obra da sua mão maiores incentivos de amor para com o seu creador, anticipou-se em providenciar tudo o que deveria servir de recrear o espirito do homem. Elle creou innumeraveis especies de aves e de brutos, que lhes servem de sustento ao corpo, e recreio ao espirito. Elle quiz que o profundissimo Oceano produzisse no seu devorante seio, essa grande variedade de animaes, que servem a commodidade da vida, e que fosse capaz de suster sobre as suas prateadas ondas essas grandes maquinas que sopradas dos ventos transportão os homens com facilidade a todas as partes do mundo. Quiza

tambem que a terra gerasse nas suas entranhas ricos e preciosos thesouros, que fossem distribuidos pelos homens, e que a sua face produzisse ferteis campinas, enriquecidas do admiravel colorido das flores, arvores frutiferas e todas essas maravilhosas cousas que conhecemos. Elle fez que as cristalinas aguas, que servem de refrigerar as terras, nos offerecessem ao mesmo tempo na sua corrente, essas preciosas e resplandecentes pedras que encantão a vista. Elle com o seu poderoso braço dirigio, e dispoz esses corpos luminosos, que são a alegria do genero humano, destinando ao principe das luzes para espalhar por este grande vacuo do universo os seus resplandores, e esclarecer o globo da terra, e que na sua ausencia a prateada lua veria aclarar o obscuro véo da noite, e derramar sobre ella um ar livre; uma frescura e serenidade capaz de distrahir a alma do homem. Elle finalmente com a sua augusta mão ordenou essa infinidade de entes, cuja consideração certamente nos causará um extatico transporte.

Agora, Senhor, vos pertence o pensar de qual destas maravilhosas obras do Omnipotente fará o homem maior apreço, e que deverá zelar com maior cuidado. Nada, Senhor, nenhuma destas cousas tem o homem em tanto apreço, nem como cousa tão estimavel como a sua vida; aquella cristallina fonte, em que continuamente está vendo, e conhecendo a sua essencia. Ella é o infalivel centro para onde tudo propende, e o principal objecto por quem tudo se move. Ella é quem excita ao homem a entregar-se á descripção das ondas agitadas pelos furiosos ventos, que soltos das suas prisões, as fazem subir ás

nuvens, expondo-se a perder o seu mais precioso thesouro na mesma acção de o conservar.

Ella é a unica avaliadora de todas as cousas; sem ella são falsas as riquezas, tristes as honras, vãs as dignidades, desprezadas as nobrezas; finalmente ella é aquelle brilhante sol que uma vez eclipsado com a pestifera, vista da morte, jamais póde recuperar a sua luz.

E á vista disto, senhores, que cousa haverá que anime ao homem a tirar a vida a si proprio, estimando-a mais que tudo? Que poderoso motivo poderá apartar d'elle o temor de se ver privado da cousa que mais ama?

Elle teme a privação das riquezas, dignidades, e de tudo o que é de uma menor estimação, e poderá então com as suas proprias mãos arrojara fóra de si aquella prenda, que a tudo o mais tem preferencia? Sim, senhores, elle chega a quebrar estes fortes e indissoluveis laços excitado de um grande valor, que enriquece o seu espirito, um valor tal, que chega a exceder a estimação da vida, e que faz que o homem entregue o seu peito ao mesmo ferro, que o costuma defender.

Oh admiravel valor! Tu és a gloria dos humanos, em ti existe a sua maior confiança; tu não cessas de o conduzir, alentar, e conseguir, ainda o que é incompetente ás suas forças. Tu és o motor da guerra, e origem da paz; naquella accomettes, vences, destroes, e nesta, espantas, atemorisas, e pões em socego a nação contraria, onde só reina o frio medo. À vista da tua face, tudo cede, rende-se, prostra-se. Tu só é que podes guiar o homem com os seus perfectos sentimentos a encarar aquelle horrivel objecto, a morte.

É certo e crível, senhores, que o homem apenas formado, olhando com pasmo para esta maquina do universo, e admirando essas maravilhosas obras e preciosidades, com que se acha proporcionada, e adornada, se capacitaria logo que o acaso não podia formar essa admiravel ordem : e que devia haver algum Ente Supremo, e perfeitamente bom, que tivesse formado tão admiravel grandeza, e á cuja vontade tudo deveria estar sujeito. E finalmente olhando para si, e considerando a sua superioridade a tudo o mais, se persuadiria que a ninguem devia estar sujeita a sua vida, senão á vontade d'Aquelle que lhe deo o ser, e que em nenhum tempo deveria sujeitar a sua liberdade aos rigores do seu semelhante.

« E posto este bello e bem fundado raciocinio do ho-
« mem, julgai, senhores, qual não deve ser a fraqueza
« e vileza do espirito d'aquelle que chega a submeter-se
« totalmente ás disposições de outrem, na consideração
« de ser elle uma creatura, a quem ainda seu Supremo
« Senhor concedeo a livre disposição da sua vontade! E
« que esse mesmo, que o pretende opprimir, e abater
« não recebo da mão do seu Creador outra alma mais
« perfeita que lhe possa infundir uma natural superio-
« ridade!

« Sim, meos senhores, eu contemplo a esses homens
« de fracos espiritos, em comparação d'aquelles que são
« dotados de valor, semelhantes aos vís insectos, cuja
« vida só existe na vossa vontade. Elles vivem sempre
« em disposição de se renderem a quantas crueldades
« os queirão accommetter. Elles, encerrados em tene-

« brosos carceres, consomem a sua vida sempre com o
« pensamento cançado em um continuo giro, sobre
« ideias frivolas, e lamentaveis; estes é que verdadeira-
« mente se devem chamar espiritos fracos. E poderá
« haver alguém tão falto de raciocinio que pense ser
« este soffrimento nascido do valor? Eu não me posso
« capacitar que se encontre pessoa que sinceramente
« siga tal opinião; porque assaz é manifesto naquelles
« homens a fraqueza, pois que procurão escapar aos tor-
« mentos, e á morte, salvando-se das prisões, arrom-
« bando os carceres, e trazendo o seu espirito em con-
« tinuos assaltos.

« Elles não sentem por todas as partes senão um pro-
« fundissimo horror: procurão occultar-se nos lugares
« remotos; a cada passo tremem de susto, e o medo
« chega a reprimir os seus passos. »

E poderemos julgar que em semelhante scena haja de
apparecer o valor?

Não, senhores, o varão cujo espirito se acha enrique-
cido do valor, vive sempre alegre e satisfeito. O seu co-
ração sempre em repouso jamais se perturba, nem em
seu semblante se poderá ver a palida côr do medo. Ne-
nhuma cega paixão perturba a paz da sua alma, e nelle
reinão os ricos desejos e o amor da gloria, na esperança
de conseguir. Elle emfim vive sempre com a sua liber-
dade segura. Taes são as virtudes do valor, tal é a ele-
vação que elle infunde no espirito do homem!

Agora parece-me estar vendo aquelles antigos valero-
sos, que acabarão pelas suas proprias mãos.

Heroes, que desde a sua infancia só obrarão acções,

que merecerão ser transcriptas para admiração de toda a postêridade.

Como aquelle celebre Annibal que tantas veses trouxe debaixo dos seus pés ao imperio romano; sendo acommettido por elles, com uma inesperada, e opportuna falsidade, lembrado das suas antigas honras, e do seu valor, e julgando que um espirito oppressor, não podia ser opprimido; tomou com toda a satisfação o veneno que costumava trazer como espelho, em que via retratada a sua liberdade, precioso desenho do seu valor. Admirai a olho aquelle famoso Romano, que recebendo o imperio, a tempo que os Alemães elegião a Vitelio para imperador, vendo elle que por esta causa estava eminente a guerra civil, jurou que não consentiria, que por sua causa se movesse tão abominavel guerra, e não se dilatou em conservar com a sua morte a paz dos seus cidadãos.

Olhai para Cleopatra, aquella admiravel heroina, que se vê separada de seu caro esposo pelo fatal golpe da morte.

Ella pensa que não deve jamais gosar dos gostos, e glorias desta vida : nem sobreviver ao objecto que lhe causava os mais doces praseres, e que as aureas cadeias de amor, que sempre os trouxe unidos, deviam conduzil-os ambos á eternidade. Vêde como o valor, oh! que objecto de horror, piedade e admiração! Vêde como lhe introdúz no brando seio as venenosas serpentes : ella já brandamente desfalece, já desaparece o rosado de sua côr, e a ultima faisca da vida se extingue. Mas por acaso, senhores, pretenderei eu persuadir vos, que uns taes excessos

são effeitos do valor, trazendo-ves á lembrança os innumeraveis espiritos valerosos, que com acções semelhantes tem causado ao mundo pasmo e admiração? Ou fazer-vos ver os maravilhosos successos produzidos do valor, e vistos ainda nos vossos seculos? Não, senhores, eu não me cançarei em juntar essa multiplicidade de provas, de que se costumão servir aquelles espiritos de contra-dição, que amão sustentar opiniões diversas: e ainda oppostas aos seus sentimentos, e que receiosos da probabilidade da materia, não podem deixar de se servir ainda do mais ridiculo argumento, porquanto a minha opinião é por si mesmo provavel, e passarei sim a fazer-vos admirar o valor de Lucrecia, aquella virtuosa matrona, que vivamente se representa á minha vista. Está pois offendida a sua honestidade por aquelle horrivel monstro Sexto Tarquinio, corre sem demora á presença de seu esposo, cahe confundida a seus pés, e os banha com as suas virginaes lagrimas.

Um profundo pesar se apodera do animo deste infeliz esposo, elle a suspende em seus braços, e com instancia lhe pergunta a causa de tal excesso; ella deseja fallar, porem a grande chaga do seu coração se estende, e a sua lingua se gela, ella se esforça, profere algumas palavras truncadas, e enfim declara que Sexto Tarquinio é o violentador da sua honestidade. A estas palavras, elle a anima, consola, e lhe jura a vingança da affronta; ella socega. Porem depois de dilatado espaço de tempo, representando no seu semblante o grande valor que preenchia a sua alma, solta do intimo do seu coração estas palavras: « A minha honra não me permite o viver, meu

esposo conhecerá a minha fidelidade, e os Deoses punirão a violencia do crime, e me devem esta justiça. » E tirando o ferro que se occultavá nos vestidos, descarregou sobre o peito. Eu tremo, senhores, eu me confundo á vista de um tal valor em um tão delicado sexo. Agora, porem, já não me resta a minima presumpção, de que podereis julgar haver fraquesa em semelhantes espiritos : antes percebo que tendes nos vossos pensamentos esses soberbos monumentos, que se erigirião á esta heroina, e a esses famosos heroes, para lembrança e honra do seu valor. Já nos vossos semblantes leio um unanime sentimento, de que só o valor pode excitar no homem um tal obrar, e que só elle é bastante para lhe infundir uma superior distincção de todos os demais homens.

O' illustres varões, cuja vida foi sempre uma perfeita serie de maravilhosas façanhas, e concluida e aperfeiçoada com acção digna da maior admiração, e espanto, e a que pode o valor chegar a transportar o homem; quantos não invejarão a vossa final sorte, e procurarião tel-a; se as leis sagradas, que respeitão lhes não privassem uzar dos mesmos meios que vós, e não lhes puzessem diante a perda do verdadeiro bem!

E vós, ó creaturas, a quem o Todo Poderoso tem destinado para gosardes dos celestes prazeres; fazei que o valor reine no vosso coração; porém, não o depositeis jamais nas suas mãos; por que elle insensivelmente se irá apoderando do vosso espirito, e em um breve instante se fará senhor de dominar todas as vossas acções. Lançai-o, sim, nos braços da sabia prudencia, que ella saberá com utilidade apartal-o, e submettel-o ao valor.

E obrando assim sabereis verdadeiramente honrar a vossa nação : e aquelle, cuja poderosa mão a protege. E o vosso nome eternisado nas vozes da fama, soará por todo o universo, causando espanto á terra, gloria ao céo, e pesar ao inferno. —

Dice.

N. B. As aspas marginaes suppreem aqui os riscos com que o juiz marcou os períodos mais livres ou philosophicos da presente oração.

VIII

AUTO

DE

CONTINUAÇÃO E RATIFICAÇÃO DE PERGUNTAS

FEITAS AO PRESO

MÁNOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil sete centos e noventa e cinco aos vinte e seis dias do mez de agosto do dito anno nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade comigo João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, desembargador da mesma relação, e escrivão nomeado para

esta diligencia, com o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo para effeito de fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o qual depois de ser conduzido á sua presença o mandou pôr em sua liberdade, elle passou a fazer perguntas na forma e maneira seguinte:

Foi lhe perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio tinha, se era casado ou solteiro, se tinha algumas ordens, e se estava em seu perfeito juizo sem causa que o pudesse obrigar a deixar de fallar verdade no que fosse perguntado.

Respondeo que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva Alvarenga, natural de Villa Rica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era advogado e professor de rhetorica nesta cidade, de cujas occupaões vivia, que não tinha ordens, e estava em perfeito juizo, sem causa alguma que o pudesse constranger a deixar de dizer verdade no que fosse perguntado.

Foi mais perguntado se já se lhe haviam feito algumas perguntas depois de estar preso, e se estava certo no seu conteudo, e tinha alguma cousa que a ellas acrescentar ou diminuir.

Respondeo que já neste lugar tinha sido interrogado por seis vezes, e que estava bem lembrado das respostas que tinha dado ás perguntas que se lhe haviam feito, as quaes sendo-lhe lidas por mim escrivão neste acto disse que erão as mesmas que as approvava e ratificava, e que nada mais tinha que acrescentar ou diminuir de que damos nossas fés, e só requeria o ser de novo acareado

com José Bernardo da Silveira Frade, para que na mesma acareação se fisessem ainda algumas declarações que suppunha necessarias para a sua defesa, cujo requerimento mandou elle desembargador chanceller que se lhe escrevesse reservando para tempo opportuno o deferir-lhe. E logo pelo desembargador chanceller foi dito a elle respondente que até agora tinha persistido em uma contumaz negativa a respeito de todos os pontos sobre que tinha sido perguntado, pois ainda que em algumas das perguntas modificara as ditas negativas, e confessara alguma parte do que se lhe havia perguntado, fôra sempre em duvida e de possivel, e que só o viera a confessar absolutamente depois de lhe ser demonstrado a verdade naquillo sobre que fôra instado, e que com a mesma contumacia persistira em negar a posse e uso de livros que tivessem por objecto o derramar os principios e doutrinas de uma igualdade civil, e destruir os governos monarchicos, mas que esta sua negativa se convenia não só por se haverem achado na sua livraria alguns tomos da historia do abbade Roinal, livros que em muito dos seus lugares contem maximas e principios oppostos ás monarchias, e tendem a fazer amavel o governo republicano, mas até por entre elles se encontrar o livro que tem por titulo — Direitos do cidadão — do abbade Mably, livro que desde as suas primeiras linhas não tem outro objecto mais que destruir, e arruinar as monarchias, e estabelecer o governo republicano, o qual livro, logo por mim escrivão por mandado do desembargador chanceller, foi mostrado ao respondente, achando-se rubricado pelo tabellião José dos Santos Ro-

drigues e Araujo com a sua rubrica — Santos — feita no acto de apprehensão a que se tinha procedido nos livros do mesmo respondente como declarou o mesmo tabellião neste acto de que dou fé, e que á vista do mesmo livro, e do que se lhe havia ponderado, não podia elle respondente persistir ainda na negativa a este respeito.

Respondeo que elle não podia negar o ter e possuir o livro que lhe foi mostrado neste acto, e que reconhecia ser o mesmo que possuia de que damos nossas fés, mas que elle o havia comprado entre outros livros latinos a um marinheiro por que lendo-lhe o titulo por elle não julgara que podia conter doutrinas oppostas aos governos monarchicos, e que da mesma sorte não podia negar que na sua livraria se tivessem achado dous tomos da historia philosophica do abbade Roinal, mas que pelo mesmo titulo entendera tambem que elles não continhão doutrinas erradas, ou que se dirigissem a attacar as monarchias, e que elle respondente de uns e outros não lera mais que os titulos, reservando a sua lição para o tempo das ferias, e que os dous livros do abbade Roinal, não erão seus mas emprestados por Marianno José Pereira.

Foi instado que além de não ser verosimil que elle respondente sendo um homem de letras e com inclinação aos estudos philosophicos tivesse e conservasse uns livros sem os ler, os quaes livros pelos seus mesmos titulos inculcavão tratar objectos pertencentes aos mesmos estudos philosophicos, se convencia esta sua resposta por alguns dos seus papeis, nos quaes se lião principios e maximas tiradas dos mesmos livros, e especialmente do livro do abbade Mably, já referido.

Respondeo que já havia dito que elle não lêra os ditos livros por ter reservado a sua lição para o tempo de férias, e que nega que em seus escriptos se possam achar proposições que em seu sentido natural contenhão principios a favor das republicas, e contra as monarchias, e que pareçam extrahidos do citado livro, ainda que dando-se-lhe uma sinistra interpretação o possam parecer.

E logo pelo dito desembargador chanceller foi mostrado ao respondente um papel que tem por titulo — Oração feita por José Antonio de Almeida, e recitada na aula de rhetorica no mez de outubro de mil sete centos e noventa e quatro — papel que igualmente fora achado na sua livraria, e se acha tambem rubricado pelo tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo com a sua rubrica — Santos, — o qual papel tinha sido achado no sequestro a que se procedera nos bens d'elle respondente como constava, e o mesmo tabellião declarou neste acto, de que dou fé, cujo papel na maior parte contem um tecido de proposições que artificiosamente encerrão em si o mais refinado veneno, e as maximas mais contrarias do governo monarchico, pois nellas se contem entre outras proposições, que o homem só deve sujeitar a sua vida á vontade do Ente Supremo, que em nenhum tempo deve sujeitar a sua liberdade aos rigores de outro homem seu semelhante, a quem não deve nem cooperou para a sua essencia, que é extraordinario a fraquesa e villesa do espirito d'aquelle que chega a submeter-se inteiramente ás disposições de outro homem, devendo considerar-se uma creatura a quem ainda seu Supremo Senhor concedêo a livre disposição da sua vontade, e

que o mesmo que o pretende opprimir e abater não recebeo do Creador uma alma mais perfeita, e que lhe possa infundir uma natural superioridade; que são vis e fracos os espiritos d'aquelles que vivem encerrados em tenebrosos carceres, cujas maximas são na maior parte as mesmas que se lêem no citado livro — Direitos do cidadão — pelo que se mostrava e convencia que elle respondente não lera só o titulo do mesmo livro mas ainda a mesma obra.

Respondeo que a obra que se lhe mostrava não era delle respondente, nem escripta pela sua letra, mas que não duvidava que pudesse ser achada entre os seus papeis, porquanto muitos dos seus alumnos escrevião algumas orações sobre differentes objectos, e os levavão a elle respondente para as réver, muitas das quaes elle respondente as não lia, como succedera com a presente, e que não sendo a obra delle respondente, ainda que continha proposições idénticas ás do referido livro, se não colhe que elle respondente o lesse.

Foi instado que esta sua resposta se desvanecia por titulo da dita obra, pois que nelle se diz que fora recitada na aula de rhetorica no mez de outubro de mil sete centos noventa e quatro, pois que sendo recitada na mesma aula, além de ser quasi da ultima notoriedade que elle respondente a houvesse de ter lido primeiro, e examinado, e corregido, como succede em semelhantes casos com todos os discipulos que se não atrevem a recitar obras sem approvação e exame de seus mestres, é evidente que elle respondente approvou as mesmas proposições, pois consentio que ellas se recitassem em publico

na sua aula, vindo por este modo a ser causa de que os principios tão perniciosos ao Estado se semeassem e arreigassem não só no coração de seus discipulos sobre cuja boa educação tinha elle obrigação de velar, mas que até se derramassem entre os mais circumstantes, muitos dos quaes serão faceis de illudir pelo colorido dado a uma semelhante doutrina, e por não serem capazes entre uma multidão de ideias confusas e artificialmente derramadas descobrir o veneno que ellas encobrem, e atinar com a verdade.

Respondeo que não era verdade o haver-se recitado na sua aula semelhante oração como diz o titulo, pelo que vem a cessar toda a instancia que se lhe havia feito.

Foi mais instado que elle respondente havia dito em uma das suas antecedentes respostas que o estudante por quem se diz feita e recitada a mesma oração não tinha capacidade para o fazer, nem ainda para extrahir os pensamentos della de qualquer livro, ainda que na competente resposta se não tivessem escripto estas palavras que actualmente se escrevem, e elle respondente proferio, e que d'ahi se colhe um argumento contra elle respondente, pois que era natural que o dito estudante se achando sem as luses precisas para o fazer, recorresse a elle respondente como a seu mestre, e que por elle fosse a mesma oração composta, ou retocada em parte, ou em todo.

Respondeo que pelo o contrario todos os seus discipulos, o que pela maior parte procuravão era enganar a elle respondente encobrindo a sua fraqueza, querendo parecer mais habeis do que na realidade erão,

pelo que sempre procuravão recorrer á terceiras pessoas para estes enganos.

Foi perguntado se elle respondente quando se lhe mostrava o livro do abbade Mably não havia dito que lhe parecia que o dito livro tinha por titulo : — Cartas.

Respondeo que era verdade haver dito que lhe parecia ter o mesmo livro por titulo Cartas ; foi logo instado que não contendo o titulo do dito livro mais palavras que dos direitos e obrigações do cidadão, e sendo a sua materia escripta em cartas d'aqui se colhia bem que elle tinha lido mais alguma cousa do que o titulo.

Respondeo que quando o abriu, e passara pelos olhos logo que o comprara vira de passagem que em algumas partes se lia o titulo de : « Cartas, » e que d'aqui sem ler mais cousa alguma do que elle continha ficara na confusa ideia de que o livro tinha por titulo : « Cartas, » como havia respondido.

E por ora não lhe fez elle desembargador chancellor mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quaes sendo-lhe por mim escrivão lidas neste acto disse que erão as mesmas que se lhe haviam feito, e respostas que a ellas havia dado que as approvava e ratificava de que damos fé, e sendo-lhe deferido o juramento dos Santos Evangelhos para que debaixo d'elle declarasse se o que havia dito a respeito de terceiro era verdade, disse depois de receber o mesmo juramento que lhe foi deferido pelo desembargador chancellor que era verdade o que havia dito a respeito de terceiro de que damos fé, e para constar mandou elle desembargador chancellor fazer este auto que assignou comigo escrivão, com o ta-

bellião que tambem assistio, e com o ditõ preso, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia a escrevi, e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA;

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

Auto de continuação e ratificação de perguntas feitas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e noventa e cinco, aos dous dias do mez de setembro do dito anno, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo escrivão nomeado para esta diligencia e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo para effeito de continuar a fazer perguntas ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, o qual o mandou vir á sua presença, e depois de posto em sua liberdade, o passou a perguntar na fôrma e maneira seguinte :

Foi perguntado como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade e officio tinha, se era casado

ou solteiro, se tinha algumas ordens, e se achava em seu perfeito juizo.

Respondeo que se chamava Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, filho de Ignacio da Silva, natural de Villa Rica, que tinha de idade quarenta e seis annos, que era solteiro, advogado e professor de rhetorica nesta cidade, de cujas occupações vivia, que não tinha ordens, e se achava em perfeito juizo.

Foi perguntado se já depois de estar preso se lhe haviam feito algumas perguntas, e se estava certo no seu conteudo, e se as approvava e ratificava.

Respondeo que já depois de estar preso tinha sido interrogado por sete vezes, e que estava mui bem certo do conteudo nas perguntas e respostas que a ellas havia dado, as quaes depois de lhe serem lidas, disse que erão as proprias, e que as approvava e ratificava, e que nada mais tinha que acrescentar ou diminuir ás mesmas.

E logo pelo desembargador chanceller foi dito que elle respondente nas primeiras e segundas perguntas que se lhe haviam feito havia negado ter ou conservar alguns papeis que tratassem dos principios que abraçou a França na sua revolução, ou que tratassem de materias respectivas á mesma revolução, mas que como nas terceiras perguntas havia confessado a possibilidade de achar-se entre os seus papeis um *Mercurio* francez com as modificações por elle respondente declaradas nas mesmas perguntas, agora sobre este ponto só restava o responder se os *Mercurios* que eu escrevão lhe apresentei neste acto por ordem do desembargador chanceller rubricados com a rubrica : — Santos — do tabellião José dos Santos Ro-

drigues e Araujo que neste acto declarou ser sua, erão os mesmos de que havia fallado.

Respondeo que sim erão os proprios.

E logo pelo dito ministro foi instado que além dos *Mercurios* serem dous, e não um, delles se vê que as peças de poesia de que dizia erão os mesmos compostos, apenas conterião cinco ou seis paginas cada um, vindo a conter o resto dos mesmos *Mercurios* noticias relativas a revolução da França, e discursos tendentes a abonar-a pelo que se concluia ter elle respondente fallado com menos sinceridade na sua resposta.

Respondeo que elle havia dito a verdade quando affirmara que dos ditos *Mercurios* não havia lido mais que as obras poeticas, que nelles se encontrão, levando-lhe maior parte do tempo que empregou na sua leitura o projecto de decifrar os enigmas que vem em um dos ditos *Mercurios*, pois que a paixão delle respondente só se dirige á poesia, e a algumas obras mathematicas, e nunca a tivera por saber novidades, e que emquanto a responder que era um e não dous os *Mercurios* isto se deve attribuir a esquecimento, e estarem os mesmos *Mercurios* confundidos com outras obras brochadas como erão a *Viagem sentimental*, e a *Vida de Tristão* e outros.

Foi instado que o esquecimento que affecta quanto ao numero dos *Mercurios* era inverosimil, pois que tendo elle tão presente memoria dos enigmas que elles conti-nhão, e dos outros livros ou papeis que com elles se achavão confundidos, não era natural o dito esquecimento, e que além disso tambem não era natural nem verosimil

que sendo a revolução da França um dos successos mais extraordinarios não só da historia moderna, mas tambem da antiga, e que na mesma historia farão uma memoravel epocha, e ao mesmo tempo que não haverá individuo algum que pela sobredita razão se não interessa a saber o que a respeito da mesma se passa, elle respondente sendo um homem de letras, e que pensa, e tendo em seu poder papeis que tratavão da mesma revolução, os deixasse de lêr, o que fazia inteiramente de má fé a dita resposta, e deixava bastante motivo para se pensar que o crime de que é arguido é verdadeiro, buscando elle respondente nas absolutas negativas do que era perguntado o meio que pensou mais facil para se defender da dita imputação, e muito mais se devia isto presumir porque não sendo a lição dos ditos papeis em si má, e só sim obvio, ou offenso que se lesse as proposições e doutrinas erroneas que contivessem, confessando o ter lido os ditos papeis, nem por isso poderia ser arguido de seguir as suas doutrinas.

Respondeo que quanto ao numero dos *Mercurios* se elle respondente tivera lembrança de que erão dous, assim o dizia, pois que se era máo o confessar que tinha só um, não diminuia a maldade, pois que esta consistia em os ter ou fosse um, ou fossem mais, e que esta consideração mostrava bem o ter elle respondido com sinceridade, que só conservava um por se não lembrar do outro, e que quanto á instancia que se lhe faz a respeito da negativa de ter lido o que nos *Mercurios* se continha em prosa, pela mesma razão com que se argue de que a lição delles não era em si má, mas sim o assenso e approva-

ção que se dá ás doutrinas erroneas que elles possão conter se patenteava que elle não negaria tel-os lido se na verdade assim passasse, e que a respeito de não ser verosimil que elle respondente sendo um homem civil, e que pensa, deixasse de ter lido as noticias concernentes á famosa revolução da França, respondia que elle não era homem estadista, nem politico, nem de genio de procurar saber estas noticias, e que apenas se contenta de sabel-as em geral.

Foi instado que ainda que elle respondente não procure a saber as noticias respectivas á politica, e governo actual dos Estados do mundo, nem por isso fica satisfeita a instancia que se lhe fez de não ser verosimil que elle respondente sendo um homem que pensa, e que vivia na classe dos homens litteratos, e com elles se tratava deixasse de ter lido as materias que se contem nos dous *Mercurios*, relativos aos negocios da Europa, pois que os mesmos papeis se achavão na sua mão, e não precisava de fazer diligencias maiores para saber as noticias que elles continhão, pois que vai grande differença de procurar as cousas a desprezal-as.

Respondeo que a sua indifferença é tal sobre estas materias que não só o não move a procural-as, mas até o poê em estado de que offerecendo-se-lhe as mesmas materias, ou occasião de examinal-as não gastar tempo com ellas.

Foi perguntado donde elle respondente tinha havido os ditos *Mercurios*.

Respondeo que os houvera de um luglez que passara por esta cidade para a Bahia Botanica.

Foi perguntado se sabia o tempo em que passou o dito Inglez, e se era militar ou paisano.

Respondeo que fôra no anno passado, mas que não tinha certeza do dia e mez, e que lhe parece que era paisano.

E por ora lhe não fez elle desembargador chanceller mais perguntas, e houve estas por feitas e acabadas, as quaes sendo lidas por mim escrivão ao respondente disse que erão as mesmas que se lhe havião feito, e que as approvava e ratificava, de que damos nossas fês, e para constar mandou elle desembargador chanceller fazer este auto que assignou comigo escrivão nomeado para esta diligencia, com a tabellião que tambem assistio, e com o dito preso, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia o escrevi e assignei.

SILVA.

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES E ARAUJO.

IX

AUTO DE ACAREAÇÃO

FEITA AO PRESO

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

COM JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e noventa e cinco annos, aos quatorze dias do mez de setembro do dito anno, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e casas da fortaleza da Conceição, aonde veio o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, chanceller da relação da dita cidade, comigo João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia, e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo, para effeito de acarear

ao preso Manoel Ignacio da Silva Alvarenga com José Antonio de Almeida, tambem preso, aos quaes mandou vir á sua presença, e depois de se acharem em sua liberdade, passou a fazer a acareação na fórma e maneira seguinte:

Perguntou ao preso Manoel Ignacio se conhecia ao preso José Antonio de Almeida que agora se achava em sua presença, ao que respondeo q̄ue o conhecia muito bem por ter sido um dos estudantes da sua aula de rhetorica, e pelo preso José Antonio de Almeida foi tambem dito que elle reconhecia ao dito Manoel Ignacio da Silva Alvarenga por seu mestre que tinha sido na mesma aula de rhetorica e pelo proprio de que tinha fallado nas perguntas que se lhe havião feito.

E perguntando mais ao dito Manoel Ignacio se o dito José Antonio de Almeida era o mesmo de que tinha fallado nas sextas perguntas que se lhe havião feito, e o mesmo que então tinha dado por autor da oração que se lhe havia apresentado no acto das mesmas perguntas, foi por este dito que quando fôra perguntado a respeito da referida oração, respondera que não era delle acareado, mas sim de um estudante da sua aula, não cogitava do acareante, mas sim de outro estudante morador nos campos de Goyatacazes, e que não póde afirmar se o autor da oração fôra o de que então pensava, ou o acareante. Logo pelo desembargador chanceller foi mandado a mim escrivão que eu lesse ao acareado as primeiras perguntas que se havião feito ao acareante, e depois de serem por mim lidas, e de as ratificar, o mesmo acareante dizendo que erão as proprias que se lhe havião feito de que damos nossas fés.

Passou a perguntar ao acareado se tinha que oppôr ás ditas perguntas e contra a verdade dellas, ao que este respondeo que nada tinha que oppôr contra a verdade das mesmas perguntas, e no que ellas lhe tocavão as reconhecia por verdadeiras.

E por esta fôrma houve esta acareação por feita, que sendo depois lida por mim escrivão ao acareante e acareado disserão que em tudo estava conforme ao que haviam dito de que damos nossas fés, e mandou fazer este auto o mesmo desembargador chanceller, que assignou com o acareante e acareado, e comigo escrivão e com o tabellião assistente, e eu João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira, escrivão nomeado para esta diligencia o escrevi e assignei.

SILVA ;

JOÃO MANOEL GUERREIRO DE AMORIM PEREIRA.

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA.

JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO.

FIM DAS PEÇAS JUSTIFICATIVAS.

OBRAS POETICAS

DE

M. I. DA SILVA ALVARENGA

Nos versos meus. . .
Por elles nome e fama
Terei com gloria na futura idade;
Premio que me não arrouba a mão escassa
Do tempo injusto que voando passa.

SILVA ALVARENGA, *Canção*.

SONETOS

A ESTATUA EQUESTRE

DO REI DOM JOSÉ I

NO DIA DA SUA INAUGURAÇÃO

Vencer dragão que as furias desenterra ;
Co' as artes adornar sceptro e coroa ;
Da triste cinza erguer aos céos Lisboa ;
Pôr freio ás ondas e dar leis á terra ;

Tudo José na heroica mão encerra ;
O bronze se levanta : o prazer vòa
E o seu nome immortal a fama entòa
Entre cantos da paz e sons da guerra.

O' rainha do Tejo! neste dia
Ao pae da patria o tempo vê com susto
E adorar a sua imagem principia.

Ouçõ acclamar o grande, o pio, o justo :
Quanto ostentaes brilhantes a porfia
Vós a gloria de Roma, elle a de Augusto!

II

A M. I. DA SILVA ALVARENGA

— ALCINDO PALMIRENO —

AUCTOR DO POEMA HEROICOMICO *O DESERTOR*

Por E. G. P.

A terra opprima porfido luzente,
E o brilhante metal, que ao céo erguidos
Os altos feitos mostrem esculpidos
Do rei, que mais amou a lusa gente.

Esteja aos regios pés dragão potente,
Que tanto os povos teve espavoridos,
C' os tortuosos collos suspendidos
No gume cortador da espada ardente.

Juntas as castas filhas da memoria
As brancas azas sobre o throno abrindo
Assombrem a dourada e muda Historia.

Ao indio livre já cantou Temindo.
Que falta, grande rei, á tua gloria,
Se os louros de Minerva canta Alcindo?

III

A O MESMO

Por L. J. C. S.

Emquanto o grande rei c' o a mão potente
Quebra os grilhoens do erro e da ignorancia ;
E enquanto firma com igual constancia
A' sciencia immortal throno luzente ;

Nova musa de clima differente
Canta do pai da patria a vigilancia,
Vingando a mãi das luzes da arrogancia,
Com que a despreza o estúpido indolente ;

O monstro de mil bocas sem socego,
Que a gloria de José vai repetindo
Ou sobre a terra ou sobre o infinito pêgo :

Com ella o nome levará d'Alcindo
Desde a invejada margem do Mondego
Ao patrio Paraguai, ao Zaire, ao Indo.

QUINTILHAS

AO VICE - REI

LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

NO DIA DE SEUS ANNOS

Musa, não sabes louvar,
E por isso neste dia,
Entre as vozes d'alegria,
Não pertendo misturar
Tua rustica harmonia.

Tens razão, mas não escuto
Os teus argumentos bellos :
Por mostrar novos disvellos

Demos o annual tributo
Ao illustre Vasconcellos.

Vamos pois a preparar,
Que eu te darei as lições;
Folheando no Camões,
Bem podemos remendar
Odes, sonetos, canções.

Podemos fingir um sonho
Por methodo tal e qual,
Se o furto for natural,
Eu delle não me envergonho,
Todos furtão, bem ou mal.

Se acaso a ode te agrada,
Para aterrar teus rivaes,
Tece em versos desiguaes,
Crespa frase entortilhada,
Palavras sesquippedaes.

Crepitantes, denodadas,
Enchem bem de um verso as linhas,
E eu me lembro que já tinhas
N'outro tempo bem guardadas,
Muitas destas palavrinhas.

Se de soneto és amante,
Seja sempre pastoril,
Que sem cajado e rabil,
O soneto mais galante
Não tem valor de um ceitel.

Venha sempre o *adejar*,
Que é verbinho de que gosto,
E já me sinto disposto
Para o querer engastar
N'um idílio de bom gosto.

E pois que aqui nos achamos,
Tão longe de humano trato,
Que inda o velho Peripato
Por toda a parte encontramos,
Com respeito e apparato :

Dois trocadilhos formemos
Sobre o nome de Luiz,
Seja *Luz* ou seja *Liz*,
O epigramma feito temos,
E só lhe falta o nariz.

Acrosticos! Isso é flor
D'um engenho singular;

Quem os soubera formar,
Que certo tinha o penhor
Para a muitos agradar!

Agudissimos poetas,
Gente bem aventurada,
Que estudando pouco, ou nada,
Tem na cabeça essas petas,
E outra muita farfalhada!...

Mas, ó musa, o meo desgosto
É tal que já tenho pejo
De ti mesma, quando vejo
O teu animo indisposto
Para cumprir meu desejo.

Não tive dias bastantes... —
Basta, basta, isso é engano,
Sobeja o tempo de um anno,
E é muito seis estudantes
Para um só Quintiliano.

Sei que ha nesta occasião
Poetas, filhos e paes;
Porém sejam taes ou quaes,
Cumpre tua obrigação,
Deixa cumprir os demais.

Vinte quintilhas já são,
Nos annos não se fallou ;
Mas á margem vendo estou,
Ler no livro da razão
— Foi omisso, não pagou. —

Vê se lhe podes grudar
Uma bella madrugada,
Que muita gente barbada
Aplaudes sem lhe importar
A razão por que lhe agrada.

Feita assim a introdução,
Passemos ao elogio,
Não te escape o patrio rio
Sahindo nesta occasião
Lá de algum lugar sombrio.

Coroados de mil flores
Venha a torto e a direito ;
E se fizer um tregeito,
Clamarão logo os leitores :
Viva, bravo, isto é bem feito.

Co' as virtudes, co' as acções
Do nosso heroe não te mates :

Basta que a obra dilates,
Dividida em pelotões,
Por sonoros disparates.

Quero ver a mão robusta
D'Alcides, encaixe ou não,
E alguma comparação,
Ainda que seja á custa
D'Annibal ou Scipião.

Hão de vir de Jove as filhas,
Marte horrendo e furibundo,
E com saber mais profundo,
Traze as sete maravilhas,
Que ninguem achou no mundo.

Eis aqui como se ganha
O labéo de caloteiro,
Mas eu não sou o primeiro
Que tive esta boa manha,
Nem screi o derradeiro.

CANÇÕES

I

APOTHEOSIS POETICA

A LUÍZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

VICE-REI E CAPITÃO GENERAL DE MAR E TERRA DO BRASIL

Offerecida no dia 10 de outubro de 1765.

Egregia flor da lusitana gente,
Nobre inveja da estranha,
D'antigos reis preclaro descendente (1),*
Luiz, a quem se humilha quanto banha
Do grão tridente o largo senhorio,
Desd' o amazonio até o argenteo rio (2).

Ver as notas no fim d'este volume.

Emquanto concedeis repouso breve
A's redeas do governo,
Ouvi a musa, que a levar se atreve,
Ao som da lyra de ouro, em canto eterno,
O nome vosso a ser brilhante estrella,
Onde habita immortal a gloria bella.

Só ás filhas do céo foi concedido
Do Lethes frio e lasso
Os heroes libertar; calca atrevido
Tempo devorador, com lento passo,
Tudo quanto os mortaes edificarão;
Nem deixa os écos das acções que obrarão.

Receba o vasto mar no curvo seio (3)
Os marmores talhados;
O amoroso delfim, o tritão feio.
Respeitem temerosos e admirados
A muralha, onde Thetis quebra a furia;
Do maritimo Jove eterna injuria.

Ao ar se eleve torre magestosa (4),
Thesouro amplo e profundo
Das riquezas, que envia a populosa
Europa e Asia grande ao novo mundo;

Por quem soberbo, ó rio, ao mar te assomas,
Tu, que do mez primeiro o nome tomas (5).

Lago triste e mortal, no abysmo esconda (6)

Pestiferos venenos;

E o leito, onde dormia a esteril onda,
Produza os bosques e os jardins amenos,
Que adornando os fresquissimos lugares,
Dem sombra á terra e dem perfume aos ares.

O vosso invicto braço os bons proteja,

E os soberbos opprima :

Modêlo sempre illustre em vós se veja
De alma grande, a quem bella gloria anima;
Regendo o sceptro respeitado e brando ;
Digno da mão que vos confia o maúdo.

Os justos premios de emula virtude

Da vossa mão excitem

Ao nobre, ao generoso, ao fraco e rude;
As artes venturosas resuscitem ;
E achando em vós um inclito Mecenas,
Nada invejem de Roma, nem de Athenas.

A paz, a doce paz contemple alegre

As marciaes bandeiras :

Prudente e justo o vosso arbitrio regre,
E firme a sorte de nações inteiras;
Derramando por tantos meios novos
A ditosa abundancia sobre os povos.

Cresça a próspera industria, que alimenta
Os solidos thesouros :
O ocio torpe e a ambição violenta
Fujão com funestissimos agouros;
Fuja a cega impiedade; e por castigo
Negue-lhe o mar, negue-lhe a terra abrigo.

Accções famosas de louvor mais dignas,
Que as de Cesar e Mario!
Vós não sereis ludibrio das malignas
Revoluções do tempo iniquo e vario :
Que as bellas musas, para eterno exemplo,
Já vos consagrão no apollineo templo.

Lá se erige mais solida columna,
Que o marmore de Paros ;
E longe dos teus golpes, ó fortuna,
Lá vive a imagem dos heróes preclaros ;
Assim respeita o tempo os nomes bellos
De Scipiões, de Emilios, de Marcellos.

Entre estes vejo o Achilles lusitano (7),
Que prodigo da vida,
Foi o açoute do barbaro Africano,
E exemplo raro d'alma esclarecida,
De que são testemunhas nunca mortas
D'Ourique o campo, de Lisboa as portas.

O grande Vasconcellos vejo armado (8),
Que arranca e despedaça
O alhcio ferreo jugo ensanguentado;
E os soberbos leões forte ameaça;
Da guerra o raio foi, da paz o leme;
America inda o chora, Hespanha o teme.

Quem é o que entre todos se assinála
No pródigo conselho,
E no valor e na prudencia iguala
Da antiga Pylos o famoso velho (9)?
É Pedro, que com hombros de diamante (10)
Foi d'um e d'outro céo robusto Atlante.

Mas que lugar glorioso vos espera
A par de taes maiores,
Inclyto herée, na scintillante esfera?
Eu vejo o busto, que entre resplendores

As virtudes e as musas vos levantão
Ao som dos hymnos, que alternadas cantão.

Luiz, Luiz a abobáda celeste
 Por toda a parte soa ;
E tu, ó Clio, tu que lhe teceste
Co' a propria mão a nitida coroa,
A voz levantas, entornando ás graças
O nectar generoso em aureas taças :

« — Delicia dos humanos, clara fonte
 De Justiça e Piedade,
Não sentirás do pallido Acheronte
Ferreo somno, nem densa escuridade! »
Cantou a musa : a inveja se devora,
E o tempo quebra a fouce cortadora.

Então, d'entre segredos tenebrosos
 Erguendo o braço augusto,
Que vio nascer os orbes luminosos,
Dá vida a eternidade ao novo busto.
Um chuveiro de luz sobre elle desce,
E nova estrella aos homens apparece.

Astro benigno! Eu te offereço a lyra
 De louros enramada :

Recebe..... ella já voa e sóbe e gira,
Rompendo os ares de esplendor cercada;
Já satellite adorna o firmamento,
E te acompanha lá no ethereo Assento.

Canção, quanto te invejo!
Vai, e ao feliz habitador do Téjo
Conta que a nova estrella,
Banhada em luzes da rainha augusta,
Reflecte ao novo mundo a imagem d'ella.

II

A TEMPESTADE

**No dia dos annos da rainha dona Maria I,
em 17 de dezembro de 1797.**

Horrida tempestas cœlum contraxit et imbro,
Nivesque deducunt Jovem :
Nunc mare, nunc silvæ,
Treicio Aquilone sonant.

HORAT., Epod. 15.

Fraco batel em tormentosos mares
Vou sem vela, sem leme e sem piloto ;
O turbulento Nóto
Revolve as ondas e as eleva aos ares ;
E Bóreas, que em tutões sobir costuma,
Borrifa os astros co' a salgada espuma.

O feroz Euro, o Africo atrevido
Quebram ferrolhos e prisões eternas
 Nas eólias cavernas,
D'onde sahem com horrído bramido,
Varrendo e devastando em dura guerra
As campanhas do mar e os fins da terra.

É este o vau, o rouco vau, que habitam
Surdos naufragios e implacaveis medos ;
 São estes os rochedos
Que o vasto golpho sorvem e vomitam,
E já sobre os perigos horrorosos
Ouço da infame Scylla os cães raivosos.

Turba-se o ar, as nuvens se amontoam
Da negra tempestade ao fero açoite ;
 Do Erebo surge a noite,
O horror e as sombras ; os rochedos soam,
Estala o céu e o raio furibundo
Desce inflammado a ameaçar o mundo.

Ao clarão do relampago apparecem
No fundo pégo de Nereo as casas,
 E sobre as fúscas azas
Das grossás nuvens os chuveiros descem ;

E emtanto, ó lenho, combatido tocas
As estrellas no céo, no abysmo as phocas.

O' genio tutelar, astro brilhante,
Que enches de luz o imperio lusitano,
 Aparta o fero damno
Da destroçada quilha fluctuante,
E o fragil resto do batel quebrado
Toque feliz o porto desejado.

E emquanto alegre a inclyta victoria
Vai seguindo os teus passos e a piedade,
 A candida verdade,
As graças, a justiça, a fama, a gloria,
E o prazer immortal, que o céo reserva
Ao real coração, que a paz conserva :

Ergue benigna a mão, rainha augusta,
A poderosa mão, a quem adora
 E teme o occaso, a aurora,
Os frios polos e a região adusta ;
Ampara o novo genio americano
Que sóbe a par do grego e do romano.

Sobre o Ménalo as musas o educaram
Para cantar a gloria dos monarcas ;

Mas logo o tempo e as parcas
Negro fel nos seus dias derramaram;
Falta o suave alento á curva lyra,
E já cançada de chorar suspira.

Voa, canção, á nobre foz do Tejo;
Não temas ir de climas tam remotos,
Pois te acompanham os meus puros votos.

ODES

~

I

A AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Onde, musa, me elevas inflammado?
Onde me guia teu furor divino?
Em transportes de gosto arrebatado,
 A curva lyra afino.
D'Africa vejo os asperos logares,
Vejo rasgados nunca vistos mares.

Ondeando as reaes altas bandeiras
Vê-o o assustado Ganges, treme a terra

C' o rouco som das tubas preeiras
Da turbulenta guerra;
Eis que medroso ouvindo o oriente
Treme assustado o Samorim potente.

E denso fumo envolto ardente em ira
Vomita o bronze a sibilante bala.
O triste horror por toda a parte gyra,
Altos muros escala
O invicto Affonso, e os naires bellicosos
Do largo ferro fogem temerosos.

Parte da negra barba retorcida
Sobre o espaçoso peito cabelludo
Lhe ondea, com a vista enfurecida
Erguendo o largo escudo,
No punho aperta a rutilante espada,
Asia ja mostra a face ensanguentada.

D'entre os espessos barbaros alfanges
Vejo arrancar os louros vencedores;
Fogem cortadas timidias phalanges.
D'entre mortaes clamores,
Do guerreiro Albuquerque nome e gloria
Vejo subir ao templo da memoria.

Volta o grande Orfação o rosto irado,
A guerreira cidade vejo afflicta
Cahir sobre seu sangue derramado,
 Domada a furia invicta,
Aos pés do vencedor obediente
O collo offerece á aspera corrente.

Mostra a terra nas costas fumegantes
Boiando em sangue corpos exulados,
Pernas e braços inda palpitantes,
 Nos mares descorados.

« Guerra! guerra! » Já ouço em toda a parte
Bradando irado o lusitano Marte.

A tragadora chamma crepitante,
Sobre as azas do fumo suspendida,
Sobe a lambar os arcos vacillante,
 Mas cahe enfraquecida
Sentindo de Vulcano o duro effeito
Volve no immundo pó o afflicto peito.

Já triste sobre as cinzas assentada
No meio dos temores e agonias
C'o a fria mão na face ensanguentada
 Chora os passados dias,

Ouvindo entre o rancor, o medo e o susto
Do guerreiro Albuquerque o nome augusto.

O rico Ganges forte e celebrado
Detem um pouco a tumida corrente.
Eu o vejo entre sustos descorado
Chegar obediente.
Com vacillantes passos duvidoso
A vencedora mão beijar medroso.

A decantada Ormuz sempre guerreira,
Goa, Pangim, Malacã bellicosas
Turbadas cedem pela vez primeira
A' espada furiosa,
E sobre seus estragos e ruinas
Tremolar vejo as vencedoras quinas.

O' guerreiro Albuquerque, a vossa historia,
Por mais que corra a tragadora idade,
D'Africa espanto, de Lusitania gloria,
Vive na eternidade;
E o vosso nome no sagrado templo
Aos futuros heróes sirva de exemplo!

A' MOCIDADE PORTUGUEZA

POR OCCASIÃO DA REFORMA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A fastosa indolencia,
Tarda preguiça, e molle ociosidade,
Tiveste por sciencia,
Infeliz lusitana mocidade;
Viste passar, cahindo de erro em erro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada
A arêa, que já foi por tantas vezes

Com o suor regada
Dos sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançarão
Os verdes loiros de que a fronte ornarão.

Longe de seus altares
Jaz a deosa — que horror! — posta em desprezo.
Cobre de sombra os ares
Deos do trovão; um raio d'ira acceso
Vingue a filha do céu. Os mundos tremem,
O sol desmaia, o vento e os mares gemem.

A face descorada
No manto azul co' a propria mão esconde,
Por não ver coroada
A ignorancia, qu' insulta e que responde,
Que em seus annaes escreve por façanha
Ter subjugado a generosa Hespanha.

Mas ella vê por terra
Todo o seu culto á cinzas reduzido.
Faz-lhe improvisa guerra
Raio consumidor do céu cahido;
Nem há portas de bonze, ou muros d'aço,
Tudo cede ao poder do augusto braço.

Aos cegos Africanos
Vôa a superstição buscando asylo.
Fanaticos enganados,
Tornai ás margens do encantado Nilo,
E o negro monstro, que se expõem sereno
Ao ferro, ao fogo, ao laço e ao veneno.

A perfida impostura
Nem sempre ha de reinar ; um claro dia
Aparta a nevoa escura
Do teu templo, immortal sabedoria :
Gemem das aureas portas os ferrolhos,
E a desusada luz offende os olhos.

Aquella mão robusta,
Dos herculeos trabalhos não cansada,
Não treme, não se assusta
Quando te leva aos astros, adornada
Do nativo esplendor e magestade,
Qual já te vio de Roma a bella idade.

Assim depois que dura
Seculos mil essa ave portentosa,
Da mesma sepultura
Resuscita mais bella e mais formosa,

Para admirar de nova gloria chea
Os aridos desertos da Sabéa.

O' candida verdade,
Filha da immensa luz que o sol conserva,
 Illustra em toda a idade
Este sagrado templo de Minerva.
Digna-te ser, pois vens do assento ethereo,
A deosa tutelar do nosso imperio.

E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
 Ou já nos convidasse
Amor das letras no regaço alheio,
Cortando os mares, desde as praias, onde
O oiro nasce e o sol o carro escõde :

Pisai cheios de gosto
Da bella gloria os asperos caminhos,
 Emquanto volta o rosto
O fraco, o inerte á vista dos espinhos,
E fazei que por vós inda se veja
O imperio florecente, e firme a Igreja.

Longe do fero estrago
Os pomos d'oiro colhereis sem susto ;

O sibilante drago

Cahio sem vida aos pés do throno augusto ;
E ainda tem sobre a testa formidavel
Do grando heróe a lança inevitavel.

Enchei os ternos votos

Da nascente esperança portugueza ;
Por caminhos remotos
Guia a virtude ao templo da grandeza :
Ide, correi, voai, que por vós chama
O rei, a patria, o mundo, a gloria, a fama.

III

A INAUGURAÇÃO

DA ESTATUA EQUESTRE DO REI DON JOSÉ I

Pende do eterno loiro
Nos vastos ermos da espinhosa estrada
Suave lyra de oiro,
Que do phrygio cantor foi temperada.
Dá-lhe o som, corta o ramo e cinge a frente,
O' da America inculta genio ardente!

Arrastando agarenas
Luas pelos teus campos, Lusitânia,

Qual o rei de Micenas
Sobre os vencidos muros de Dardânia,
Torna cercada de seu povo intonso
A sombra invicta do primeiro Affonso.

Veste dobrada malha ;
Tem no robusto braço o largo escudo ;
Inda terror espalha,
Tincto do mauro sangue o ferro agudo.
Eu ouço a tua voz, raio da guerra,
E os teos echos repito ao céo e á terra :

« — O' bravos Portuguezes,
Gente digna de mim ! A fama, a gloria,
Buscada em vão mil vezes,
Vos segue sempre, e os loiros e a victoria ;
Ou vós domeis dos barbaros a sanha,
Ou os fortes leões da altiva Hespanha.

« Vistes, ligando as tranças
No berço ainda de Titan a esposá ;
De escudos e de lanças
Em vão Asia se eriça ; e temerosa
Escuta o bronze, com que a negra morte
Enche de espanto as furias de Mavorte.

« Mas hoje, ousados povos,
Dai altas provas do valor antigo,
Tendes combates novos;
Encarai os trabalhos e o perigo;
Quem as armas vos deu, quem tudo rege,
Do céu estende a mão, e vos protege. »

Fallava o bellicoso
Illustre fundador do grande imperio,
E o ferro victorioso
Vibrando, encheo de luz todo o emisferio.
Já magem as abobadas eternas,
E os echos se redobram nas cavernas.

Para engolir os montes
Gargantas abre o mar : a terra treme :
Cobrem-se os horizontes
De negro fumo e pó : a esfera geme,
E eu vi (ai justo céu!) sobre ruinas
Desfalecer as vencedoras quinas.

Chovem crueis abutres,
E monstros infernaes de raça amphibia;
Quaes nem, Caucaso, nutres,
Nem vós, torradas solidões da Libia.

Dormes, Lisboa, e nos teus braços cinges
Hydras, chiméras, Gerioens e Sphynges.

O parricidio arvora
Triste facha no impuro averno acesa :
Esconde o rosto e chora
Infeliz lealdade portugueza ;
Mas Affonso o predisse, o céo não tarda,
E novo Alcides a taes monstros guarda.

Aos seculos futuros,
Intrepido marquez, sirvão de exemplo
Vossos trabalhos duros,
Longos, incriveis, que da fama o templo
Tem por estranho e glorioso ornato,
Onde não chega a mão do tempo ingrato.

Essa em crimes famosa
Arvore, que engrossando o tronco eterno,
Já feria orgulhosa
Co'a rama o céo e co'a raiz o inferno,
Ao ver a mão, que acêso o raio encerra,
Murcha, vacilla, pende e cae por terra.

Fogem do roto seio
Guerra, morte, traição, odio, impiedade :

O sol teve receio
De ver o rosto a tanta atrocidade,
Cahio emfim e ouviu-se o estrondo fero
Desde o scytico Tauro ao Caspe ibéro.

Longe nuvens escuras
Arrogem sobre os mares os coriscos :
Deixem subir seguras
Altas torres, soberbos obeliscos,
D'onde a nova Lisboa ao mundo canta
A mão robusta e firme, que a levanta.

Vapores empestados
Derramão n'outros climas o veneno ;
Sobre os risonhos prados
Respira alegre o zefiro sereno ;
Abre a paz os thesouros de Amalthéa,
Tornão os tempos de Saturno e Rhéa.

O' marmórea Lisboa,
Nova Roma, que adoras novo Augusto !
Feliz a patria entoa
O magnanimo pai, o pio, o justo,
E sua imagem vai cheia de loiros
Inspirar gloria aos ultimos vindoiros.

O' bronze, ó rei, é nome,
Esperança e amor do mundo inteiro!
Do tempo a voraz fome
Respeita a estatua de José primeiro :
Que não 'deu menos honra ao luso solio,
Que as delicias de Roma ao Capitolio.

Póde o volver dos annos
Mudar a face á terra, ao mar o leito :
Isento de seus damnos
José o grande irá de peito em peito.
Outro Tito quebrou entre os monarcas
A fouce ao tempo, e a tisoura ás parcas.

Que Sparta bellicosa
Veja cahir seus muros que renasça
Na terra generosa
Do Sybarita vil a froxa raça ;
O nome do bom rei contra as idades
Dura mais que as nações e que as cidades.

IV

O RECOLHIMENTO DO PARTO

RECITADA NA PRESENÇA DO VICE-REI

LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

No dia 12 de outubro de 1788.

Longe, longe daqui, vulgo profano,
Que das musas ignoras os segredos.
 Eu vi sobre rochedos,
Onde nunca tocou vestigio humano,
Alta deosa descer com fausto agoiro
Em branca nuvem realçada d'oiro.

Ah vem, formosa candida verdade,
Nos versos meus a tua luz derrama!

Por elles nome e fama
Terei com gloria na futura idade :
Premio, que me não rouba a mão escassa
Do tempo injusto, que voando passa.

A perfida lisonja, pregoeira
De palmas e tropheos não merecidos,
Aos echos repetidos
Da minha lyra foge mais ligeira,
Do que cruza os limites do hemisferio
O leve fusilar do fogo ethereo.

Levante embora os façanhosos templos
Barbaro habitador do cego Egypto,
Onde de infame rito
Deixe aos mortaes tristissimos exemplos,
Louca vaidade, e orgulho, que nutrirão,
E inda agora as piramides respirão.

De nações, que assolou com guerra dura,
Obeliscos transporta a antiga Roma :
Nos curvos hombros toma
O vasto pezo, que elevar procura ;

E a molle immensa, que o averno opprime,
Fere co' a ponta aguda o céo sublime.

De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa gloria monumentos?

Insultados dos ventos

Estereis passarão de idade á idade,
Qual Gelboé, que o céo não abençoá,
E só d'aridas pedras se povôa.

Tu sim, com gloria ao mundo e aos céos acceito,
Te elevas, firme asilo da innocencia;

Tua magnificencia

Co' as virtudes se abraça em laço estreito;
Estes não são os muros, onde dorme
A vã superstição e o vicio enorme.

Eu t'admiro qual arvore' frondosa,
Que, novos fructos produzindo, cresce:

Por ti risonha desce

Suave primavera deleitosa.

Nem temas que te roube astro maligno
O orvalho creador do céo benigno.

Em vão gelado inverno extenda as azas
Sobre o carro de Bóreas proceloso;

Em vão o cão raivoso
Chammas espalhe nas celestes cazas :
Sempre illesa serás, segura, eterna ;
Quanto se deve á mão que nos governa !

O' generosa mão, que não desmaias
No meio das fadigas ! Ou dos montes
 Desçãõ as puras fontes,
Ou fuja o mar infesto as nossas praias
Ou a peste horrorosa, magra, e escura
Ache no antigo lago a sepultura.

As artes se levantão apressadas,
E alegres, á colher a flor e o fructo :
 E as musas por tributo,
Enlaçando coroas engraçadas,
Mandão nas azas do ligeiro vento
Hymnos de paz ao claro firmamento.

Doce paz, ah não fujas ! Longos annos
A guerra n'outros campos homicida,
 Semeie enfurecida
Co' a mão ensanguentada os mortaes danos ;
E em tanto no seo bosque alto e sombrio
Descanse em urna d'oiro o patrio rio.

Mas que trovões? Que nuvem sobre os ares
Vôa açoitada do soberbo Noto?

Vem, ó sabio piloto
A furia contrastar dos negros mares,
E a vencedora nau possa contente
Lançar na curva praia o ferreo dente.

Se a discordia com echos furibundos
Sacóde a negra facha accessa em ira :
Se o furor, que respira,
Turba os vastos confins d'ambos os mundos :
Tu abrirás no campo da victoria
Novos caminhos para nova glória.

Qual o leão feroz, que generoso,
Brando e grave, na paz encobre a furia,
Mas que depois da injuria
Encrespa a grenha, e firme e valeroso
Arrostra o inimigo, e não descança
Sem tomar no seu sangue alta vingança ;

Tal espero de ver-te, ó novo Marte,
Por entre estragos, mortes e ruinas,
As lusitanas quinas

Levando vencedor por toda a parte,
E igual aos teus maiores sobre a terra
Grande sempre na paz, grande na guerra.

ÍDILIOS

I

O TEMPLO DE NEPTUNO

A JOSÉ BASILIO DA GAMA

Termindo Sipilio.

Adeos, Termindo, adeos, augustos lares
Da formosa Lisboa ; o leve pinho
Já solta a branca véla aos frescos ares.

Amor, o puro amor do patrio ninho
Ha muito que me acena, e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do deos marinho.

Eis a náu que já d'hum, já d'outro lado
Se deita e se levanta; foge a terra,
E me foges tambem, Termindo amado.

Da alegre Cintra a desejada serra
Mal apparece, e o valle, que ditoso
De Lilia e Jonia a voz e a lira encerra.

Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira,
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a real bandeira
Despregada da popa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar de quando em quando
O vento, os varios climas, e o perigo
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva comsigo,
E te arranca dos braços n'um só dia
O suspirado irmão e o caro amigo.

Rijo norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do sol os raios puros
Voltarão e só mar e céo se via :

Quando a esteril Selvage (11) os verde-escuros
Hombros ergueo do sal, que se quebrava
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo, que animava
O retorcido buzio, e diligente
De todo o mar a corte se ajuntava.

Bate as azas um genio, e vêm contente,
N'uma mão a coroa, n'outra a taça,
Deo-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo, pois de Febo a mão escassa
Nega seus dons aos rudes e aos profanos,
Guarda meus versos dessa tosca raça.

Embora os leião peitos sobrehumanos,
Que no cume do monte bipartido
Virão das santas musas os arcanos.

Entrei no templo de cristal polido,
Do grão Neptuno amplissima morada,
E o vi n'um throno de safira erguido.

De frente está de ninfas rodeada
A branca Thetis, as enormes phocas,
E os amântes delfins guardão a entrada.

Os grandes rios, que por largas bocas
Entrão no vasto mar com fama e gloria,
Co' as urnas vêm desde as nativas rocas.

Vejo a paz, a fortuna e a victoria,
O deos da Arcadia, o inventor da lira,
Venus, Amor e as filhas da memoria.

Principe amado, por ti suave gira
Nas cordas d'oiro o delicado plectro
Apollo o move, e Clio assim respira.
Em alto nupcial, festivo metro :

« Do lucido Titan a bella esposa,
De côr de rosa o aureo coche adorna;
E alegre torna a nos mostrar seu rosto,
Cheio de gloria, de prazer, de gosto.

« As brancas azas sobre o novo leito
Aos céos acceito o casto amor estende,
A pira accende, e inda estreitar procura
O mais ditoso laço a fé mais pura.

« Concordia, tu que tens de amor a chave,
Prisão suave tu lhe tens tecida,
De quantos Ida em margens deleitosas
Cria intactos jasmins, e frescas rosas,

« Persico ornato a fertil copia ajunta ;
E de Amatunta a deosa delicada
Vem rodeada dos Cupidos bellos,
Uns voão, outros lhe pendem dos cabellos.

« Casta Lucina, o teu formoso aspecto
Com doce affecto inclina, e nos dê prova
A prole nova que é de amor tributo,
E seja de taes ramos digno fructo ;

« Se fundarão por seculos inteiros,
A vós guerreiros, de Lisboa os muros,
Netos futuros entre gloria immensa
Nascei, é vossa a justa recompensa.

« Cercão o throno a candida verdade,
E em tenra idade a rara fé nobreza,
Graça, belleza, e quanto o céu fecundo
Por honra da virtude envia ao mundo.

« O jubilo nos povos se derrama,
Alegre a fama vai de agoiros cheia,
E a nuvem, feia que a tristeza envolve,
Espalha o vento, e em átomos dissolve.

« Do grande avô o espirito disperso

Pelo universo vôa, aos seus vindouros
Prepara os loiros; vejo a murta, e as palmas,
Dignas coroas de tão grandes almas.

« Possa da augusta filha o forte braço
Por longo espaço sustentar o escudo,
Que ampara tudo o que seu reino encerra,
E encher de astros o céu, de heroes a terra. »

Cantou a musa, e sobre todos chove
Celeste ambrosia; alado mensageiro
Leva as noticias ao supremo Jove.

Ouvio então do mar o reino inteiro
A fatidica voz e o nobre canto
De Proteo, que os futuros vio primeiro.

Cantava como ainda... mas o espanto
Dos olhos me roubou tudo o que eu via,
Que os timidos mortaes não podem tanto.

Cheia de limo e de ostras, dividia
A já cansada proa os mares grossos,
Até que amanheceo o novo dia.

Se emfim respiro os puros climas nossos

No teu seio fecundo, ó patria amada,
Em paz descancem os meus frios ossos.

Vive Termindo, e na inconstante estrada
Piza a cervis da indomita fortuna,
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do throno em solida columna.

A GRUTA AMERICANA

A JOSÉ BASILIO DA GAMA

Termindo Spilio.

N'um valle estreito o patrio rio desce
De altissimos rochedos despenhado
Com ruido, que as fetas ensurdece.

Aqui nã vasta gruta socgado
O velho pai das nymphas tutelares
Vi sobré urna musgosa recostado ;

Pedaços d'ouro bruto nos altares
Nascem por entre as pedras preciosas,
Que o céo quiz derramar n'estes lugares.

Os braços dão as arvores frondosas
Em curvo amphitheatro onde respiram
No ardor da sesta as dryades formosas.

Os faunos petulantes, que deliram
Chorando o ingrato amor, que os atormenta,
De tronco em tronco n'estes bosques giram.

Mas que soberbo carro se apresenta?
Tigres e antas, fortissima Amazona
Rege do alto lugar em que se assenta.

Prostrado aos pés da intrepida matrona,
Verde, escamoso jacaré se humilha,
Amphibio habitador da ardente zona.

Quem és, do claro céo inclita filha?
Vistasas pennas de diversas cores
Vestem e adornam tanta maravilha.

Nova grinalda os genios e os amores
Lhe offerecem e espalham sobre a terra.
Rubins, saphyras, perolas e flores.

Juntam-se as nymphas que este valle encerra,
A deosa acena e falla : o monstro enorme
Sobre as mãos se levanta, e a aspera serra
Escuta, o rio pára, o vento dorme :

« Brilhante nuvem d'ouro,
Realçada de branco, azul e verde,
Nuncia de fausto agouro,
Veloz sobe, e da terra a vista perde,
Levando vencedor dos mortaes damnos
O grande rei José d'entre os humanos.

« Quando ao tartareo açoute
Gemem as portas do profundo averno,
Igual á espessa noite
Voa a infausta discordia ao ar superno,
E sobre a lusa America se avança
Cercada de terror, ira e vingança ;

« És a guerra terrivel
Que abala, atemorisa e turba os povos,
Erguendo escudo horrivel,
Mostra Esphinge e Medusa e monstros novos ;
Arma de curvo ferro o iniquo braço :
Tem o rosto de bronze, o peito d'aço.

« Pallida, surda e forte,
Com vagaroso passo vem soberba
A descarnada morte.
Com a miserrima triste fome acerba;
E a negra peste, que o fatal veneno
Exhala ao longe, e offusca o ar sereno.

« Ruge o leão ibero
Desde Europa troando aos nossos mares,
Tal o feroz Cerbero
Latindo assusta o reino dos pezares
E as vagas sombras ao trifauce grito
Deixam medrosas o voraz Cocyto ;

« Os montes escalvados,
Do vasto mar eternas atalaias,
Vacillam assustados
Ao ver tanto inimigo em nossas praias.
E o pó sulphureo, que no bronze soa,
O céo, e a terra, e o mar e o abysmo atroa.

« Os echos pavorosos
Ouviste, ó terra aurifera e fecundã,
E os peitos generosos,
Que no seio da paz a gloria inunda;

Armados correm de uma e d'outra parte
Ao som primeiro do terrível Marte.

« A hirsuta Mantiqueira,
Que os logos campos abraçar presume,
Vio pela vez primeira
Arvoradas as quinas no alto cume,
E marchar as esquadras homicidas
Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.

« Mas, rainha augusta,
Digna filha do céo justo e piedoso,
Respiro, e não me assusta
O estrepito é tumulto bellicoso,
Que tu lanças por terra n'um só dia
A discordia, que os povos opprimia.

« As horridas phalanges
Já não vivem d'estrago e de ruina,
Deixão lanças e alfanjes,
E o elmo triplicado e a malha fina ;
Para lavrar a terra o ferro torna
Ao vivo fogo e á rigida bigórna.

« Já cahem sobre os montes
Fecundas gotas de celeste orvalho :

Mostrão-se os horizontes,
Produz a terra os fructos sem trabalho ;
E as nuas graças, e os cupidos ternos
Cantão á doce paz hymnos eternos.

« Hide, sinceros votos,
Hide, e levai ao throno lusitano
D'estes climas remotos,
Que habita o forte e adusto Americano,
A pura gratidão e a lealdade,
O amor, o sangue e a propria liberdade. »

Assim fallou a America ditosa,
E os mosqueados tigres n'um momento
Me roubarão a scena magestosa

Ai, Termindo, rebelde o instrumento
Não corresponde á mão, que já com gloria
O fez subir ao estrellado accento.

Sabes do triste Alcindo a longa historia,
Não cuides que os meus dias se serenão,
Tu me guiaste ao templo da memoria ;
Torna-me ás musas, que de la me acenão.

EPISTOLAS

I

AO FIDELISSIMO REI DE PORTUGAL

DOM JOSÉ I

No dia da collocação da sua estatua equestre.

Quo nihil majus, meliusve terris
Fata donavere, bonique Divi,
Nec dabunt, quamvis redeant in aurum
Tempora priscum.

HORAT., lib. IV, od. II, v. 57.

Gran rei, vossas acções crescem de dia em dia,
E dos nossos desejos excedem a porfia.
Por entre mil e mil da patria o zelo, o amor
Vacilla, e não decide qual d'ellas é maior.
Se vós fosseis um rei flagello dos seus povos,

Que em novas crueldades fizesse os dias novos,
Poderia a lisonja facil em seus louvores
Vestir pequenas cousas co' as mais brilhantes côres ;
Mas as vossas virtudes grandes por toda a parte
Apparecem mais bellas sem os adornos da arte ;
E a sua clara luz, que tanto o muudo admira,
Me faz hoje das mãos cahir o plectro e a lyra.
Se a candida verdade não soffre algum desar,
E juncto ao vosso throno tem posto o seu altar ;
Quem poderá, cantando mil feitos singulares,
Metter em breve concha toda a extensão dos mares?
Falle a nova Lisboa, que alegre e magestosa
Renasce e cresce á sombra da mão que a faz ditosa.
Se das fataes ruinas conserva inda a memoria,
É por dobrar as causas á sua immensa gloria.
Da formidavel hydra as serpes enroscadas
Feliz Europa vio d'um golpe decepadas,
E em vão ainda o corpo, que a negra morte abrange,
Brota froxas cabeças, que talha herculeo alfange.
Eu ouço ao longe as armas, que vam por varias partes
Soltando a estranhos ares os lusos estendartes.
Trema de novo o Indo ao ver das suas praias
O raio abrazador sobre nadantes faias :
O Guaporé (12) selvagem, não visto em seus rochedos,
Mostre de mil campanhas incognitos segredos ;
E em quanto entre thesouros saudosa, patria minha,

Vens adorar no Téjo dos mares a rainha,
O Paraguay... mas não : ser rico e poderoso,
Vencer e conquistar não faz um rei ditoso.
Mandar sobre as cidades horror, morte e trovões,
Bem podem Albuquerque, Turenas, Scipiões :
Dar justas leis aos povos, unir com firme laço
Paz, abundancia, amor : á custa de seu braço
Ver notar os seus dias por epocha feliz,
É só para José ou Cesar ou Luiz.
Mondego esclarecido, não temas neste dia
Soltar a doce voz de amor e de alegria.
Tuas fecundas margens seccas e estereis viste,
E as grutas te escondêram desconsolado e triste ;
Mas hoje as bellas nymphas de flores e de frutos
Ao magnanimo rei já levárão tributos :
Prodíga os seus thesouros, e os sabios felicita
Real, augusta mão, que as artes resuscita.
Ellas já se levantam do escuro abatimento
Para voar ao cume da gloria, e luzimento,
E os louros immortaes nos bem fundados muros
Dirão quem os plantou aos seculos futuros.

Já no lugar das uvas ondeam as searas :
O lavrador contente das terras pouco avaras
Recolhendo o tributo, de espigas se coroa,
E estes hymnos por vós c'os filhos seus entoa :

O' rei digno de o ser ! primeiro sem segundo !
« Possam por vós formar-se todos os reis do mundo !
O céo, que vos protege, por nos fazer ditosos,
Alongue vossos dias, 'ó dias preciosos ! »

O pirata africano, que a lua traz na frente,
Deseja e firma a paz co' a lusitana gente.
Ao barbaro enamoram tão raras maravilhas,
Que das vossas virtudes são as illustres filhas.
As libycas campanhas sem susto, nem receio
A abundancia derramam, abrindo o vasto seio.
Já não geme Neptuno co' pezo das rapinas,
Neptuno, que se alegra ao tremular das quinas.
Por vós o vulgo inerte se faz industrioso,
E ve de seus trabalhos o fruto venturoso.
Triunfante a justiça do céo ao mundo torna,
E os pacificos dons chêas as mãos entorna :
A feliz innocencia respira em doce abrigo :
Os tyrannos do povo não ficam sem castigo,
As virtudes se adoram, desterram-se os abusos
Dos seculos grosseiros mal entendidos usos.
Fanatismo, ignorancia, feroz barbaridade
Cahiram, como a sombra, que foge á claridade.
Ditoso Portugal, que em tão florente estado
Repetes com ternura do rei o nome amado !
O' grande pae da patria ! mostrou-se o céo adverso

Por vos fazer maior aos olhos do universo.
Que eu não possa aos impulsos do zelo que me inflama,
Acompanhar os voos da vossa illustre fama!
O' musas, onde estais? o genio em vão suspira :
Ou dai-me novo alento, ou quebro a ingrata lyra.
Mas em quanto occupadas do bronze, que animastes,
Teceis murtas e palmas e louros que plantastes,
Na adusta mão vos traz desconhecidas flores
O genio, a quem adornam pennas de varias côres.
O ouro, os diamantes arroja, que só préza
A fé devida ao rei, e os dons da natureza.
Levai, levai ao throno a pura lealdade
D'almas, que não conhecem orgulho, nem vaidade.
E entre o immenso prazer, que os corações opprime,
Que pelo mudo pranto energico se exprime,
Erguei aos céos a estatua : gravai-lhe aos pés Lisboa,
Os monstros debellados, o athlante da coroa :
Gravai quantas virtudes formam um rei perfeito,
Eterno monumento de amor e de respeito.
O' illustre cizel, que tens o premio justo,
Quando esculpes no bronze dos reis o mais augusto!
Machado (13) e Girardon (14) serão nomes iguaes ;
Pois tu não foste menos, nem seu heroe foi mais.
Mas tambem os meus versos o tempo não consome,
Porque respeita nelles, gran rei, o vosso nome.
Se o meu pincel sincero vos pode retratar,

Não tenho que temer, não tenho que esperar.
Da meonia carreira toco a difficil méta,
O amor da vossa glória foi quem me fez poeta.

A JOSÉ BASILIO DA GAMA

Termino Sipilio.

Genio fecundo e raro, que com polidos versos
A natureza pintas em quadros mil diversos :
Que sabes agradar, e ensinas por seu turno
A lingua, que convem ao tragico cothurno :
Teu Pegaso não vòa furioso, e desbocado
A' lançar-se das nuvens no mar precipitado,
Nem piza humilde o pó ; mas por um nobre meio
Sente a doirada espora, conhece a mão, e o freio :

Tu sabes evitar se um tronco, ou jaspe animas
Do sombrio Hespanhol os gothicos enigmas,
Que inda entre nós abórtão alentos dissolutos,
Verdes indignações, escandalos corruptos.
Tu revolves e excitas, conforme as occasiões,
Do humano coração a origem das paixões.

Quem vê girar a serpe da irmã no casto seio,
Pasma , e de ira e temor ao mesmo tempo cheio
Resolve, espera, teme, vacilla, gêla e còra,
Consulta o seu amor e o seu dever ignora.
Vóa a farpada setta da mão, que não se engana :
Mas ai, que já não vives, ó misera Indiana!
Usarás Catullo na morte de quem âmas
D'alambicadas frazes e agudos epigrammas?
Ou dirás como é crível, que em magoa tão sentida
Os eixos permanecção da fabrica luzida?

Da simples natureza guardemos sempre as leis
Para mover-me ao pranto convem que vós choreis.
Quem estuda o que diz, na pena não se iguala
Ao que de magoa e dôr geme, suspira e cala.
Tu sabes os empregos que uma alma nobre busca,
E aquelles que são dignos do mandrião Patusca,
Que alegre em boa paz, corado e bem disposto,
Insensível á tudo não muda a côr do rosto :

Nem se esquece entre sustos, gemidos e desmaios
Do vinho, do prezunto, dos saborosos paios.
Tu espalhando as flores a tempo e em seu lugar,
Deixas ver toda a luz sem a querer mostrar.

Indiscreta vangloria aquella, que me obriga
Por teima de rimar a que em meu verso diga
Quanto vi, quanto sei, e ainda é necessario
Mil vezes folhear um grosso dictionario.
Se a minha musa esteril não vem sendo chamada,
Debalde é trabalhar, pois não virá forçada.
Se eu vou fallar de jogos, só por dizer floraes,
Maratonios, circenses, pythicos, juvenaes,
O critico inflexivel ao ver esta arrogancia
Conhece-me a pobreza, e ri-se da abundancia.
Quem cego d'amor proprio colerico s'accende,
E mostruosos partos porque são seus defende,
Sua, braceja, grita, e já depois de rouco
Abre uma grande boca para mostrar que é louco :
Forma imagens de fumo, phantasticas pinturas,
E sonhando c'as musas em raras aventuras
Vai ao Pindo n'um salto de lira e de coroa :
Nascem-lhe as curtas pennas, e novo cysne vòa :
Igual ao cavalleiro, que a grossa lança enresta,
C'o elmo de Mambrino sobre a enrugada testa,
Vai á região do fogo n'um banco escarranchado,

De onde traz os bigodes e o pello chamuscado.

Se cheio de si mesmo por um capricho vão
Tem por desdouro o ir por onde os outros vão,
É c' o dedo apontado famoso delirante,
Que por buscar o bello, cahio no extravagante :
Bem como o passageiro, que nescio e presumido
Quiz trilhar por seu gosto o atalho não sabido,
Perdeo-se, deo mil giros, andou o dia inteiro,
E foi cahir de noite em sordido atoleiro.
Eu aborreço a plebe dos magros rimadores,
De insipidos poemas estupidos auctores,
Que freneticos são sem gosto, nem proveito,
Amontoando frases a torto e a direito :
Vem o louro Mondego por entre as nimphas bellas,
Que de flores enlação grinaldas e capellas :
Surgem do verde seio da escuma crespa e alva,
Do velho Douro as cans, do sacro Tejo a calva.
Escondei-vos das ondas no leito cristalino,
E sahi menos vezes do reino neptunino :
O que se fez vulgar perdeu a estimação :
E algum rapaz travesso vos póde alçando a mão
Cobrir d'arêa e lama, por que sirvaes de rizo
A' turba petulante da gente ainda sem sizo.
Se falla um deos marinho, e vem a borbotões
Amejoas e perseves, ostras e berbigões ;

Se os languidos sonetos manquejão encostados
A's flautas, aos surrões, pellicos e cajados :
Minha musa em furor o peito me enche d'ira
E o negro fel derrama nos versos, que me inspira.

Autor, que por acaso fizeste um terno idilio,
Não te julgues por isso Theocrito ou Virgilio :
Não creas no louvor de um verso que recitas,
Teme a funesta sorte dos Meliseos e Quitas :
Que muitos applaudirão quinhentos mil defeitos
Nos papeis, que hoje embrulhão adubos e confeitos.
Se o casquilho ignorante, com voz enternecida,
Repete os teus sonetos á dama presumida,
Por mais que ella te aclame bravissimo poeta,
Da espinhosa carreira não tens tocado a meta :
Pois tarde, e muito tarde, por um favor divino
Nasce por entre nós quem de coroa é dino.
Quem sóbe mal seguro, tem gôsto de cahir,
E a nossa idade é fertil de assuntos para rir.
Equivocos malvados, frivolos trocadilhos,
Vós do pessimo gôsto os mais presados filhos,
Deixai ao genio luso desempedida a estrada,
Ou Boileau contra vós torne a empunhar a espada.
Mas onde, meu Termindo, onde me leva o zelo
Do bom gosto nascente? O novo, o grande, o bello
Respire em tuas obras, em quanto eu fito a vista

No rimador grosseiro, no misero copista,
Tantalo desgraçado, faminto de louvor,
Que em vão mendiga aplausos do vulgo adorador.

Do throno regio, augusto, benigno um astro brilha
Entre esperança, amor, respeito e maravilha;
E á clara luz, que nasce do sceptro e da coroa,
Grande se mostra ao mundo, nova, immortal Lisboa :
Se ella o terror levou nas voadoras faias
Por incognitos mares á nunca vistas praias,
Se entre nuvens de settas ao meio das alfanges
Foi arrancar as palmas, que ainda chora o Ganges,
Da paz no amavel seio, á sombra dos seus louros
Hoje aplanam os caminhos aos seculos vindouros :
A gloria da nação se eleva, e se assegura
Nas lettras, no commercio, nas armas, na cultura.
Nascem as artes bellas, e o raio da verdade
Derrama sobre nós a sua claridade.
Vai tudo á florecer, e porque o povo estude
Renasce nos theatros a escola da virtude.

Consulta, amigo, o genio, que mais em ti domine :
Tu podes ser Moliere, tu podes ser Racine.
Marquezes tem Lisboa, se cardeaes Pariz
José pôde fazer mais do que fez Luiz.

THESEO A ARIADNA

HEROIDE

THESEO Á ARIADNA

Inconstante Ariadna ambiciosa,
Que, por cobrir a feia aleivosia,
Depois de ser perjura és a queixosa :

Essas asperas queixas, que m'envia
Teu falso coração, formosa ingrata,
Já não são como as queixas d'algum dia.

Tudo a fiel memoria me retrata.
Fui a tua esperança, o teu conforto :
Agóra sou o roubador, pirata.

Quizera o céu que me chorassem morto
(Por não sentir as penas que hoje sinto)
Antes de ver da infausta Creta o porto.

Achei de sangue humano farto e tinto
Homem e touro o monstro, que espalhava
Morte e terror no cego labyrintho.

Vi lançar-se da torre, que habitava,
O artifice engenhoso ; o como aos ares
Sobre as azas de cêra se entregava.

Filho infeliz, que deste o nome aos mares,
Quanto inveja Theseo a tua sorte,
Depois de ter chegado aos pátrios lares !

Temeste (cu não o nego) a minha morte,
Mudavel Ariadna ! O laço estreito
De um novo e puro amor julguei mais forte.

Da tua bella mão o fio acccito,
Que me serve de guia : encontro e luto
C' o formidavel monstro peito a peito.

Livre a patria do fatal tributo ;
Mas o premio maior d'esta victoria
Era gozar do nosso amor o fruto

Que breve, ó deoses, foi a minha gloria!
Já sobre a náó cecropida nos vemos,
E eu me julgo feliz . doce memoria!

Reina a calma no mar ; e nós perdemos
De vista a Creta : geme felizmente
E escuma o sal batido por cem remos.

Quatro vezes da noite descontente
Rasgou a branca Aurora o véo sombrio,
Abrindo as aureas portas do oriente.

Quando vimos o bosque e a foz do rio
Alegre e socegado ; os marinheiros
Conhecerão de longe a verde Chio.

Pizamos logo os montes e os outeiros,
Offerecendo aos deoses tutelares
Uma branca novilha e dous cordeiros.

No bosque inda fumavão os altares :
Tu dormias : as nuvens se amontoão,
E principião a engrossar-se os mares.

Corro a firmar as ancbras : já são
Das ondas os rochedos açoitados,
E os ventos e os trovões o mundo atroão,

Faltou a amarra : a meu pezar os fados,
Que tristissimos fados ! me levarão
Co' as negras tempestades conjurados.

Sabe o céo que fadigas me custarão
Então as tuas lagrimas e penas,
Que as minhas cá de longe acompanharão.

Sem leme já, sem mastro e sem antenas,
Vão ludibrio dos mares e dos ventos,
As tristes praias avistei de Athenas.

Ariadna occupou meus pensamentos :
Meu coração a teve sempre á vista
Para mais avivar os meus tormentos.

Que fruto logras de uma tal conquista,
Theseo amante, filho sem ventura?
Quem haverá que á tanta dôr resista !

O velho Egeo, que os immortaes conjura
Por ver alegre o fim dos meus perigos,
Teve no mar funesta sepultura.

Entre aplausos da patria e dos amigos
O triste coração suspira e sente
O puro amor e seus farpões antigos.

Por dar-te um novo reino impaciente,
Espero que depondo furor tanto,
Neptuno aplane as aguas c' o tridente.

Duas náos tenho prontas; mas em tanto
Espalha a fama por diversas partes,
Que o moço Bacho te enxugára o pranto.

Que ambiciosa ao ver os estandartes
Do alegre Indiano, e seus cabellos louros,
Facil com elle o meu amor repartes.

Se reino ou fama ou gloria entre os vindouros
Busca a tua ambição n'um ser divino,
Eu sou Theseo, Athenas tem thesouros.

Egeo sahio do reino neptunino :
Na fatidica não aventureiro
Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.

Não foi Jason, nem Hercules primeiro
Combater c'os dragões... tu suspiraste,
Vendo encher o meu nome o mundo inteiro.

Inda me lembra o dia que apertaste
C'o a minha a tua mão : dos nossos laços
Por testemunha o mesmo céo chamaste.

Tu não viste correr longos espaços,
Que desculpão o frio esquecimento;
E chego á ver-te alhêa n'outros braços?

É esta a fé devida ao juramento?
Responde, ingrata, desleal, mais dura
Do que a rocha, e mais varia do que o vento!

Saião do seio da lagoa escura,
Que o mesmo Jove de offender recêa,
Negras furias, que o meu temor conjura.

Empunhe a ingrata o tyrso, e sobre a arêa
D' uma praia deserta os tigres dôme,
Com que o seu novo amante se recrêa.

Com tanto que o amor, que me consôme,
Em odio se converta... ah que eu deliro
E não posso esquecer-me do seu nome!

Ventos, que me obrigastes ao retiro,
Levai minha ternissima saudade;
Conheça embôra a ingrata que eu suspiro.

Possão servir de exemplo em toda a idade
Os nossos nomes, despertando a historia
Do meu amor, da tua variedade.

Sirva este meu tormento á tua gloria :
Pague eu embora a culpa do meu fado ;
E roube-me das mãos outro a victoria.

Porque não fui do monstro devorado !
A minha desventura me guardava,
Porque fosse depois mais desgraçado.

Frondosos arvoredos, onde estava
Ariadna cruel, quando dormia,
E a meu pesar a onda me levava :

Vós, amarellas flores ; tu sombria,
Musgosa gruta, onde a infiel descança ;
Mostrai-lhe a minha imagem noite e dia :

Eu era o seu amor, sua esperança,
O ultimo... o primeiro... o céos ! perjura !
Quanto me custa esta cruel lembrança !

Não ha mais que esperar da sorte dura !
Voai, remorsos, á vingar-me : ao menos
Rodeai-a no seio da ventura :
E turbai os seus dias mais serenos.

OS VICIOS

SATIRA

**Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.**

HORAT., Satir. 1^a.

OS VICIOS

A satira grosseira por qual caminho novo
Deixou os feios crimes, com que assustava o povo?
Baccho enrolando a parra nos tempos da vendima,
De fézes tinto o rosto, dictou obscena rima :
Vio Thespis menos torpes os satyros violentos
E da tragica scena lançou os fundamentos :
Da plebe iniqua e rude já com melhor destino
A satira passou para o paiz latino,
Quando o feroz Lucilio c'o o braço levantado
Ferio grande e pequeno c'um azorrague hervado :

Tão grande liberdade foi logo reprimida,
E, sendo mais honesta, não foi menos temida,
O espelho, que não mente, mostra a Horacio,
Fez Persio e Juvenal tremer depois o Lacio.
Veio Regnier e veio Despreaux com artificios,
E fez que alguém se risse ao ver seus proprios vicios ;
E a nossa antiga gente julgou por impiedade
Zombar dos prejuizos que reinão na cidade ;
Confundindo o libello, que as justas leis offende,
Com a satira urbana, que os vicios reprehende :
Mas esse véo grosseiro, que as luzes encobria,
Rasgou-se e deo logar ao mais sereno dia.

Quanto se deve á mão, que rege o sceptro augusto !
Cahio a estupidez ; podemos rir sem susto :
Se a querem levantar os timidos sequazes,
Já sofre piparotes e pulhas dos rapazes.
Animo agora, ó musa ! que as letras tem Mecenas :
Não temos que invejar de Roma, nem de Athenas,
No meio é que a virtude tem firme o seu lugar,
Quem vai pelos extremos não a deseja achar.

Triste, cançado e magro o sordido avarento
Harpagon as moedas ajunta cento á cento :
Não fuma a chaminé, na casa reina a fome ;
Quem póde adivinhar o que, e quando come.

Conta-se que uma vez por festa do Natal
Comprou dez réis de nabos : oh época fatal !
« — Quebrou-se... oh dia triste, dia de graves danos !
Quebrou-se-me a panella, que tinha quarenta annos ?
Oh nabos ! oh desgraça ! oh infeliz panella !
Que tão pouco duraste ! ficou-me esta tigella,
E pondo-a sobre as brazas, rebenta ; no estampido
Cobre de negras cinzas o velho espavorido,
E para maior magoa quiz o inimigo fado
Que de carvões volantes fosse o calção tostado ! »
Depois de tantas perdas fez voto, e com razão
De nunca mais gastar nem lenha, nem carvão :
De dia conta os sacos, de noite posto á vella,
Espreita e de si mesmo recêa e se acautella :
Treme ao leve ruido do vento, que sussurra ;
Tem o seu deos guardado na chapada burra :
É justo o que lhe agrada, e só lhe agrada o ouro,
Que adora e que o faz pobre no meio do thesouro :
Mata a rabuge o cão, e, o miseravel gato
Vive, por que em descuido pilha por sorte um rato.
Que usuras descaradas ! que furtos, que rapina
Achou da vil trapaça na detestavel mina !
Ao triste devedor no inverno desabrido
Despe insolente as filhas, quer tudo convertido
Em ouro n'um leilão passado á quem der mais ;
Vê sem remorso o pranto, ouve sem pena os ais :

Menos mexoravel em seus caprichos cegos
Achiles vio morrer junto das náos os Gregos.
Escravo da riqueza, miserrimo usurario,
Iuda, c'o a morte á vista, recusa o necessario :
Um caldo de galinha restaura a natureza ;
Um caldo ! ha neste mundo quem faça tal despeza !
Moeda despendida ou tarde ou nunca torna :
A tóce que me afflige, curo com agoa morna ;
E para a ter á mão, achei um facil meio,
Pois n'um pequeno vidro a aquento aqui no seio :
E sem carvão, nem lenha, nem outras invenções,
Dos medicos me rio nas minhas defluxões.
Harpagon, Harpagon, trôpego, triste e velho
Contempla o teu estado ; eu te apresento o espelho :
Mas ah que tu desmaias ao ver-te em tal figura,
Espectro descarnado n'uma caverna escura
Já para respirar te faltão os pulmões ;
Vigilias, frios, fome, cuidados e afflicções,
Nos braços te lançarão da morte enfurecida :
Responde : « — Que acção boa fizeste em tua vida ?
Que premio conseguiste por dias tão cançados ? »

« — Enchi aquella burra de dobras e cruzados.
Oh que inuteis fadigas, que sordidos trabalhos,
Para ter um capote com mais de mil retalhos !
Capote de arco iris, gala de todo o anno,

Que nem tu mesmo sabes qual foi o antigo pano :
E o ventre que escondido nos ossos mais trazeiros
Vio em longas dietas passar trinta janeiros !
E que querias tu ? Que eu fosse um dos casquilhos,
Que gastão o cabedal em chitas e polvilhos ;
Ou pródigo glotão, que passa o dia inteiro
Rodeado de copos, bebendo o seu dinheiro ?
Que sem lançar as contas ás minhas fracas rendas,
Juntasse os caçadores de cêas e merendas ?
Não : essa boa gente comigo não faz vasa ;
Eu gósto de banquetes, mas nunca em minha casa :
Os lucros vão menos, não ha ganhar vintem ;
E aquillo, que se poupa, é só o que se tem,
Por isso o novo herdeiro promette á boa fé
Gastar em carruagem quanto ajuntaste a pé. »

Quem é este que passa vaidoso em seu caminho ?
E do avaro Harpagon o pródigo sobrinho,
Que alegre vio morrer o sórdido avarento,
De forças exaurido por falta de alimento :
Co' as chaves abraçado o tio inda espirava,
Quando elle grandes coisas na idea já formava :
Eis um palacio erguido, bordados reposteiros,
Que por argolas correm á voz dos escudeiros :
Revestem-se as paredes de peregrinas côres,
Que sobre os ricos panos varrião os labores :

Seges, bestas, lacaios, que tem seus apellidôs,
Que imitão a seu amo, fazendo-se atrevidos.
Ao sumptuoso, ao grande luxo o fasto iguala,
Os teus quadros, ó Rubens, adornão esta sala;
Nest' outra que moldura não tem cada painel,
Obra da sabia mão do illustre Rafael!
Que falta mais? amigos, e amigos que vêm logo
Leval-o ás assembléas, ao lupanar, ao jôgo.
Cheira a cosinha ao longe : tres mestres occupados
Dispõe por arte as massas, os môlhos e os assados :
Tres mestres! e são todos precisos nas funções,
Para dar os banquetes ao gosto das nações;
Que fôra grão desar e acção menos presada
Pôr ao sombrío Inglez a mesa afrancezada :
Tudo que é fino, e bom aqui aos montes acho,
Como as coisas grosseiras nas vodas de Camacho : (15)
Que faz destas mulheres tão grande ajuntamento,
Que me parecem pobres á porta de um convento?
Tudo é gente vadia, que tem algum direito
De arrecadar os roubos que em casa se tem feito :
Encobrem-se uns aos outros, e furta o bolieiro,
Lacaiio, comprador, mordomo e cozihneiro.
De dia e noite o cercão cem mil adultores,
Que dos seus desvarios celebrão os louvores :
« — Vós sois homem de bem (lhe diz, sereno o rosto,
Panurgo adulator), tendes juizo e gosto;

Quanto os seus bellos dons comvosco o céo reparte!
 Sois Alexandre e Cesar, sois Hercules e Marte,
 Sois Adonis, Narciso... e que hei de dizer mais?
 Sois homem sem segundo, que á todos admirais :
 Do vosso nome a gloria, e as inclitas acções
 Celebra ao longe a fama por todas as nações.
 Prosegue, e quando o vê bem cheio de vaidade,
 Expõe-lhe a sua triste cruel necessidade ;
 E o ávido mancebo, que mais louvor deseja,
 De cem dobras a bolsa magnanimo despeja,
 Dobras por quem o tio, já macilento e fraco,
 Quiz antes ver a morte que desatar-lhe o sacco.
 Duvida que haja frio ou tragadora fome ;
 Sem pezo, nem medida tudo o que tem consome ;
 Que muita gente sabe vencer a sorte dura,
 Mas perde as estribeiras no cume da ventura.
 Esgotão-se os thesouros, torna ao estado antigo,
 Todos os desconhecem, não acha um só amigo ;
 E os mesmos argonautas, por mofa e por desdouro,
 Celebrão a conquista do Velocino d'ouro.
 Eil-o de porta em porta ; que mendigar pretende :
 Que amargos fructos colhe, quem tarde se arrepende !
 Infeliz ! que abatido em tão adversa sorte
 Até lhe faltão meios de abreviar a morte :
 Uma corda deseja, mas o desejo é vão ;
 Porque uma corda custa metade de um tostão.

De excessos e desgostos na esqualida presença
Se ajuntão os algozes da palida doença :
Coberto em fim de opprobrio, com fome e sem real,
Vai terminar seus dias á porta do hospital :
Lá ficão as irmãs pobres na flor da idade,
Expostas ao perigo da vil necessidade ;
E Eulipio o barregão sem fé, sem lei, sem pejo,
Soltando alegre as velas no mar do seu desejo,
Com dadivas, com rogos e ainda com violencia
Coge-çofar será da misera innocencia :
E os vãos dissipadores de sua rica herança ;
Tudo, e até os seus nomes, apagão da lembrança ;
E se alguém se recorda da pródiga loucura,
Ê para as insultar na sua má ventura.
Que tristes consequencias, que funebre retrato
Mostra de seus costumes o pródigo insensato !

Creonte o atrabilario compõe de sorte o rosto,
Que a todos enfastia c'o o seu mortal desgosto ;
Affecta o ser sincero, e em falta de razões
Mostra o seu desprazer no gesto e nas acções ;
Encolhe o hombro ás vezes, e o modo seu me ensina
Que ha rizo mais picante que a satira mais fina !
Elle aborrece os homens, mas elles com cuidado
Da sua vista fogem, como de cão damnado :
Sempre raivoso e fero, não tem mais grato estudo

Do que inventar os meios de pôr veneno em tudo :
Ao mesmo sexo amavel dirá, franzida a testa,
Que a triste velha é bruxa, que a moça é pouco honesta :
Quem ha que escape á bilis, que o séca e que o devora ?
Se um canta, é porque canta ; se um chora, é porque chora.
Lidoro observa ós astros ? Perde seu tempo em vão.
Ticio estuda direito ? Será grande ladrão
Com gosto a medicina Biophilo se applica ?
Não vale contra a morte sciencia, nem botica
Nicandro faz bons versos ? É léve de miolo.
Emilio não os faz ? Não tem que ver, é tolo.
Tudo vos desagrada ? E que dirão de vós,
Que tudo escarneceis com vosso genio atroz ?
Ainda espero ver-vos com quatro bonifrates
Reger o mundo em sêco na casa dos orates ;
Lá da vossa loucura dando as mais certas provas,
Veremos fecundar vóssas idéas novas.

Em tanto Atalafron, que em tudo acha belleza
Pretende ser distincto na graça e gentileza ;
Tudo lhe causa gosto ; que genio singular !
Até se pôe a rir de ver os mais chorar :
Sempre mordendo os beiços, estuda com cuidado
Um vagaroso andar, um gesto adócicado :
Conhece das pomadas o auctor e os nomes varios,
Que podem bem formar dous grossos dictionarios :

Polindo cada dia tres vezes as fivélas,
Cuida que todo o povo só põe os olhos n'ellas ;
Este novo Niréo busca ao entrar na igreja
Um sitio descoberto, para que o mundo o veja :
Tem gosto e para as modas dá novas eleições ;
Sempre aos amigos falla, contando-lhe os botões,
Quanto ouve na assemblêa, depois por seu nos vende,
Galra de pressa e muito, mas elle nada entende :
Até, quando conversa, vós o vereis em pé
Fazer passos de dança, rosnando um *trió-lé* :
Se tem de responder, primeiro entoará
O lindo retornello *Laran-ta — rá-lá — rá*.

Tartufo Jacobêo, que déstro em novas manhas,
Sabe contos de velhas, urdidos de patranhas :
Dos santos o logar crê que não é muito alto ;
Diz c'o as contas na mão, lá quer chegar de um salto :
Devoto beija o chão, fazendo mil tregeitos ;
Os olhos põe no céu, bate com força os peitos :
Mas a inveja, a soberba, a intriga e a ambição
São todas as virtudes, que tem no coração :
Para qualquer maldade um destes se aparelha,
Lobo-cerval coberto c'o a lã da mança ovelha :
Que vezes lhe não foi nas impias mãos achado
Fogo devorador ou ferro ensanguentado !

Clitandro de outra parte, moço de engenho fino
É contra o Jacobêo, mas faz-se libertino :
As mais santas verdades são fábula aos seus olhos,
Quiz evitar as pedras, cahio sobre os abrólhos :
Serve-se em todo o caso do lume natural ;
Nem sei se elle acredita, que tem alma immortal :
Mas longe o libertino; longe o devoto falso,
De rizo menos digno que de odio e cada falso ;
Para vicios oppostos são varios os caminhos.
Ruflo cheira á almiscar, Gregorio a raposinhos :
Deve cheirar-nos mal, quem sempre cheira bem ;
Fujamos dos extremos, tudo seus meios tem :
Mas quão poucos estimão o virtuoso meio !
De cabeças vazias o mundo está bem cheio :
Quem mais quer distinguir-se, não é quem mais repousa
Pois juizo entre loucos é perigosa cousa.

Nascido na provincia Ergasto ainda ignora
Os affectados modos, que o vão casquilho adora :
Doma um feroz cavallo, e sabe posto em terra
Repulsar n'um ataque todo o furor da guerra :
É justo, é moderado ; mas vem servir de riso,
Porque sobre o espelho não sabe ser Narcisso ;
« — Ignoras (lhe diz um), como se toma o chá. »
« — Nem tem este ar de côrte » (diz outro d'acólá) :
Já cresce dos topétes a turba louca e infame,

A quem o bom mancebo pergunta em seu vexame :

— Aristo, o sabio Aristo, que altos heroes imita,

É Espartano fórte ou fraco Sybarita?—

Elles tornão á rir, mas sem saber porque,

E o aldeão prudente, que afflicto e só se vê,

Deixa a cidade, foge do luxo e desconcerto,

Para viver honrado no seu feliz deserto.

O CANTO DOS PASTORES

EGLOGA

A ILLUSTRÍSSIMA E EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

DONA J. J. DE L. F

Da alegre primavera o carro de oiro
Apparece no céo : com gyro eterno
Renova a natureza o seu thesoiro,
 E o carrancudo inverno,
Levando as negras nuvens pelos ares,
Vai n'outros climas revolver os mares.

Digna filha de heroes, que em paz e em guerra,
Dão claro exemplo ás ultimas idades,
Por quem lugubre e triste, ao ver por terra
 E muros e cidades

Asia tremeu e o ferro ensanguentado
Cahiú das mãos ao malabar ouzado :

Em quanto a bella Cintra ouvir deseja
De vossos doces versos a harmonia,
Que o mesmo filho de Latona inveja,
A rustica porfia
Ouvi, se honrar quereis dos meus pastores
A voz, a flauta, os versos e os amores.

O CANTO DOS PASTORES

ALCINDO E MIRTILO

ALCINDO.

Que saudoso lugar! Em roda as flores
Nascem por entre a relva : estes pinheiros
Parecem suspirar tambem de amores.

Canta, Mirtilo, ao pé d'estes loureiros,
Onde Adonis cantou triste e saudoso
O injusto amor nos dias derradeiros.

O zephyro respira; o sol formoso
Vai dos troncos as sombras apartando,
Que já se inclina o carro luminoso.

O rouxinol te está desafiando :
Querem-te ouvir os verdes arvoredos,
Que o vento faz mover de quando em quando,
E a musa que de amor sabe os segredos.

MIRTILO.

A ver-se, ó nymphas, n'esta fonte pura
Vem Celia, amor e as graças melindrosas.
Turbai-lhe as aguas desfolhando rosas;
Não lhe mostreis tão rara formosura.

ALCINDO.

Risonhas flores, que um estreito laço
Formais de vossos ramos na floresta,
Sei que Glaura vos ama; pela sesta
Deixai-vos desfolhar no seu regaço.

MIRTILO.

Vêm, ó Celia, dos asperos abrolhos

Verás nascer as delicadas flores ;
São negros os teus olhos matadores
E os cabellos também da côr dos olhos.

ALCINDO.

O rizo, que é de amor doce thesoiro,
Comsigo traz a nympha por quem peno.
Seus olhos são da côr do céu sereno
E o cabello ondeado fios de oiro.

MIRTILO.

Eu me queixava ás arvores e ás fontes
Do ingrato amor : mas Celia que me ouvia
Por mim despreza desde aquelle dia
O mais rico pastor dos nossos montes.

ALCINDO.

O primeiro fui eu que o vivo lume
No teu peito accendi : por seus ardores
Tu, Glaura, sabes o que são amores,
Mas eu inda não sei o que é ciume.

MIRTILO.

Assombrai, verdes murtas, os logares
Que escolhe Celia pelo ardor da sesta ;
Amarei outro bosque, outra floresta
Se aqui tem meu amor os seus altares ?

ALCINDO.

Glaura não colhe os sazoados frutos,
As flores sim, as flores mais mimosas ;
Crescei jasmins, crescei lyrios e rosas,
Pagai a meu amor os seus tributos !

MIRTILO.

N'este lugar achei Celia dormindo,
O meu nome escrevi na sua lyra :
Aparto-me, ella acorda, lê, suspira,
E eu suspiro tambem de estar a ouvindo.

ALCINDO.

Amou-me Lydia um tempo : os seus amores

Ella mesma entalhou n'um cedro antigo;
Glaura os vinha apagar; mas deu commigo
E um casto pejo a fazer mudar de côres.

MIRTILO.

N'uma gruta assombrada de rochedos
A Celia dava os meus suspiros tristes
Troncos, arbustos e echos que me ouvistes,
Ninguem saiba de vós os meus segredos.

ALCINDO.

Cheio de máguã e dôr, n'um bosque espesso
Dei ao fresco favonio os meus suspiros;
Nymphas, vós que habitais estes retiros,
Dizei á bella Glaura o que eu padeço.

MIRTILO.

Ligou-me Celia com festões de flores,
E escondeu por um pouco o lindo rosto.
Pude romper os laços; mas por gosto
Fiquei da sua mão prezo de amores.

ALCINDO.

Não sei por que delicto me condemna
Amor lançando-me os grilhões pezados,
E, rindo-se depois de meus cuidados,
Para ouvir os meus ais, me dobra o pranto.

MIRTILO.

Amor, faze que o tempo ao dar seus gyros
Não roube a Celia as graças singulares;
Que eu levarei contente aos teus altares
Minhas maguas, meus ais, e os meus suspiros.

ALCINDO.

Embora, Glaura, um dia a desventura
Consuma a viva côr do teu semblante;
Amo o teu coração, fiel, constante,
Que vale mais que toda a formosura.

ÁS ARTES

POEMA

ÀS ARTES

Já fugiram os dias horrorosos
De escuros nevoeiros, dias tristes,
Em que as artes gemeram desprezadas
Da nobre Lysia no fecundo seio.
Hoje cheias de gloria resuscitam
Até nestes confins do Novo Mundo (16).
Graças á mão augusta que as anima!

Vejo grave matrona meditando (17)
Com os olhos no céu; a mão exacta

Dos planetas descreve o movimento;
Por justas leis calcula, pesa e mede
Forças, massas e espaços infinitos.
Dous genios voadores lhe apresentam
Movel eburneo globo, em que ella grava
Os limites do imperio lusitano.
Ella dirige sobre os vastos mares
Nadantes edificios que transportam
Os thesouros, e as armas de que treme
O ultimo occaso, o primeiro oriente.

A par desta outra deosa move os passos (18)
Da firme experiencia sustentada,
Ella conhece as causas e os effeitos;
Ella exerce, ella augmenta e diminue
Da natureza as forças; a luz pura
A travez do crystal separa os raios,
E mostra aquellas primitivas côres
Que formam a belleza do universo.
Por suas leis os differentes corpos
Se ajuntam e se movem; o tridente
Que levanta e que abate as negras ondas
Escuta a sua voz, e o mesmo Jove,
Se troveja e fulmina, reconhece
Que ella o move, ella o rege, ella o desarma (19).
Funesta gloria, que custou a vida

Ao novo Prometheo, que impio roubára (20)
A subtil chamma do sagrado Olympo!
Por ella o nauta illustre e valeroso (21)
Vendo abaixo dos pés as tempestades,
Vai sobre as nuvens visitar a esphera.

E tu, quem és, oh nympha, tu que ajuntas,
Indagas e descobres os thesouros
Que fecunda produz a natureza? (22)
Recebe as tuas leis todo o vivente ;
O nobre racional, o vil insecto,
O mudo peixe, as aves emplumadas,
As indomitas feras, e escamosas
Mortiferas serpentes, e os amphibios
Que respiram diversos elementos.
Dos vegetaes na immensa variedade
Tu conheces os sexos, e distingues
Quaes servem ao commercio, e quaes restauram
A perdida saude ; tu nos mostras
A prata, o ouro, as pedras preciosas,
Com que opulenta a inclyta Lisboa
Vaidosa sobre o Tejo se levanta :
A tua mão benéfica, rasgando
Occultas véas d'asperos rochedos,
Arranca o ferro que revolve os campos,
Por quem o lavrador recolhe alegre

Do seu nobre suor os doces fructos.

E tu, que com poder quasi divino (23)
Imitas portentosa, rica e bella
As produções da sabia natureza,
Vem, ensina aos mortaes como a materia,
De mil diversos modos combinada,
Forma infinitos mil corpos diversos ;
Uns que respiram, outros que vegetam,
Outros que nem vegetam nem respiram.
Por tua mão laboriosa vejo
Em pedra transformar-se a molle argila,
Em crystal as arêas : tu desatas
A união dos metaes, e ainda esperas
Formar o ouro brilhante, que ennobrece
Da inculta patria minha os altos montes.
E se eu tremo de horror, vendo-te armada
Uma mão de mortiferos venenos,
Agradecido e respeitoso beijo
Outra mão, que benigna me prepara
As riquezas e as forças que reprimem
A pallida doença, rodeada
Dos espectros da morte... Ah vem, ó bella
Irman da natureza enfraquecida (24),
Que provida conservas, que renovas
Da humana vida a preciosa fonte.

De que serve o valor e os cheios cofres
De Midas ou de Cresos, se desmaiam
Em languidez os membros, quando a febre
E os correios da morte accelerados
Do afflicto coração ás portas batem.
Então cheia d'amor da humanidade
(Misera humanidade!), pouco a pouco
Tu a consolas e ergues d'entre as sombras
E frio horror da negra sepultura.
Estende, estende, ó deosa, a mão benigna
A' fraca humanidade! E tu, que podes
Unir os rotos lacerados membros (25),
E com saudavel e polido ferro
Afugentas a morte, e que conheces
Todos os laços da structura humana,
Entorna o doce balsamo da vida
Sobre os tristes mortaes. Já reconheço
Outra formosa nympha, que descreve (26)
Toda a extensão da terra, o mar, os rios,
As famosas cidades e as montanhas,
De polidas nações brandos costumes.
E de barbaros povos fera usança.
Sincera indaga, e cuidadosa exprime.
Com ella vem bellissima donzella (27),
Que com grave eloquencia narra os factos
Que o mundo vio desde a primeira idade :

Ella nos mostra em quadros differentes
Os tempos, as nações, e a varia sorte
De imperios elevados e abatidos,
As allianças, a implacavel guerra,
O progresso das artes, e a ruina.

Mas que illustre matrona entre as mais vejo
De verdes louros coroad a frente? (28)
Tem nas mãos plectro eburneo e lÿra d'ouro,
Que celebra os heróes, e que eternisa
No templo da memoria o nome e a fama
Dos inclytos monarchas; já das deosas,
A companhia escuta; já repousam
As nuvens sobre o cume das montanhas;
O rouco mar, ós ruidosos ventos,
A fonte, o rio, os echos adormecem;
Reina o silencio; em tanto solta aos ares
Calliope divina a voz sonora :

« Os tyrannos da patria, assoladores
Do povo desgraçado, são flagellos
Que envia ao mundo a colera celeste;
São dos mortaes o horror, a infamia, o odio,
Mais crueis do que a peste, a fome e a guerra.
E seu dia natal é dia infausto,
Dia de imprecação, epocha triste,

De susto e de geral calamidade;
Mas o monarcha generoso e pio,
Amor, delicias, esperanza e gloria
Na nação venturosa que protege,
É dom raro e magnifico que nasce
Da eterna mão que volve os céos e a terra.
O dia, o feliz dia que primeiro
O deu ao mundo, é dia assignalado,
É dia de prazer; o povo unido
Levanta as mãos ao céu; os puros votos,
Com as lagrimas de gosto misturados,
São a publica voz e o testemnhho
De gratidão, de amor e de ternura.
Tal é, rainha augusta, a vossa imagem;
Tal foi o inclyto rei, que teve a sorte
De deixar á saudosa Lusitania
A digna filha, generosa herdeira
Do grande coração, do vasto imperio.
Se elle invicto abateu com braço herculeo
A horrivel hydra, os detestaveis monstros,
Deixou tambem aos vossos firmes passos
Da bella gloria abertos os caminhos.
O coro illustre das reaes virtudes
Vos segue em toda a parte, e a esperanza
Da nação venturosa junto ao throno,
Erguendo os olhos e alongando os braços,

De vós confia, e só de vós espera
Os bellos dons da paz e da abundancia.
Vejo por terra a estúpida e maligna
Cohorte da ignorancia, e se ainda restam
Vestigios da feroz barbaridade,
O tempo os vai tragando : assim as folhas
Murchas e aridas cahem pouco a pouco
Dos proprios ramos nas regiões d'Europa,
Quando, pesado, o triste e frio inverno
Sobre o carro de gelo açouta as Ursas
E fere as nuvens com aguda lança.
Chegam por vós aos mais remotos climas
Premiadas as artes; eu as vejo,
Eu as ouço que, juntas neste dia,
Entre os transportes de prazer entoam
Ao vosso amavel nome eternos hymnos.
Elles voam, levando ao céu sereno
Nas brancas azas os mais ternos votos
De respeito e de amor que vos consagra
Rude, mas grato, povo americano.

« Já destes votos nasce e se derrama,
Como a neve dos Alpes, a torrente
Da vossa gloria, que de dia em dia,
Igual ao vosso nome, se levanta;
E os ultimos vindouros admirados

Inda a verãõ crescer no amor dos povos.

« E tu, que triste e pensativo observas
Este de gloria eterno monumento,
O' fero tragador dos bronzes duros,
Arroja o curvo ensanguentado ferro,
E confundido e temeroso adora
Aos pés do regio thronó lusitano
Da rainha immortal o nome augusto.

NOTAS

(1) Para verificar-se real a ascendencia desta excellentissima familia, basta notar que, sendo a sua varonia de Vasconcellos, e tendo principio no conde D. Osorio, este casou com D. Rufa, neta de el-rei D. Fernando; e igualmente que o excellentissimo sr. Affonso de Vasconcellos, setimo conde de Calheta, casou com a-princeza Pelagia Senfronia de Rohan, de quem nasceo o illustrissimo e excellentissimo sr. José de Vasconcellos e Sousa, quarto conde de Castello-Melhor.

(2) Desde o rio das Amazonas até o da Prata estão as provincias que formão o estado do Brasil.

(3) O novo caes na marinha da cidade.

(4) O magnifico edificio da alfandega, que tem na frente esta inscripção :

EN, MARIA PRIMA REGNANTE, E PVLVERE SVRGIT,
ET VASCONCELLI STAT DOMVS ISTA MANV.

(5) O Rio de Janeiro.

(6) O Passcio publico no lugar, onde houve uma lagôa, que infeccionava a vizinha cidade. Este sitio é delicioso pela sombra e boa ordem das arvores, plantas aromaticas, e crystallinas fontes.

(7) Martim Moniz, filho de D. Moninho Osorio, e neto do conde D. Osorio, governou uma das linhas da batalha do campo de Ourique, onde deo grandes provas do seu valor; e depois no anno de 1147, quando el-rei D. Affonso I sitiou e ganhou Lisboa, morreo valerosamente nas portas do castello, que ainda conservão o seu nome.

(8) D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, segundo conde de Castello-Melhor : na guerra da aclamação ganhou muitas victorias e governou as armas das provincias de Tras os Montes, do Minho, o exercito do Além-Tejo, e depois o estado do Brasil.

(9) Nestor, o mais prudente dos Gregos.

(10) Pedro de Vasconcellos e Souza, filho de Simão de Vasconcellos e Souza, neto de D. João Rodrigues de Vasconcellos e Souza, foi mestre de campo general com o governo das armas do Minho, Beira e Além-Tejo, governador e capitão general do estado do Brasil, embaixador extraordinario á corte de Madrid, do conselho de guerra, estribeiro-mór da princeza do Brasil, etc.

(11) Ilha deserta não mui distante da Madeira.

(12) Rio que perde o nome no Gran-Pará.

(13) Joaquim Machado de Castro, esculptor portuguez, auctor da estatua equestre.

(14) Celebre estatuario de Luiz XIV.

(15) Allusão a um gracioso episodio que se lê na *Historia*

do ingenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha, p. 2, cap. xx.

(16) Foi este poema recitado na Sociedade litteraria do Rio de Janeiro, no dia dos annos de Sua Magestade fidelissima dona Maria I, em 17 de dezembro de 1788.

(17) Mathematica.

(18) Physica experimental.

(19) As experiencias da materia electrica sobre o raio.

(20) O desgraçado professor de Petersburgo Richman, que morreo experimentando o conductor da materia electrica.

(21) O primeiro aeronauta Mr. Pilatre de Roziér. (Admira que o auctor não tivesse conhecimento das experiencias feitas em Lisboa e no seu seculo por Bartholomeo Lourenço de Gusmão, o voador, natural de Santos, cidade da provincia de S. Paulo, a quem pertence a iniciativa na aeronautica. V. as MEMORIAS DO VISCONDE DE S. LEOPOLDO e do CONEGO FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO revindicando essa gloria para a nação brasileira, na *Rev. trim. do Inst. hist. bras.*)

(22) Historia natural.

(23) Chimica.

(24) Medicina.

(25) Cirurgia.

(26) Geographia.

(27) Historia.

(28) Poesia.

INDICE

INTRODUÇÃO

I. — Advertencia sobre a presente collecção.	3
II. — Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros.	11
III. — Noticia sobre M. I. da Silva Alvarenga e suas obras.	35
IV. — Notas.	81
V. — Peças justificativas.	125

OBRAS POETICAS

SONETOS.

I. — A Estatua equestre do rei dom José I no dia da sua inauguração.	215
II. — A M. I. da Silva Alvarenga, Alcindo Palmireno, auctor do poema heroico <i>o Desertor</i> , por E. G. P..	215
III. — Ao mesmo, por L. J. C. S..	217

QUINTILHAS.

- Ao vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza no dia de seus annos. . . 221

CANÇÕES.

- I. — Apotheosis poetica a Luiz de Vasconcellos e Souza, vice-rei, e capitão general de mar e terra do Brasil. . . 229
II. — A Tempestade, no dia dos annos da rainha dona Maria I. . . 237

ODES.

- I. — A Affonso de Albuquerque. . . 245
II. — Á mocidade portugueza por occasião da reforma da universidade de Coimbra. . . 247
III. — A Inauguração da estatua equestre do rei dom José I. . . 255
IV. — O Recolhimento do Parto, recitada na presença do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza. . . 259

IDILIOS.

- I. — O Templo de Neptuno. A José Basilio da Gama, Termindo Sipilio. . . 267
II. — A Gruta americana. Ao mesmo. . . 275

EPISTOLAS.

- I. — Ao fidelissimo rei de Portugal dom José I no dia da collocação da sua estatua equestre. . . 283
II. — A José Basilio da Gama, Termindo Sipilio. . . 289

HEROIDE.

- Theseo à Ariadna. . . 297

SATIRA.

Os Vícios.. 307

EGLOGA.

O Canto dos pastores. 325

POEMA.

Às Artes . 331

NOTAS:

Notas ás poesias.. 344



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).